



Ana Alexandra Serrano Bragança

CIAS RELACIONAIS NA INFÂNCIA E VINCULAÇÃO AMOROSA NO ADULTO:
UM ESTUDO COM UMA AMOSTRA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

UE
172
854



UNIVERSIDADE DE ÉVORA | ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

**EXPERIÊNCIAS
RELACIONAIS NA INFÂNCIA
E VINCULAÇÃO AMOROSA
NO ADULTO:
UM ESTUDO COM UMA AMOSTRA DE
ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS**

Ana Alexandra Serrano Bragança
Orientação: Prof. Doutor Rui C. Campos

Mestrado em Psicologia
Área de especialização: *Psicologia Clínica e da Saúde*

Évora | 2010

UNIVERSIDADE DE ÉVORA: ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

**EXPERIÊNCIAS RELACIONAIS NA INFÂNCIA E VINCULAÇÃO
AMOROSA NO ADULTO:**
UM ESTUDO COM UMA AMOSTRA DE ESTUDANTES
UNIVERSITÁRIOS

Ana Alexandra Serrano Bragança
Orientação: Prof. Doutor Rui C. Campos

Mestrado em Psicologia

Área de especialização: Psicologia Clínica e da Saúde



172 854

Évora | 2010

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais. Porque sempre me proporcionaram a experiência e o sentido do que é ter uma base segura, que me permitiu e permite explorar, mas onde também posso retornar sempre que o mundo lá fora é adverso. Pelo amor e segurança que sempre me têm proporcionado.

Ao Duarte, ao meu moj. Todas as palavras são poucas para expressar o apoio que me deste, a paciência que tiveste, a forma como soubeste abdicar de mim, de ti e de nós para que isto fosse possível. Pelo amor que me dás, porque também tu és a minha base segura.

Ao Professor Doutor Rui Campos, meu orientador, por todas as palavras de encorajamento, dedicação e pelos ensinamentos teóricos que me permitiram concretizar este trabalho.

À Professora Doutora Isabel Leal, Professora Doutora Marisa Fonseca e Professor Doutor Pedro Dias, pela disponibilização das provas e pela atenção dispendida.

Aos Professores Rui Campos, Fátima Bernardo, Catarina Vaz Velho, José Saias, Teresa Gonçalves e Luís Miguel Rato por terem disponibilizado tempo e espaço das aulas para que fosse possível aplicar as provas necessárias para a realização deste estudo.

A todos os alunos da Universidade de Évora que participaram e contribuíram para a recolha de dados, sem vocês não seria possível.

À Maria em especial, pelo grande apoio na análise estatística. Sem ti tudo teria começado como um pesadelo. Pela amizade demonstrada.

À Willy, à Ritinha, Pipa e Raul, porque tudo o que parece impossível é mais fácil quando partilhamos as dificuldades com quem está ao nosso lado. Porque nós conseguimos. Grupo da Bandalheira hein?!

À Professora Isabel Mesquita, por me ter transmitido o gosto pela Psicologia Dinâmica. Transporte-o para mim.

Aos meus avós Eugénia e Inácio, porque embora o caminho não tenha sido fácil, sempre conseguiram percorrê-lo.

Ao meu avô João e à minha tia Júlia, com saudade.

RESUMO

Este estudo debruça-se sobre as experiências relacionais na infância, com as figuras significativas, dimensões e estilos de vinculação amorosa no adulto, de acordo com a Teoria das Relações de Objecto e a Teoria da Vinculação. Participaram 187 estudantes da Universidade de Évora, 109 mulheres e 78 homens. As idades variaram entre os 18 e os 43 anos ($M= 22,82$; $DP= 4,20$). Aplicou-se o Protocolo de Avaliação dos Marcadores do Desenvolvimento na Psicopatologia (PAMaDeP, Soares, Rangel-Henriques, Neves e Pinho, 1999) e a versão portuguesa (Ramos, Leal & Maroco, 2006) do Parental Bonding Instrument (PBI) referente às experiências na infância. Para avaliar a vinculação amorosa foi usada a versão portuguesa (Fonseca, Martins, Soares, Carvalho, Tereno e Carvalho, 2005) do Reciprocal Attachment Questionnaire, (RAQ) e do Loving and Working (L&W, Fonseca, Soares & Martins, 2006). Os resultados são discutidos de um ponto de vista desenvolvimentista, particularmente segundo a perspectiva da Teoria da Vinculação.

Palavras-Chave: Experiências relacionais na infância, vinculação amorosa no adulto, relações de objecto.

ABSTRACT

This study focuses on the relational experiences in childhood, with significant figures, dimensions and styles of romantic attachment in adults, according with Object Relations Theory and Attachment Theory Teoria da Vinculação. 187 students from Universidade de Évora had participate, 109 women and 78 men. Ages are ranged from 18 to 43 years ($M=22,82;DP=4,20$). We used the Protocolo de Avaliação dos Marcadores do Desenvolvimento na Psicopatologia (PAMaDeP, Soares, Rangel-Henriques, Neves e Pinho, 1999) and the Portuguese version (Ramos, Leal & Maroco, 2006) of the Parental Bonding Instrument (PBI) for the childhood experiments. In order to avaliate the romantic attachment used the Portuguese version (Fonseca, Martins, Soares, Carvalho, Tereno, e Carvalho, 2005) from the Reciprocal Attachment Questionnaire (RAQ) and from Loving and Working (L&W, Fonseca, Soares & Martins, 2006). The results are discussed from a developmental point of view, particularly from the perspective of Attachment Theory.

Keywords: relational experiences in childhood, romantic attachment in adults, object relations.

INDÍCE

Resumo.....	III
Abstract.....	IV
Índice.....	V
Introdução.....	1
Parte I - Enquadramento Teórico.....	5
Capítulo I – Experiências Relacionais na Infância.....	7
1. A importância da relação precoce para o desenvolvimento humano.....	7
2. A Teoria das Relações de Objecto.....	11
2.1. A noção da representação objectal – A relação internalizada.....	11
2.2. O contributo de Sidney Blatt.....	14
2.3. Contributos de diferentes autores.....	16
3. A Teoria da Vinculação.....	17
3.1. Sistemas de Vinculação.....	17
3.2. Contributos de John Bowlby.....	20
3.3. Contributos de Mary Ainsworth.....	25
Capítulo II – Vinculação do Adulto.....	31
1. Considerações gerais sobre a vinculação do adulto e sua avaliação.....	31
2. Modelo de Hazan e Shaver: O Sistema de Vinculação do Adulto.....	37
3. Modelo de Bartholomew: Relações Actuais, Modelo de Si e Modelo dos Outros.....	41
4. Modelo de West, Sheldon e Reiffer.....	43
5. Estudos Realizados.....	45
Parte II – Estudo Empírico.....	49
Capítulo III – Objectivos.....	51
Capítulo IV – Metodologia.....	54
1. Amostra.....	54
2. Instrumentos.....	56
3. Procedimento.....	64
Capítulo V – Resultados.....	66
1. Análise descritiva do PBI e PAMaDeP.....	66
2. Análise das Correlações.....	67

3. Análise da Variância.....	71
Capítulo VI – Discussão dos Resultados.....	76
Conclusões.....	84
Referências Bibliográficas.....	86
Anexos.....	VII

INTRODUÇÃO

A teoria psicanalítica e a teoria da vinculação têm enfatizado a importância que a relação precoce com as figuras significativas ou de vinculação têm para o desenvolvimento e de como a vivência dessa relação determina em grande parte os processos e os estilos de relação amorosa que o sujeito estabelece na idade adulta.

O presente trabalho pretende estudar a relação entre as experiências relacionais na infância com as figuras significativas, mãe e o pai, e os processos e estilos de vinculação amorosa na idade adulta. Tem como principais bases teóricas a Teoria da Vinculação (segundo a perspectiva de Bowlby e Ainsworth) e a Teoria das Relações de Objecto, em estudantes universitários.

Se a investigação no domínio da vinculação e das relações objectais tem dado um contributo para compreender a forma como vivenciamos e nos relacionamos com aqueles que são ou se tornam de alguma forma significativos para nós, enquanto cuidadores e agentes relacionais, no fundo que nos mostram o *que é* e *como é a relação*; então esta relação e a sua qualidade podem, de acordo com estas perspectivas teóricas, ser bons preditores da forma como nos relacionaremos mais tarde, com aqueles que se tornam depois, ao longo do desenvolvimento e de acordo com a etapa da vida em que nos encontramos, as nossas figuras significativas actuais; por exemplo, o par amoroso ou companheiro romântico. Esta investigação será então útil se puder dar contributos para compreender que determinado tipo de experiências relacionais, nomeadamente experiências disfuncionais na infância poderão, associar-se, a dificuldades e a um estilo inseguro da vinculação amorosa na idade adulta, mostrando se existe ou não uma *continuidade* no padrão, um fio condutor que prediz de certa forma, as características de funcionamento da relação amorosa com o parceiro.

Para a avaliar as experiências relacionais na infância foi utilizado o *Parental Bonding Instrument* (PBI) e o *Protocolo de Avaliação de Marcadores do Desenvolvimento na Psicopatologia* (PAMaDeP), avaliando ambos, as expressões de afecto e de cuidado, bem como de rejeição, abandono, hiper-protecção e dependência para com os pais. Para a avaliação dos processos e estilos de vinculação amorosa, foram utilizados o *Reciprocal Attachment Questionnaire* (RAQ) e o *Loving and Working* (L&W), que nos permitem avaliar primeiro, as dimensões de vinculação adulta e, o segundo, os estilos de vinculação amorosa. A escolha dos instrumentos de avaliação

da vinculação amorosa foi baseada numa perspectiva de complementaridade, combinando uma abordagem de categorização dos processos de vinculação amorosa, mas também uma abordagem dimensional de avaliação da vinculação, abordagens estas que serão descritas no capítulo II.

Que tenhamos conhecimento, nenhum trabalho publicado até à data relacionou especificamente as dimensões avaliadas pelos instrumentos por nós aplicados para estudar a relação mencionada, tornando-se este trabalho útil e complementar aos resultados obtidos noutros estudos sobre a mesma temática, dando um pequeno contributo para a confirmação empírica das teorias que olharam para as relações amorosas adultas como produto do funcionamento das relações precoces, nomeadamente as disfuncionais.

Este trabalho encontra-se organizado em duas partes: numa primeira parte é exposto o enquadramento teórico sobre a temática em estudo, sendo esta constituída por dois capítulos. O capítulo I é referente às experiências relacionais na infância, e o capítulo II à vinculação do adulto; na segunda parte é apresentado o estudo empírico: objectivos, metodologia, resultados, discussão e por último, conclusão.

Ao longo do primeiro capítulo é apresentada a importância da relação precoce para o desenvolvimento e para a formação da personalidade, focando-nos nos conceitos de representação mental e de Modelos Internos Dinâmicos, como pistas para a compreensão da possibilidade de se perpetuar o estilo de relação com as figuras significativas ao longo do desenvolvimento. São apresentados os principais pressupostos da Teoria das Relações de Objecto, nomeadamente o conceito de representação objectal, enquanto veículo para que esta possa ser internalizada, bem como o contributo de diversos autores. Em seguida, são apresentados os principais pressupostos da Teoria da Vinculação de Bowlby (1969/82; 1973; 1980), bem como os estudos posteriores de Ainsworth e colegas (1978) que permitiram validar empiricamente a teoria da vinculação e metodologias de investigação capazes de identificar diferenças individuais em padrões de comportamento de vinculação. São também apresentados neste capítulo, os sistemas de vinculação de uma forma geral e o sistema de cuidados – *caregiving*, de uma forma mais específica.

O segundo capítulo diz respeito ao tema da vinculação do adulto, nomeadamente ao das relações amorosas. Numa primeira parte é apresentada a definição do próprio conceito, bem como das suas características mais importantes. Depois, são apresentadas as principais questões ligadas à avaliação da vinculação no adulto, nomeadamente às diversas abordagens existentes contendo, cada uma delas,

algumas descrições de modelos e estudos já realizados. Após este apanhado geral acerca dos processos de vinculação adulta, incide-se em alguns modelos explicativos da vinculação adulta, nomeadamente o modelo de Hazan e Shaver (1987), que descreve o amor romântico como um processo de vinculação que pode ser categorizado em diversos estilos; o modelo de Bartholomew (1990), acerca das Relações Actuais, Modelo de Si e Modelo dos Outros; e por último, o modelo de West, Sheldon e Reiffer (1987), acerca dos processos de vinculação adulta, ao nível das dimensões da vinculação e padrões de vinculação ansiosa, baseado nas ideias de Bowlby acerca do constructo. Por último, são apresentados alguns estudos já realizados e que de alguma forma são pistas importantes para a compreensão dos nossos resultados.

Na segunda parte deste trabalho, ao longo do capítulo III, é feita uma apresentação dos objectivos da presente investigação, da pertinência da mesma e ainda as hipóteses que se colocam. No capítulo IV é descrita a metodologia da investigação realizada junto de 187 estudantes universitários, onde se caracteriza cada um dos instrumentos utilizados, bem como o procedimento efectuados para a obtenção dos resultados. Seguidamente são apresentados no capítulo V os resultados e, no capítulo VI, a discussão.

Finalmente, são expostas as principais conclusões do trabalho realizado, procurando reflectir-se sobre o seu contributo de um ponto de vista metodológico e conceptual, para a área de estudo em questão.

PARTE I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO I

EXPERIÊNCIAS RELACIONAIS NA INFÂNCIA

1. A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO PRECOCE PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO

As relações que estabelecemos com aqueles que de mais perto nos rodeiam são um dos aspectos mais importantes da nossa vida. É reconhecendo que as relações significativas podem ser factores de risco ou de protecção, pois ora promovem o sentimento de segurança e auto-estima e contribuem para o bem-estar global do indivíduo, ora geram condições adversas de existência e implicam considerável sofrimento (Canavarro, 1999). É daqui, que surge como imperativo olhar para as relações precoces como algo fundamental para o desenvolvimento da personalidade de cada indivíduo.

É no seguimento desta ideia-chave acerca do desenvolvimento daquilo que somos [seres relacionais], que se inserem duas teorias vistas como importantes bases teóricas na compreensão das experiências relacionais durante a infância com as figuras significativas e das consequências desenvolvimentais futuras ao nível das relações inter-pessoais e estruturação da personalidade: a Teoria das Relações de Objecto e a Teoria da Vinculação.

Assim, é desde a infância, no experienciar da relação precoce com as figuras significativas, que podem ser encontrados os ingredientes para o estabelecimento de relações (íntimas) na adolescência e na idade adulta (Lima, Vieira & Soares, 2006; Klein, 2007). A influência destas relações pode ser, assim, central para o funcionamento social posterior aos anos vivenciados na infância. Por exemplo, Bowlby, argumentou que as relações precoces tornam-se um modelo para as relações futuras, influenciando as expectativas e crenças acerca de si mesmo, que interferem e transformam as competências sociais e o bem-estar ao longo da vida (Collins & Read, 1990), constituindo-se como as primeiras experiências emocionais de natureza relacional, que funcionarão como protótipos para as relações íntimas durante todo o processo de desenvolvimento dos indivíduos (Soares & Dias, 2007).

Estas relações vão-se internalizando, sendo que este processo culmina naquilo que foi designado por ambas as teorias de *representação mental*, de acordo com a Teoria das Relações de Objecto e de *modelos internos dinâmicos* (Internal Working Models, de acordo com a designação original), segundo a Teoria da Vinculação. Estas representações ou modelos internos são construídos no contexto das relações com o objecto/figura de vinculação, permitindo a organização da experiência sob a forma de representações generalizadas sobre o self, o objecto/figura de vinculação e as relações. Estes proporcionam um mecanismo de continuidade na acção dos estilos de relação estabelecidos precocemente, evidenciando assim, mais uma vez, a importância dos mesmos na compreensão do papel das relações precoces na determinação das relações estabelecidas posteriormente na idade adulta (Lima *et al.*, 2006; Collins & Read, 1990).

A qualidade do relacionamento pais-criança, especialmente as experiências precoces relacionadas com a vinculação e a separação, contribui substancialmente para o conteúdo e organização estrutural destes modelos/representações, uma vez que caso existam experiências precoces de cuidados construtivos, estas conduzem cada vez mais a criança para um consolidado sentido de *self*, e dos outros, nos vários tipos de interacção. Estas estruturas generalizadas de memória, criam expectativas acerca das subseqüentes interacções e determinam o modo de resposta comportamental. Quanto mais estável, positiva, segura e consolidada for a relação mãe-bebé, maior será o sentido da criança acerca da mãe e dos outros, bem como do *self* na ausência da mesma (Blatt, 2004b).

Embora actualmente ambos os conceitos estejam ainda envolvidos em alguma controvérsia, aparentam semelhanças importantes e ambos significam e representam ao nível do funcionamento mental, a internalização das relações, de acordo com as bases teóricas que lhes dão forma.

O conceito psicanalítico de representação mental é próximo do conceito de internal working model na teoria da vinculação (bem como ao de esquemas cognitivo-afectivos na cognição social) no entanto, as teorias psicanalíticas e a psicologia do desenvolvimento, embora se focalizem ambas no desenvolvimento das representações do objecto, dão uma importância diferente às dimensões afectivas e cognitivas no desenvolvimento do conceito de objecto (Blatt, 2004b).

Por exemplo, Piaget (1956) e Werner (1948), sugeriram que as componentes afectivas e cognitivas acerca do *self* e dos outros, se desenvolvem epigeneticamente e tornam-se cada vez mais precisas e articuladas como estruturas conceptualmente

mais complexas, ao longo do tempo (Blatt & Levy, 1998). Estudaram como a criança desenvolve esquemas cognitivos face a objectos primários inanimados, como por exemplo um brinquedo, essencialmente sob circunstâncias neutras. Teóricos do desenvolvimento, numa linha psicanalítica e investigadores da vinculação, por seu lado, debruçaram-se sobre o mesmo processo desenvolvimental, mas focaram-se, primariamente, na forma como a criança desenvolve esquemas cognitivo-afectivos do mundo interpessoal (conceitos do *self* e dos outros) em estados de desequilíbrio (e.g. separação prolongada ou momentos de agitação), especialmente das relações de cuidado (Blatt, 2004a).

Estas duas correntes, descrevem o desenvolvimento dos esquemas cognitivo-afectivos na mesma sequência desenvolvimental, mas diferem, sobretudo, em algum grau, na especificação do tempo em que um particular esquema cognitivo-afectivo surge pela primeira vez. Os teóricos do desenvolvimento cognitivo geralmente especificam que um esquema em particular ocorre um pouco mais tarde que os psicanalistas do desenvolvimento. Estas diferenças, no entanto, são consistentes com as descobertas, que dizem que as estruturas cognitivo-afectivas surgem inicialmente no âmbito das relações de cuidado e só depois são generalizadas como esquemas que a criança usa para compreender o mundo inanimado. Os esquemas cognitivo-afectivos surgem, em primeiro lugar nas relações de cuidado, estabilizando-se depois como estruturas cognitivas, podendo por isso proporcionar uma considerável compreensão do desenvolvimento do mundo representacional (Blatt, 2004b)

O estudo das representações mentais na teoria psicanalítica das relações de objecto é baseado, principalmente no estudo da psicopatologia, especialmente em adultos, sendo que, a investigação dos *internal working models* na teoria da vinculação deriva predominantemente do estudo do comportamento de crianças normais e das suas mães. Comparações entre conceitos da teoria da vinculação e das teorias da relação de objecto, têm sido até agora, essencialmente teóricas (Blatt & Blass, 1990). No entanto, a integração dos conceitos das duas teorias oferece uma possibilidade de compreensão mais profunda das complexas relações interpessoais e das dimensões cognitiva e afectiva no desenvolvimento normal e patológico ao longo do ciclo de vida (Diamond & Blatt, 1994).

Ambas as teorias têm cada vez mais reconhecido que a criança não internaliza uma imagem estática ou representação do *self* e dos outros, mas que internaliza construções de diferentes dimensões das relações de cuidado, afectivamente carregadas de experiências de gratificação e frustração, sendo que estas últimas são

inevitáveis no decorrer do desenvolvimento, e que são sem dúvida um importante caminho para a internalização destas representações (Blatt, 1995).

Estas relações internalizadas sob a forma de representações mentais, ou de modelos internos dinâmicos, incluem a concepção do comportamento das figuras significantes para o indivíduo, bem como a concepção de *self* nessas relações íntimas (Blatt, Levy & Shaver, 1998), sendo assim vistos como organizadores e influenciadores do desenvolvimento da personalidade e das relações interpessoais estabelecidas ao longo do ciclo de vida.

A dimensão representacional da Teoria da Vinculação é baseada na assumpção que o padrão das relações de cuidado é cada vez mais central na estrutura cognitivo-afectiva da criança através da internalização das interações pais-criança. Durante os primeiros 18 meses de vida, a criança estabelece modelos internos dinâmicos (IWM) das relações de vinculação (Blatt, 1995).

Os *internal working models*, na vinculação derivam principalmente das interações centradas em torno das experiências relacionadas das crianças cuja propensão passa por procurar a proximidade do seu cuidador primário. Estes IWM, formados na infância tendem a moldar a construção de relações subsequentes, sendo estruturados processos que facilitam ou limitam o acesso à informação (Diamond & Blatt, 1994).

Nestas perspectivas está, como se pode entender, algo tão importante como o desenvolvimento da personalidade, tendo por isso, as relações precoces, um grande impacto ao nível do mesmo que é largamente determinado pela forma como o objecto/cuidador, estará ou não disponível, presente e responsivo às necessidades da criança (Collins & Read, 1990).

O desenvolvimento da personalidade pode ser visto como a envolvente de uma operação complexa dialética entre dois processos desenvolvimentais fundamentais: o desenvolvimento de relações interpessoais cada vez mais estáveis, duradouras mutuamente satisfatórias, bem como o desenvolvimento diferenciado, consolidado, estável, realístico, essencialmente positivo e integrada da definição do *self* ou da identidade. Esta forma de olhar para o desenvolvimento da personalidade, proporciona uma oportunidade para apreciar de uma forma mais profunda o importante papel que as relações interpessoais, nomeadamente as relações precoces estabelecidas com a mãe, têm no estabelecimento de relações íntimas na idade adulta, que sejam maduras, mutuamente satisfatórias e recíprocas (Blatt & Blass, 1996).

Neste sentido, e de acordo com ambas as teorias, o desenvolvimento da personalidade tem como base as interacções com os outros, internalizadas, onde o *self* é visto como algo que é composto e mantido pelas relações passadas e presentes, conforme a qualidade destas relações.

Posto esta breve introdução geral, olhamos de uma forma mais pormenorizada para cada uma das teorias, bem como para os seus contributos para a compreensão das temáticas em descrição.

2. A TEORIA DAS RELAÇÕES DE OBJECTO

O objectivo da presente secção é apresentar, de uma forma mais pormenorizada, a Teoria das Relações de Objecto, como contributo fundamental para a compreensão da temática em estudo. Esta é constituída por três pontos: o primeiro tem como objectivo descrever as relações objectais, como sendo internalizadas, enquanto conceito fundamental da referida teoria. Em segundo lugar, prestaremos um olhar mais atento aos contributos que Sidney Blatt deu na compreensão da importância das relações precoces para o desenvolvimento do individuo e das relações e por último, serão apresentados os contributos de diferentes autores, nomeadamente de António Coimbra de Matos.

2.1. A NOÇÃO DE REPRESENTAÇÃO OBJECTAL – A RELAÇÃO INTERNALIZADA

Como referimos anteriormente, as relações precoces com as figuras significativas na infância, são internalizadas sob a forma de representações mentais, ou, segundo a teoria psicanalítica das representações objectais. As representações objectais (imagens intra-psíquicas do *self* e dos outros), derivam da internalização das relações de objecto. Os esquemas mentais vão surgindo gradualmente da interacção entre as experiências interpessoais, com as estruturas internas das crianças (Fritsch & Holmstrom, 1990) num dado momento, sendo assim determinante a qualidade das

relações interpessoais nas características do mundo representacional, através da internalização (Campos, 2000). O processo de internalização das relações conduz à formação de estruturas intra-psíquicas, representações do próprio e do objecto e permite o desenvolvimento das funções do ego. O estabelecimento das estruturas representacionais, além de depender da matriz interpessoal, da família e da cultura é também determinado pelas predisposições biológicas da criança, numa complexa interacção (Blatt & Lerner, 1983).

Estes esquemas, ou representações mentais do *self* e dos outros [representações objectais (Blatt, Auerbach & Levy, 1997)], desenvolvem-se ao longo de todo o ciclo vital e possuem componentes cognitivas conscientes e inconscientes, afectivas e experienciais (Blatt, 2004a), sendo construídas nas trocas interpessoais que começam com a relação criança-cuidador e revelam uma parte do processo maturacional normal (Blatt *et al.*, 1997). Eles fornecem os modelos ou protótipos que estruturam como cada um pensa ou sente acerca de si mesmo e acerca dos outros (Blatt *et al.*, 1997), ao longo do desenvolvimento, sendo afectadas grandemente pelas interacções precoces com os outros significativos. São posteriormente transformadas em estruturas psíquicas (e.g. ego e funções do superego) (Blatt & Diamond, 1994). Para além do mais, fornecem informação afectivamente carregada do objecto, do *self* e do *self* em relação ao objecto através da gradual internalização de memórias episódicas (Stern, 1985).

Estas representações proporcionam um modelo para processar e organizar informação, de modo a que, novas experiências sejam assimiladas nas estruturas mentais já existentes. O conteúdo e a estrutura destas representações têm componentes conscientes e inconscientes que funcionam como guias heurísticos que organizam e direccionam o comportamento, particularmente nas relações interpessoais (Blatt & Lerner, 1983).

A teoria e os resultados da investigação têm, por seu lado, atribuído às relações precoces de cuidado, um papel importante no desenvolvimento das representações do *self* e dos outros, tanto no desenvolvimento normal como no patológico especificamente têm atribuído importância aos laços de sintonia relacional entre o cuidador e criança aos padrões de envolvimento e não envolvimento nos primeiros anos de vida e nos padrões de vinculação e separação na primeira metade do segundo ano. São assim demonstradas, as contribuições das relações emocionais precoces para o desenvolvimento dos esquemas interpessoais cognitivo-afectivos (Blatt *et al.*, 1997).

Os esquemas cognitivo-afectivos são estabelecidos nas interacções interpessoais ao longo do ciclo da vida, começando com as experiências precoces da criança nas relações de cuidado com a mãe, como já foi referido. Com o desenvolvimento, as representações objectais vão se tornando incrivelmente diferenciadas, integradas e precisas (Blatt & Lerner, 1983), através de repetidas experiências de frustração e gratificação, dadas por um objecto suficientemente gratificante e consistente.

A natureza das relações de objecto, determina o nível de representação atingido e por sua vez, o estabelecimento de representações mais diferenciadas e estáveis proporciona uma organização para novas experiências interpessoais. As relações de objecto e as representações estão assim em constante dialética e interacção. As representações emergem da relação afectiva entre o cuidador e a criança, que por sua vez, organiza as futuras experiências ao nível desta relação e das demais, conduzindo-a para o próximo estágio de representação.

As representações começam por situar-se num nível *sensório-motor*, passam para um nível de *objecto perceptivo*, segue-se um nível de representação *icónico*, atingindo finalmente o nível *conceptual*.

O desenvolvimento de representações conceptuais e simbólicas é conseguido nos últimos estádios de separação/individuação, com a resolução da crise edipiana (Blatt, 1974 citado por Campos, 2000). A perda objectal passa a ser aceite, porque se estabeleceu uma adequada representação objectal, uma *representação conceptual* global de um objecto total, independente, com características, funções, sentimentos e valores duradouros, que reintegra as diferentes partes separadas do objecto. O contacto directo com o objecto torna-se desnecessário, para que se mantenha a sua representação. O objecto permanece interno, podendo ser deixado externamente.

O nível de representação indica o nível de desenvolvimento, tal como o nível de diferenciação que for alcançado e a qualidade da relação com o objecto (Hartmann, Kris & Lowenstein, 1949, citado por Blatt, 2004a).

As representações mentais de relações de cuidado construtivas facilitam o desenvolvimento psicológico, uma vez que estas permitem que o indivíduo mantenha o nível alcançado, mesmo que as fontes habituais, de suporte interpessoal, estejam num dado momento indisponíveis. Ao longo da vida, as representações objectais permitem que as experiências individuais de separação possam ocorrer, sem profundas disrupções. Estas associam-se frequentemente à separação precoce, privação, ou perda afectiva. Por outro lado, o nível de desenvolvimento das

representações objectais nas relações com os outros significativos é um aspecto integrante de um maduro e efectivo sentido de *self* (Blatt, 2004a).

2.2. O CONTRIBUTO DE SIDNEY BLATT

Um dos autores cujos trabalhos e que assenta o seu entendimento no desenvolvimento normal e patológico na Teoria das Relações de Objecto e que estudou detalhadamente o desenvolvimento das representações mentais, é Sidney Blatt.

Blatt e seus colegas (1974) sugeriram que duas linhas desenvolvimentais paralelas estão envolvidas no desenvolvimento da personalidade ao longo do ciclo de vida e que norteiam o estabelecimento de relações interpessoais: a linha anaclítica e a linha introjectiva (Cramer, Blatt & Ford, 1988). Esta diferenciação de duas configurações de personalidade anaclítica e introjectiva, permite estabelecer uma base conceptual para compreender e organizar diferentes formas de psicopatologia e a relações entre elas.

A configuração anaclítica da personalidade é, genericamente, orientada para o objecto e envolve temas de relacionamento e intimidade. Estas questões do relacionamento interpessoal são expressas em preocupações sobre a confiança, proximidade, afecto e a possibilidade de depender do outro, assim como a capacidade de dar e receber amor num contexto de segurança, cooperação e mutualidade. A psicopatologia dentro da configuração anaclítica envolve preocupações e conflitos à volta dos temas do inter-relacionamento, e os sintomas são expressões de tentativas exageradas de compensar por disrupções nas relações interpessoais. O desejo básico é o de ser amado (Blatt & Shichman, 1983). A psicopatologia nesta linha é vista como o exacerbar das tarefas desenvolvimentais, como um desvio ao normal.

Por outro lado, na configuração introjectiva da personalidade as preocupações primárias relacionam-se com a identidade, o controlo, a auto-definição e o valor próprio. O foco não é em partilhar afectos – em amar e ser amado – mas sim na definição do *self* como uma entidade separada e diferente de outro, com um sentido de autonomia e controlo sobre o seu corpo e mente, com sentimentos de valor próprio

e integridade. A preocupação com questões de autodefinição domina todas as relações interpessoais na personalidade introjectiva (Blatt & Shichman, 1983).

O autor, integrou a teoria psicanalítica e a teoria desenvolvimental Piagetiana (1956) e de Werner (1948), já referida anteriormente, que sugeria que as componentes cognitivas e afectivas das representações mentais do *self* e dos outros se desenvolvem epigeneticamente e tornam-se cada vez mais precisas, articuladas como estruturas conceptualmente mais complexas ao longo do tempo. De acordo com esta abordagem, novos modos de representação são cada vez mais abrangentes e efectivos, que os modos mais precoces de representação. Seguindo estes princípios epigenéticos, Blatt e colegas salientaram que as representações do *self* e dos outros variam desde um nível em que são globais, difusas e fragmentadas, até um nível em que se vão tornando cada vez mais diferenciadas, flexíveis e hierarquicamente organizadas, como resultado das experiências anteriores (Blatt *et al.*, 1998).

A partir desta perspectiva, Blatt identificou então *pontos nodais* no desenvolvimento da estrutura das representações mentais e delineou a relevância destes pontos para compreender a ampla gama de problemas psicopatológicos. Estes pontos centrais são: *constância dos limites (boundary constancy)*, em que o sujeito é capaz de reconhecer uma delimitação entre o *self* e os outros e entre o *self* e o *nonself*; *constância libidinal (recognition or emotional constancy)*, em que o sujeito é capaz de estabelecer e manter uma vinculação emocional consistente com uma pessoa particular e que permite uma vinculação segura; *constância evocativa (evocative or object constancy)*, em que o sujeito é capaz de estabelecer e manter uma relação emocional positiva com um outro significativo quando esse outro está ausente, ou quando está em conflito com a pessoa significativa e onde os padrões de vinculação segura e insegura se tornam evidentes por volta da emergência deste esquema; *constância do self e do objecto (self-constancy)*, em que o sujeito é capaz de manter uma representação do *self* como diferente e distinta dos outros e, duradoura no espaço e no tempo, independentemente do seu estado emocional. Os conceitos de *self* e dos outros desenvolvem-se a partir da emergência deste esquema, numa *interacção recíproca ou dialética*, tornando-se a criança cada vez mais capaz de diferenciar o *self* dos outros, e finalmente *pensamento operativo concreto (operational thought)*, onde o sujeito é capaz de coordenar as várias dimensões, e conseqüentemente posicionar-se dentro da configuração triádica das relações interpessoais de uma família e finalmente em contextos sociais mais amplos (Levy *et al.*, 1998).

Em jeito de síntese, pode dizer-se que para Blatt (1974), existe uma constante e recíproca interacção entre o passado e o presente para o estabelecimento das relações interpessoais e para o desenvolvimento das representações. Os esquemas envolvem a internalização do objecto e a representação do *self*, que proporcionam uma organização revista para o sujeito se posicionar nas relações interpessoais subsequentes (Blatt & Lerner, 1983).

2.3. CONTRIBUTOS DE DIFERENTES AUTORES

A teoria psicanalítica, no que concerne à compreensão das relações precoces da díade mãe-criança, é bastante vasta, beneficiando do contributo de diversos autores, que com os seus trabalhos, enriqueceram a teoria das relações de objecto.

António Coimbra de Matos (1979/2007a), teorizou acerca do papel do objecto como organizador do mundo interno do sujeito, no sentido em que as suas qualidades intrínsecas e os seus modos explícitos de agir, são agentes da maior importância na maturação pulsional e na estruturação do Eu.

O objecto tem assim, uma influência forte na organização da realidade interior ou psíquica, na construção do fantasma, logo, a construção do bom objecto interno total é, uma importante fase da evolução psicológica. Com este bom objecto interno total, quer significar-se o objecto total pós-ambivalente, o objecto predominantemente bom, também conhecido por objecto com continuidade afectiva; isto é, que apesar de algumas características más ou negativas, mantém uma continuidade têmporo-espacial dos aspectos bons, o que lhe permite permanecer estável e privilegiado, significativo, contínuo, como objecto do afecto do sujeito, é o objecto de amor, que só se consolida verdadeiramente com a ultrapassagem do conflito edipiano (Coimbra de Matos, 1979/2007a).

É com a constituição deste objecto interno total, caminhando paralelamente com a estruturação do Eu coerente e com limites bem definidos, e com uma auto-estima de si próprio suficiente, segura, e plenamente assumida (um *self* isento de feridas narcísicas abertas), que se atinge a relação de objecto genital – essa forma de o sujeito se relacionar com o mundo que o circunda sem uma dependência excessiva dos objectos reais e actuais e sem o risco iminente de perda da individualidade em

face dos abalos ou rupturas no seu sistema relacional concreto (Coimbra de Matos, 1979/2007a).

Na construção lenta e progressiva deste objecto, que se processa desde as primeiras relações, desempenha um papel fundamental a coerência e qualidade do investimento que a mãe faz na criança, por um lado, e a quantidade de projecção agressiva que a criança faz na mãe, ela própria (essa projecção) dependente de frustrações anteriores, e precoces, sofridas em consequência de uma realidade tangível mas não compreendida.

Por isso, e segundo ainda Coimbra de Matos (1979/2007b), o contributo da relação é de importância extrema na ligação mãe-filho, marcando o comportamento social de um e outro que cimentam as bases de uma interacção, a relação primária, que é de importância extrema para a evolução harmónica do recém-nascido e para o seu desenvolvimento futuro. Todo o contacto, que ultrapassa a aleitação, vai ter então repercussões na organização da relação primária, fornecendo-lhe os fundamentos da experiência boa, fácil e possível, ou, na sua falha ou falhas, do relacionamento difícil, tortuoso e conflitual, deixar possivelmente marcas que dificilmente serão apagadas ou preenchidas no desenvolvimento futuro. Quando este contacto, natural e necessário, é prejudicado ou impedido, a recusa, a incompreensão e a falta de sincronia de apelos e respostas são de uma frequência, intensidade e extensão apreciavelmente maiores, condicionando a fragilidade e conflituosidade da relação na díade mãe-filho, confundido e deturpando este ser em marcha evolutiva.

Também outros autores como Melanie Klein, com as suas formulações acerca da posição depressiva e de Michael Balint, sobre a “falha básica”, são importantes para o entendimento das relações precoces entre o objecto e a criança e como esse relacionamento é crucial para o seu desenvolvimento posterior.

3. A TEORIA DA VINCULAÇÃO

Uma vez apresentada uma das teorias cujo papel é extremamente importante para a compreensão da temática em estudo, apresentamos nesta secção, a Teoria da Vinculação como importante contributo para a compreensão do nosso trabalho. Começamos por apresentar conceitos como o de *Sistemas de vinculação*,

nomeadamente o *Sistema de Caregiving*, bem como outros conceitos relevantes. Posteriormente, apresentamos os principais contributos de John Bowlby para o desenvolvimento da Teoria da Vinculação, bem como os de Mary Ainsworth e da forma como utilizou a teoria de Bowlby para o desenvolvimento da teoria sobre as diferenças individuais de vinculação a partir de uma situação experimental.

3.1. SISTEMAS DE VINCULAÇÃO

Ao longo do desenvolvimento da teoria da vinculação, principalmente com os trabalhos de John Bowlby (de quem falaremos mais pormenorizadamente no ponto seguinte), foram sendo dados contributos importantes para perceber o desenvolvimento das relações precoces entre a criança e o seu cuidador bem como das restantes relações ao longo do ciclo de vida. O autor aglutinou as relações em termos do conceito etiológico de “sistemas comportamentais”, uma nova forma de compreender o desenvolvimento dos relacionamentos e a sua função. O sistema de vinculação é assim um de muitos outros sistemas comportamentais, que têm envolvido a promoção da sobrevivência e o sucesso reprodutivo: sistema exploratório, sistema afiliativo e sistema sexual.

O objectivo do sistema de vinculação é procurar protecção de modo a manter a proximidade com a figura de vinculação, em resposta a uma ameaça de perigo (George & Solomon, 1999). Desta forma, o sistema de vinculação tem assim um objectivo externo, que é o de estabelecer a proximidade física com a figura de vinculação, em função do contexto (Guedeney, 2004).

De acordo com a teoria da vinculação, o factor mais importante a guiar esta relação pivot é a experiência da criança com os seus cuidadores. O facto de as crianças receberem alguma forma de cuidados, de uma forma regular, sugere que a aproximação simples da figura de vinculação é suficiente para o desenvolvimento da vinculação (Bowlby, 1969/1982), sendo a qualidade do cuidado, determinante para a qualidade da organização da vinculação. Isto torna-se claro na confiança da criança na disponibilidade do cuidador (George & Solomon, 1999).

Assim, Bowlby (1969/1982) propôs que o comportamento da figura de vinculação é organizado por um sistema comportamental de cuidados – o sistema de *caregiving*.

Este sistema tem a ver com o conjunto de comportamentos parentais que compreendem tanto cuidados físicos como afectivos prestados às crianças, numa perspectiva biológica, em certa medida programado, como o comportamento de vinculação (Rabouam & Moralès-Huet, 2004).

Apesar de ter sido Bowlby a abordar a questão do caregiving pela primeira vez, foi George e Solomon (1996) que introduziram a designação de caregiving system para descrever especificamente os comportamentos parentais que visam promover a proximidade e o reconforto quando a criança se sente, por algum motivo, em perigo, implicando isto comportamentos como o chamar, abraçar, segurar, seguir ou consolar (Rabouam & Moralès-Huet, 2004)

Segundo George e Solomon (1999), um sistema é constituído por comportamentos coordenados que têm objectivos específicos e uma função adaptativa: o sistema de *caregiving* é recíproco do sistema de vinculação e a sua função adaptativa é a protecção das crianças. Os sinais internos e externos associados às situações que o progenitor percebe como perigosas ou stressantes para a criança activam o sistema de *caregiving* (como acontece com o sistema de vinculação). Da mesma forma, o sistema de *caregiving* é desactivado quando a proximidade física ou psicológica é conseguida e o bebé é reconfortado.

Os comportamentos de cuidado são *corrigidos quanto ao objectivo*, o que permite uma grande flexibilidade em função do contexto e das experiências dos pais e das crianças. Este sistema, integra também representações mentais, no entanto, existe uma disparidade entre pais e filhos no que diz respeito a elas, uma vez que os pais, têm necessariamente mais informação do que os filhos, devido não só à sua experiência de também serem eles próprios filhos, mas também de serem simultaneamente pais, podendo avaliar assim a situação de diferentes perspectivas (Rabouam & Moralès-Huet, 2004).

Para Cassidy (1999), o sistema de *caregiving* interage com os outros sistemas comportamentais parentais e pode entrar em competição com eles, uma vez que, apesar dos papéis parentais serem definidos biológica e socialmente, por exemplo um pai não é só um pai: pode ser um amigo (sistema afiliativo), um parceiro sexual (sistema sexual) e o filho dos seus próprios pais (sistema de vinculação).

Relativamente a esta interacção de sistemas, no caso do sistema de cuidados (*caregiving*) e do sistema de vinculação, embora a relação mãe-criança seja vista como complementar, ou seja, apesar do comportamento da mãe ser geralmente diferente do da criança, usualmente o comportamento de um é o complemento do

comportamento do outro, no âmbito de uma relação diádica de vinculação. Quanto à relação entre o sistema de vinculação e o sistema de exploração, é importante olhar para a função do comportamento de vinculação, acrescentado ao objectivo da procura ou manutenção de proximidade com a figura de vinculação, o da obtenção de segurança que promove a exploração. Isto remete para conceitos bases na teoria da vinculação, como os de *base segura* e *refúgio de segurança*, que abordaremos mais em frente, que, apesar de próximos, são distintos, uma vez a criança só utiliza o seu refúgio de segurança, quando tem por de trás uma base segura que lhe permite explorar (Dias, 2007).

O ser *caregiver*, implica, ter um conjunto de qualidades que lhe permitam a execução deste papel. Deste modo, duas dimensões do *caregiving* foram particularmente estudadas e correlacionadas com a qualidade da vinculação dos filhos aos pais: a sensibilidade [*sensivit*]), que foi definida por Ainsworth em 1978, como a capacidade de perceber e interpretar os sinais emitidos pela criança, assim como a de lhe responder rapidamente e de maneira adequada, ou seja [*responsiveness*] (apenas a componente da resposta). Esta está ligada às representações do progenitor sobre a vinculação; representações inseguras na mãe estão associadas a respostas pouco sensíveis e a uma vinculação insegura com a criança.

Outra dimensão importante foi descrita por Fonagy (1991) como entrando em jogo na transmissão do estilo de vinculação através dos cuidados prestados à criança: a função reflexiva. Esta é uma função mental que organiza a sua própria experiência e a dos outros em termos de estados mentais, sendo assim concebida por este autor como a capacidade do progenitor em perceber os seus próprios estados mentais e os do seu filho, estando isto correlacionado com a sua própria segurança de vinculação aos seus próprios progenitores e favorecendo a vinculação segura do filho (Rabouam & Moralès-Huet, 2004).

3.2. CONTRIBUTOS DE JOHN BOWLBY

O primeiro enunciado da Teoria da Vinculação, cujas bases estão assentes na Etologia e na Psicologia do Desenvolvimento, foi apresentado por John Bowlby à *British Psychoanalytic Society* em Londres em três artigos: *The Nature of the Child's*

Tie to His Mother (Bowlby, 1958), *Separation Anxiety* (Bowlby, 1960) e *Grief and Mourning in Infancy and Early* (Bowlby, 1960).

No primeiro artigo referido, o autor em 1958, contestou as teorias psicanalíticas explicativas da natureza do laço libidinal da criança à mãe, onde a vinculação é vista como secundária relativamente à satisfação de necessidades alimentares da criança e introduz a noção de comportamento de vinculação. Para Bowlby, a criança possui sistemas de comportamento característicos da espécie humana, dos quais um conjunto de respostas instintivas, chupar, agarrar e seguir, e comportamentos de sinalização – sorrir e chorar, que se vão organizando e orientando em relação à mãe durante os primeiros 12 meses de vida e que têm como função ligar a criança à mãe e a mãe à criança. Como corroboração dos seus argumentos, Bowlby apresentou uma revisão de estudos empíricos acerca do desenvolvimento cognitivo e social das crianças, incluindo os de Piaget (1951, 1954), bem como a sua vasta experiência clínica como facilitador de um grupo de suporte para jovens mães em Londres (Bowlby, 1958). Esta apresentação da teoria da vinculação, também exposta nos outros dois artigos acima referidos, encontra-se revista e consolidada nos volumes da trilogia *Attachment and Loss* (1969/82, 1973, 1980) (Dias, 2007).

A teoria de Bowlby (1958, 1973, 1979) tentou caracterizar a natureza e a origem da vinculação da criança à mãe. A ideia central defendida pelo autor é que a evolução resolveu o problema da necessidade de protecção e suporte, imprescindível à sobrevivência do ser humano, equipando a criança com um sistema de comportamentos que asseguravam a proximidade com o adulto (Rodrigues, Figueiredo, Pacheco, Costa, Cabeleira & Magarinho, 2004). Esse equipamento comportamental é constituído por um certo número de “respostas instintivas” ou padrões de comportamento específico da espécie, que, no início, são relativamente independentes e que com o desenrolar do desenvolvimento, se tornam organizados e orientados em relação à figura de vinculação, servindo para ligar criança a esta figura (Soares, 2007). O objectivo do sistema de vinculação é a regulação dos comportamentos de vinculação no sentido de obter ou manter a proximidade e o contacto com a figura de vinculação (Cassidy, 1999), assegurando assim a sua protecção e segurança, através desta figura adulta mais capaz de se confrontar com situações de perigo. Os comportamentos de vinculação, têm assim, por função a protecção e o seu resultado previsível é a proximidade a uma figura específica (Bowlby, 1969/1982).

Assim, ao longo do primeiro ano de vida, o bebé vem a estabelecer uma relação privilegiada com uma figura que lhe proporciona cuidados básicos e, desse modo, assegura a sobrevivência. Ao realizar regularmente este papel, o adulto tenderá a tornar-se para o bebé uma figura de vinculação, sendo este capaz (em princípio) de experienciar segurança, estando esta relação centrada nisso mesmo, no sentido em que há uma figura (vinculada) que procura protecção e uma figura (de vinculação), mais forte, capaz de proporcionar conforto, segurança ou ajuda, caso seja necessário (Bowlby, 1969).

A dinâmica entre estes dois objectivos – manutenção da proximidade e obtenção de segurança – traduz-se na utilização da figura de vinculação como “base segura” para explorar o ambiente, em alturas tranquilas, e como refúgio de segurança, em altura conturbadas (Kobak, 1999). O termo “base segura”, no contexto da Teoria da Vinculação, refere-se então à confiança que o indivíduo tem numa figura particular, protectora e de apoio, que está disponível e acessível, e a partir da qual se pode fazer uma exploração participada do meio (Guedeney, 2004).

O que a teoria prevê e o que tem vindo a ser demonstrado é que a criança elabora um conjunto de expectativas acerca do próprio, dos outros e do mundo em geral, que correspondem à interiorização de características das suas interacções com os pais, que Bowlby (1973) designou de *Internal working models*, modelos representacionais, ou modelos internos dinâmicos, como referimos anteriormente. O autor designou-os como «representações mentais, conscientes e inconscientes, do mundo e de si próprio que ajudam o indivíduo a perceber os acontecimentos e a antever e architectar planos para o futuro». São também definidos pelo autor como os conhecimentos e expectativas, construídos a partir das interacções repetidas com as figuras de vinculação e internamente organizados sob a forma e representações genéricas sobre o *self*, sobre as figuras de vinculação e sobre as relações. Estes modelos internos permitem ao sujeito tomar decisões sobre os seus comportamentos de vinculação face a uma figura particular, antecipar o futuro e fazer planos e, desse modo, permitem-lhe operar mais eficientemente. Além disso, constituem-se como guias para a interpretação das experiências e para a orientação dos comportamentos de vinculação, vão “colorir” o modo como o sujeito compreende e como se comporta em situações relevantes para a vinculação (Soares, 2007), constituindo-se assim importantes em grelhas de leitura na interpretação e na previsão de comportamentos, influenciando os padrões de interacção nas relações de proximidade emocional. Para além disso, são sistemas afectivamente carregados, que regulam o sistema

comportamental da vinculação, tendem a resistir à mudança e a influenciar o comportamento na vida adulta, embora sejam sensíveis a transformações, resultantes das interações do indivíduo com o meio (Costa, Pacheco & Figueiredo, 2002).

O autor propõe que as experiências precoces de cuidado contribuem para o crescimento das representações mais amplas, relativas à acessibilidade e responsividade, bem como às crenças acerca do merecimento de tais cuidados. Tais expectativas não só permitem previsões imediatas acerca da sensibilidade e da responsividade do cuidador, mas guiam também futuras escolhas relacionais e expectativas, auto-avaliação e comportamento em relação aos outros. (Thompson, 1999). Deste modo, e teoricamente, os *internal working models* desenvolvidos na infância continuam a ser importantes, mesmo quando o indivíduo estabelece novas relações, nomeadamente na idade adulta (Soares, 1996).

Estes modelos de relação, vão sendo desenvolvidos nas trocas com os familiares que o rodeiam o bebé, ajudando a interpretar e compreender dos que lhe são próximos, permitindo-lhe antecipar as reacções do outro. Eles operam na vida da criança, orientando-a na sua maneira de perceber e de se comportar nas suas relações interpessoais. Simultaneamente, a criança forma um modelo de si e um modelo do outro. O modelo de si, corresponde a uma imagem de si como sendo mais ou menos merecedor de ser amado, ao passo que o modelo do outro teria que ver com a sua percepção dos outros como estando mais ou menos atentos e sensíveis às suas necessidades (Miljkovitch, 2004).

Como forma de determinar a idade em que estes modelos entram em acção, Bowlby interessou-se pelos trabalhos de Piaget (1947/48) sobre a permanência do objecto. Saliou o facto de que, antes dos 5 meses, a criança não se dá conta da continuação da existência de um objecto quando este deixa de ser percebido. Assim, o objecto que já não é visível desaparece e a criança deixa de o procurar. Se este objecto volta a ser-lhe apresentado, a criança parece até não perceber que se trata do mesmo objecto. Em contrapartida, depois dos 5 meses, ela torna-se capaz de reconhecer o objecto, procurando-o quando este desaparece, o que testemunha a existência na criança de um princípio de aquisição da *permanência do objecto*.

Bowlby (1980) interessou-se especialmente pelas representações que a criança forma da mãe. Segundo ele, a capacidade de reconhecer ou de se recordar da mãe surge muito antes da capacidade de reconhecer ou de se recordar de outrem, uma vez que esta é muito mais significativa, uma vez que tem com ela trocas mais numerosas e variadas (Miljkovitch, 2004).

Ao longo dos três volumes da trilogia *Attachment and Loss*, Bowlby conceptualiza sobre o nível do sistema de vinculação, sistema este que em termos operatórios, poderá ser concebido como pondo em marcha um processo de natureza comportamental cognitivo-emocional (Soares, 2007).

No primeiro volume (1969), a ideia central defendida é de que a evolução resolveu o problema da necessidade de protecção e suporte, mais especificamente na espécie humana, equipando-nos com um sistema de comportamentos de vinculação que aumentariam a possibilidade de estabelecer relações próximas (Canavarro, 1999). Deste modo, o sistema de vinculação poderia ser comparável a um termóstato, ligando (aproximação da figura de vinculação) e desligando (afastamento) conforme a temperatura desejada (necessidade de proximidade decorrente da percepção de sinais de perigo) (Soares, 2007). Uma relação de vinculação serviria então como um porto de abrigo, em alturas conturbadas e como uma base para explorar o ambiente, em alturas tranquilas (Canavarro, 1999). Na segunda edição revista (1982), Bowlby defende a concepção proposta por Bretherton (1985) de que o sistema de vinculação não se desliga, mas que está permanentemente operativo, com variações na sua intensidade, considerando que há dois tipos de factores envolvidos neste processo: factores relacionados com as condições da criança, nomeadamente os seus estados de fadiga, doença, fome ou dor; e factores associados às condições do ambiente, ao nível da presença ou ausência de estímulos ameaçadores e, ainda, da localização, acessibilidade e disponibilidade da figura de vinculação, factores estes últimos particularmente significativos. Em 1973, o autor reconhece as limitações de conceber a proximidade ou presença da figura de vinculação como o objectivo do sistema de vinculação, na medida em que esta concepção não permite estender a teoria da vinculação a adultos e as crianças mais velhas (Soares, 2007).

No segundo volume (*Separation: Anxiety and Anger*, 1973), o autor redefiniu o objectivo do sistema de vinculação, reconhecendo que presença e ausência são termos relativos. Propõe por isso, que presença signifique *acessibilidade* e ausência *inacessibilidade*. Assim, a separação implica que a figura de vinculação está indisponível temporariamente, enquanto a perda significa indisponibilidade permanente (Bowlby, 1973). No entanto *acessibilidade* não é suficiente para estabelecer uma relação de segurança para a criança, pois a figura de vinculação pode estar fisicamente acessível e emocionalmente inacessível. Por isso, Bowlby (1973) acrescentou um segundo critério para a segurança da vinculação: a criança

necessita de experienciar a figura parental não apenas como acessível, mas também como responsiva (Kobak, 1999). Assiste-se então neste volume à articulação de três ideias base: por um lado, se uma pessoa tem confiança na disponibilidade da figura de vinculação, será menos provável que apresente medo e ansiedade crónica; essa confiança básica desenvolve-se durante a infância e as expectativas desenvolvidas persistirão ao longo da vida; e por último, as expectativas criadas sobre a disponibilidade da figura de vinculação far-se-ão sentir nas relações estabelecidas posteriormente (Canavarro, 1999). No terceiro volume, *Loss, sadness and depression* (1980), Bowlby retoma a ideia das implicações futuras das primeiras relações de vinculação, mas desta vez, salientando o seu impacto na saúde mental do indivíduo (Canavarro, 1999).

À luz da teoria de Bowlby, faz sentido considerar que a relação de vinculação é crucial para a sobrevivência e que é também uma pré-condição para todas as interações humanas significativas e a chave para o sentimento de segurança. Faz também sentido pensar que as primeiras relações vivenciadas com os objectos, têm um impacto nas relações subseqüentes, uma vez que estes lhes proporcionaram uma vinculação segura, ou pelo contrário, relações inseguras. No entanto, outra investigadora prestou especial atenção ao conceito de segurança, Mary Ainsworth, que na década de 70, desenvolveu a teoria proposta por Bowlby ao estudar os processos e os tipos de vinculação entre a criança e quem dela cuida habitualmente, a mãe.

3.3. CONTRIBUTOS DE MARY AINSWORTH

Um complemento importante à Teoria da Vinculação foi feito por Mary Ainsworth que explorou as diferenças individuais nas relações de vinculação (Collins & Read, 1990), dando à teoria desenvolvida por Bowlby um prolongamento experimental e uma audiência científica considerável (Guedeney, 2004). Foi por isso uma pioneira no estudo empírico dos conceitos teóricos apresentados por Bowlby, utilizando uma abordagem multi-momentos, multi-contextos, multi-métodos e multi-observadores, e prestando especial atenção à figura de vinculação. Ainsworth deu origem, portanto, uma *nova fase* no desenvolvimento desta teoria (Soares, 1992). Os seus estudos, baseados em observação naturalista, realizados no Uganda (Ainsworth, 1963, 1967



citado por Dias, 2007) e em Baltimore (Ainsworth, 1977 citado por Dias, 2007), bem como a introdução de um procedimento laboratorial de avaliação da interacção mãe-bebé, *Situação Estranha*, possibilitaram o estudo das diferenças individuais na organização comportamental da vinculação. Focalizou-se na estabilidade e na mudança dos padrões de vinculação, bem como no acompanhamento de trajectórias de desenvolvimento, através de estudos longitudinais (Dias, 2007).

O procedimento da *Situação Estranha* foi elaborado no âmbito de um estudo longitudinal do desenvolvimento da vinculação no primeiro ano de vida, conduzido em Baltimore com 26 díades mãe-bebé, observadas entre os 3 e os 54 meses do bebé, nas suas casas, com intervalos de três semanas e, às 54 semanas avaliadas no laboratório (Soares, Martins & Tereno, 2007). Tem a duração aproximada de vinte minutos, e pretende induzir-se níveis de stress reduzidos na criança mas com intensidade suficiente para activar comportamentos de vinculação. Três situações indutoras de stress são utilizadas na *Situação Estranha*, e como colocar a criança num local que não lhe é familiar, provocar a interacção da mesma com uma pessoa que não o cuidador e desencadear breves separações entre a criança e a mãe. Estes acontecimentos indutores de stress foram escolhidos por ocorrerem habitualmente na vida das crianças e por serem relativamente pouco traumáticos, se bem que suficientes, para activarem comportamentos de vinculação. A situação é gravada em vídeo, classificando-se posteriormente as interacções observadas, tendo sobretudo em conta as reacções da criança à separação e reunião da/com a mãe, em três tipos de padrão distintos (Canavarro, 1999). Esta classificação torna-se importante, uma vez que, ao reflectir a organização do comportamento do bebé no contexto da sua relação com a figura de vinculação, revelou-se como muito significativo na avaliação das diferenças individuais (Soares *et al.*, 2007).

Ainsworth e colegas (1978 citado por Soares *et al.*, 2007)) descreveram assim três grupos caracterizados por uma determinada organização comportamental, cujas características-chave estão subjacentes às próprias designações: Grupo inseguro-evitante; grupo seguro; grupo inseguro-ambivalente ou resistente¹.

O grupo inseguro-evitante (A) é caracterizado, como sua designação indica, por comportamentos de evitamento do bebé face à figura de vinculação, sobretudo nos

¹ Ainsworth *et al.* (1978) referem-se à avaliação do comportamento na *Situação Estranha* em termos de uma dimensão de segurança-ansiedade. Nesse sentido, os grupos inseguros são também designados por grupos ansiosos.

episódios de reunião em que a ignora ou se afasta. Além disso, o bebê não revela tendência para resistir activamente ao contacto físico, nem para protestar com a ausência da figura de vinculação. Por seu lado, o estranho é tratada pelo bebê de modo semelhante à figura de vinculação, podendo haver até menor evitamento. Nos episódios de separação, os bebês deste grupo manifestavam uma aparente despreocupação relativamente à saída da mãe (Soares *et al.*, 2007). Relativamente ao comportamento de exploração, este mantinha-se constante ao longo de todos os episódios. Este grupo pode ainda ser dividido em dois subgrupos: A1 e A2. No subgrupo A1, o comportamento de evitamento face à figura de vinculação é mais marcante do que no sub-grupo A2, onde existem alguns comportamentos de aproximação moderada, embora com algum evitamento.

As crianças classificadas no grupo B – seguro – caracterizavam-se por comportamentos de procura activa de proximidade e interacção com a mãe, principalmente nos episódios de reunião. Quando o contacto com a mãe era proporcionado, estas crianças procuravam mantê-lo, não manifestando resistência nem evitamento face a esta figura. Perante a saída da mãe, algumas destas crianças protestavam, enquanto que outras não o faziam e, quando aflitas, podiam ser um pouco confortadas pela estranha. Distinguem-se 4 subgrupos – B1, B2; B3 e B4. Destes subgrupos, o B3 é considerado o mais seguro, sendo constituído por bebês que procuram a proximidade e o contacto com a figura de vinculação de forma mais activa e evidente. Os bebês pertencentes aos subgrupos B1 e B2 manifestam uma interacção á distância com a figura de vinculação, principalmente durante os episódios de reunião; a procura de proximidade é menor do que nos restantes subgrupos. Finalmente, o subgrupo B4, caracteriza-se por uma procura intensa do contacto, tal como a sua manutenção, embora não comprometendo a exploração.

O grupo C - inseguro-ambivalente/resistente é composto por crianças que manifestam uma ambivalência de comportamentos oscilando entre a procura de contacto com a figura de vinculação e a resistência activa a esse contacto, o que se observa principalmente durante os episódios de reunião. Os bebês deste grupo apresentam, ao longo dos episódios, um comportamento de exploração pobre, demonstrando uma forte passividade. Existem dois subgrupos C1 e C2, que se distinguem pelo facto das crianças pertencentes ao primeiro procurarem o contacto com uma forte irritação face à figura de vinculação, ao passo que as crianças pertencentes ao segundo subgrupo evidenciam uma forte passividade na forma como sinalizam a procura de contacto (Dias, 2007).

Os três padrões de vinculação referidos representam estratégias organizadas pela criança no sentido de gerir a ansiedade causada pela separação e a reunião (Cicchetti, 1999 citado por Canavarro, 1999), apresentando-se como a melhor forma de avaliar a relação entre a mãe e a criança em situações de stress, de forma geral, pois parecem manter-se para além do momento de interação criada artificialmente, reflectindo a globalidade da relação de vinculação (Canavarro, 1999). No entanto, e apesar do sistema de classificação da vinculação a partir da *Situação Estranha* ter sido utilizado durante vários anos, sendo possível verificar a sua adequabilidade em diversos contextos e culturas, também o acumular de dados empíricos com recurso a este procedimento permitiu que se avolumassem dados relativos a sujeitos que não eram classificáveis em nenhuma das três categorias descrita por Ainsworth e colaboradores. Os investigadores lidavam com estes tipos de crianças de formas diversas, ou não os utilizando na investigação ou forçando a sua classificação na categoria mais próxima (Lyons-Ruth & Jacobvitz, 1999). Em meados dos anos 80, Main e Solomon (1986, 1990, citado por Dias, 2007) re-observaram mais de 200 gravações de *situações estranhas* onde surgiram dificuldades de classificação, tendo chegado à conclusão de que a maioria das crianças observadas parecia evidenciar a falta de uma estratégia organizada ou coerente para lidar com a ansiedade da separação. As autoras relataram diversas sequências comportamentais que ilustravam essa falta de estratégia, tais como a aproximação da figura de vinculação desviando a cabeça para o lado, o choro à medida que procuravam o colo da mãe, parando subitamente de chorar e de se mover durante alguns segundos. O que estes sujeitos tinham em comum era o tipo de sequências comportamentais desorganizadas, movimentos e expressões contraditórios, expressões de apreensão ou medo face à figura de vinculação, pelo que as autoras designaram a nova categoria de classificação “desorientado/desorganizado” (Dias, 2007). No entanto e à parte disto, as autoras recomendaram que quando uma criança é classificada com um comportamento de vinculação tipo D, que deva incluir igualmente a “classificação forçada” em A, B ou C, como se o Padrão D não estivesse disponível (Canavarro, 1999).

Os estilos de vinculação encontrados a partir da *Situação Estranha* são consistentes com a teoria de Bowlby, estando intimamente associados ao “calor” do cuidador e à sua capacidade de resposta [ou responsividade] (Ainsworth et. al., 1978). Estas diferenças individuais nos estilos de vinculação são pensadas de modo a que consigam reflectir as diferenças na organização psicológica no sistema de vinculação,

onde a parte central é a percepção da criança ao saber se o cuidador estará disponível e receptivo quando necessário (Collins & Read, 1990). Main, Kaplan e Cassidy (1985) sugeriram que as diferenças individuais nos estilos de vinculação, poderão ser vistas como “diferenças na representação mental do *self*” em relação à vinculação segura versus diversos tipos de organização de vinculação insegura, podendo estas ser melhor entendidas, ao serem referidas como tipos particulares de *internal working models* de relações, modelos que orientam não apenas sentimentos e comportamentos, mas também atenção, memória e cognição (p.67).

Após esta discussão relativa à gênese, características e estilos de vinculação da criança às figuras significativas e também à discussão da importância da relação precoce para o desenvolvimento, é importante agora apresentar alguns aspectos referentes à vinculação do adulto. Isto porque, como referimos, as características das relações precoces e de vinculação na infância têm considerável impacto no funcionamento da relação amorosa. Discutiremos os aspectos relativos à vinculação adulta no capítulo seguinte.

CAPÍTULO II.

VINCULAÇÃO DO ADULTO

Como referimos, o objectivo do presente capítulo é apresentar as principais características da vinculação adulta, como resultado das influências precoces nas relações estabelecidas com as figuras significativas. Desta forma, numa primeira secção são feitas considerações gerais acerca da vinculação do adulto, bem como da sua avaliação. Na segunda secção é apresentado um dos modelos com maior impacto na temática da vinculação adulta, nomeadamente ao nível das relações amorosas, o modelo de Hazan e Shaver (1987). Seguidamente, apresentamos mais dois modelos, cada um deles com importantes contributos para a compreensão do sistema de vinculação do adulto: o modelo de Bartholomew das Relações actuais, Modelo de Si e dos Outros (1990) e o Modelo de West, Sheldon e Reiffer (1987).

Em último lugar, será feita uma revisão de alguns estudos já realizados acerca do tema e quais os contributos que cada um deles deu para a sua compreensão.

1. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A VINCULAÇÃO DO ADULTO E SOBRE A SUA AVALIAÇÃO

Na obra de Bowlby (1973, 1977, 1988), como vimos, é reconhecida a importância da vinculação ao longo de todo o ciclo de vida do ser humano, no entanto ela centra-se essencialmente na infância, focando a sua atenção, tal como Ainsworth, nas origens desenvolvimentais do sistema de vinculação, e na vinculação da criança aos pais, sobretudo, à mãe.

A partir da década de 80 diversos investigadores centraram-se na relevância dos estudos sobre a vinculação durante a adolescência e idade adulta, uma vez que na generalidade se pensa que a natureza e a qualidade das relações íntimas na idade adulta são muito influenciadas pelos acontecimentos afectivos que tomam lugar na infância, particularmente entre a criança e o seu cuidador. No entanto, apenas recentemente, como referimos no capítulo I, os psicólogos sociais começaram a integrar no seu trabalho relativo às relações amorosas no adulto, com os aspectos da

teoria desenvolvimentista e as pesquisa acerca da natureza e funcionamento das relações entre a criança e os pais (Collins & Read, 1990).

De acordo com Crowell, Fraley e Shaver (1999), o conceito de vinculação do adulto tem implicações fundamentais, para os processos de avaliação da vinculação adulta. A primeira implicação prende-se com a assumpção sobre os aspectos normativos do sistema de vinculação e com a sua relevância durante a idade adulta; a segunda, com a presença de diferenças individuais na organização da vinculação, no contexto das relações interpessoais.

Importa então, neste seguimento, abordar a questão da congruência da vinculação ao longo da vida. Já Bowlby, no primeiro volume da sua trilogia, tinha considerado que a vinculação na idade adulta é semelhante, na sua natureza, à que ocorre durante a infância, apontando poucas diferenças entre as relações estabelecidas entre as crianças e os seus cuidadores e as relações formadas com os pares ou parceiros românticos (Canavarro, Dias & Lima, 2006). Como elementos de congruência entre a vinculação na infância e na idade adulta, Weiss (1982/1991) apontou a similitude das características emocionais e comportamentais (e.g., desejo de proximidade à figura de vinculação em alturas diversas, conforto na presença da figura de vinculação, ansiedade face à inacessibilidade da figura de vinculação), a generalização da experiência (dado que elementos emocionais associados à vinculação durante a infância são expressos nas relações de vinculação na idade adulta) e, ainda, a ligação temporal entre os fenómenos, uma vez que a centralidade dos pares como figuras de vinculação se encontra associada ao esbatimento dos progenitores enquanto figuras de vinculação primárias.

A vinculação do adulto surge conceptualizada de três formas distintas: vinculação como *estado*, que emerge em situações de stress, num esforço para restabelecer contacto com a figura de vinculação; vinculação como *traço* ou tendência para formar relações de vinculação similares ao longo da vida e vinculação como *processo de interacção* no contexto de uma relação específica.

A vinculação como *estado* remete para os trabalhos de Bowlby (1973) de caracterização das respostas das crianças face à separação da mãe, dos quais resultou a identificação de diversas fases: *protesto*, *desespero* e *desvinculação*. Nesta fase precoce, os esforços para restabelecer o contacto com a figura de vinculação, incluem chamar, chorar, procurar e tentar o contacto físico; são os comportamentos mais comuns. Quando em desespero, a criança exhibe choro, letargia, passividade e um certo afastamento. A procura de mecanismos precoces na vinculação adulta

examinou a reacção dos adultos ao rompimento do laço de vinculação. A maioria destes trabalhos assume que os adultos formam laços de vinculação com outros adultos, no casamento, ou em namoros e examinou a resposta das pessoas ao perderem as suas figuras de vinculação. Esses trabalhos exibiram padrões ou reacções consistentes relativamente à separação conjugal ou morte do parceiro (e.g. Weiss & Parkes, 1974). Essas reacções são comparáveis ao observado nas crianças que foram separadas das suas figuras de vinculação e apresentavam estados de *protesto*, *desespero* e *desvinculação*. Assim, a constatação de que os adolescentes e adultos, em situações de separação da figura de vinculação, exibiram respostas semelhantes às observadas nas crianças separadas da figura de vinculação levou a concluir-se que estes comportamentos seriam “reacções normativas de intolerância à inacessibilidade da figura de vinculação” (Berman & Sperling, 1994).

Nas investigações mais recentes, a forma mais comum de conceptualizar a vinculação do adulto prende-se com a assunção da existência de diferenças individuais estáveis ao longo do tempo. Assim, “estilo de vinculação” refere-se aos *internal working models* específicos que determinam as respostas às reuniões e separações, reais ou imaginadas, da figura de vinculação. Como já referimos, estes modelos representacionais são entendidos como consistentes ao longo do tempo, encontrando as suas raízes nas relações precoces, podendo ser reformulados no contexto de experiências de vinculação significativas, capazes de infirmarem experiências anteriores e/ou possibilitarem novas concepções sobre as experiências passadas, abrindo caminho à possibilidade de mudança ao longo da vida, nomeadamente nas experiências com a figura de vinculação romântica. A diferença chave entre traço ou estilo e as conceptualizações da vinculação enquanto estado, é a ênfase nas diferenças individuais estáveis relativamente às experiências emocionais versus uma reacção emocional universal de separação e perdas.

O estilo de vinculação, é assim determinado de acordo com a *acessibilidade* e capacidade de resposta (*responsividade*) da figura de vinculação, bem como da complementaridade entre os aspectos do *self* e de como estes são codificados nos *internal working models* de vinculação (Berman & Sperling, 1994). Por isso, apesar de existirem bastantes mecanismos que explicam o porquê de pessoas com diferentes estilos de vinculação experienciam diferentes resultados na relação, estes modelos internos são especialmente importantes no impacto nos processos de percepção social (Collins, Ford & Guichard, 2006). Os estilos de vinculação, como já vimos, foram identificados primeiramente por Ainsworth e seus colaboradores (1978), existindo nas

últimas décadas um crescente número de investigações e consequente modificação/adaptação dos estilos originais (e.g., Sperling, 1988; Bartholomew & Horowitz, 1991).

A forma mais recente de conceptualizar a vinculação adulta, tem a ver, como já foi referido, com o processo de interacção no âmbito de uma relação específica, como relação românticas ou de amor, nomeadamente o casamento. Há algumas investigações que comparam as interacções do adulto com as suas figuras de vinculação, por exemplo o conjugue, relativamente às interacções do sujeito com os seus próprios progenitores, examinando então no que estes dois tipos de interacção se assemelham. Este modelo interaccional parece poder usado na exploração da compreensão de como a vinculação se manifesta em relações íntimas específicas, e no porquê dos indivíduos responderem diferenciadamente, dependendo das características dos seus parceiros (Berman & Sperling, 1994).

A diferença mais referida na literatura entre a vinculação infantil na infância e a vinculação na idade adulta, nomeadamente ao nível das relações íntimas, ou românticas, apontada por autores como Hinde (1997), Weiss (1982), prende-se com a reciprocidade e a simetria, bem como pelo balanceamento contínuo e flexível entre o procurar e proporcionar segurança e conforto (Faria, Fonseca, Lima, Soares & Klein, 2007) das relações de vinculação estabelecidas na idade adulta, por comparação com a natureza complementar das relações de vinculação estabelecidas na infância. Por outras palavras, nas relações de vinculação entre adultos, prestam-se e recebem-se cuidados alternadamente, de acordo com o contexto e necessidade de cada interveniente na relação (Canavarro *et al.*, 2006).

A noção de *base segura* torna-se assim central no contexto das relações íntimas, no sentido que esta permite a exploração “dentro” e “para além da relação”. É o experienciar a base segura, perceber o outro como disponível e responsivo no contexto das relações de vinculação na idade adulta, que confere a percepção e a experiência de segurança, pertença, partilha espelhada no estabelecimento da intimidade. Desta forma, no contexto das relações amorosas, é cada vez mais evidente que a qualidade da representação da relação de vinculação com o companheiro está relacionada com a qualidade do comportamento observável no contexto das relações íntimas, quer ao nível de dimensões gerais (como capacidade de resolução de problemas), quer em componentes específicos de vinculação, como base segura e prestação de cuidados (Faria *et al.*, 2007).

Se na infância, a avaliação da vinculação está mais focada na organização a nível comportamental, tal como acontece na *Situação Estranha*, a complexidade do desenvolvimento na idade adulta exige ir para além da observação de padrões comportamentais. Assim, se na infância o foco da avaliação é o comportamento, na idade adulta, passa a ser a linguagem. Deste modo, faz sentido enfatizar a dimensão *representacional* da vinculação do adulto, uma vez que as representações mentais da vinculação explicitam a importância das relações precoces no comportamento e desenvolvimento posterior. A perspectiva do indivíduo sobre a experiência subjectiva prévia (ou presente) constrange, interage ou reforça os objectivos da experiência e do comportamento. Assim, ao avaliarmos e descrevermos as representações internas podemos explicar a activação do sistema de vinculação e suas respostas em novas situações e finalmente, as representações mentais permitem-nos compreender como um laço entre duas ou mais pessoas é mantido e desenvolvido ao longo do tempo e do espaço (Faria *et al.*, 2007).

Faz sentido dizermos algo acerca deste tema, que tem sido suscitado em grande escala nas últimas décadas, uma proliferação de diversos instrumentos de medida. Estes instrumentos têm, muitas vezes subjacentes concepções distintas da vinculação, avaliando diferentes domínios e assentando em abordagens diversas (Hazan & Shaver, 1990).

Encontram-se três grandes tipos de abordagens conceptuais subjacentes ao processo de avaliação da vinculação do adulto. Em primeiro lugar, falamos das *abordagens categoriais* ou *tipológicas*, que encontram as suas origens nos trabalhos de Ainsworth e cols. (1978) sobre a avaliação das diferenças individuais na vinculação, através do procedimento laboratorial da *Situação Estranha*.

De acordo com uma primeira abordagem, nomeadamente a *Adult Attachment Interview* (AAI, George, Kaplan & Main, 1984), que propõe o “movimento para o nível representacional”, para a avaliação das diferenças individuais na representação da vinculação (Faria *et al.*, 2007) e cuja origem está na tradição, ou nos padrões de vinculação nas relações criança-pais, no contexto nuclear das famílias (Simpson & Rholes, 1998). Posteriormente Hazan e Shaver (1987), influenciados pelos trabalhos de Ainsworth sobre a vinculação na infância, procuraram trazer para a avaliação da vinculação na idade adulta, no âmbito da relação amorosa, o mesmo sistema de três categorias adoptado por Ainsworth e seus colaboradores, contrariamente à tradição de origem da AAI. Com este objectivo construíram um instrumento de auto-relato, no qual

é pedido ao indivíduo que escolha, de entre um conjunto de três parágrafos, descritivos dos três estilos de vinculação, aquele com que mais se identifica.

De acordo com uma segunda abordagem, falamos das *abordagens dimensionais*, que surgiram numa tentativa de ultrapassar os problemas metodológicos das medidas categoriais. Assim, alguns investigadores começaram a utilizar escalas de avaliação contínua nos seus instrumentos (e.g., Collins & Read, 1990; West & Sheldon, 1987, Levy & Davis, 1988; Simpson, 1990).

Por último, as *abordagens prototípicas*, que procuram conciliarem as duas abordagens anteriores. Assim, simultaneamente identificam características de um grupo de sujeitos e assumem a existência de variabilidade individual na pertença ao grupo (Canavarro *et al.*, 2006). O modelo de Bartholomew e Horowitz (1991) é considerado na literatura a referência principal deste tipo de abordagem. De acordo com este modelo, as quatro categorias (*seguro, preocupado, evitante-desligado e evitante com medo*) localizam-se num espaço bidimensional definido pelo posicionamento positivo ou negativo, relativamente ao objecto dos modelos internos dinâmicos (o *self* e o outro), definidos entre a *ansiedade e a evitação* (Fralely & Waller, 1998).

Estes instrumentos foram assim especificamente desenvolvidos para avaliar os estilos de vinculação, bem como as dimensões associadas, e acima de tudo, explorar a qualidade das trajectórias desenvolvimentais, enfatizando-se a importância das representações das experiências precoces de vinculação na mesma e nas experiências de vinculação que o indivíduo mantém na idade adulta (Bartholomew & Shaver, 1998).

Como ficou explícito anteriormente, surgiram duas grandes linhas de investigação distintas, dedicadas à vinculação do adulto. Uma das linhas foi a coordenada por Main, que se centrou nas dimensões representacionais da vinculação com os pais durante a infância, avaliada através da AAI (George *et al.*, 1985). A segunda, representada por Hazan e Shaver (1987), que ao explorar o amor romântico como forma de vinculação, utilizaram um instrumento de auto-relato, baseado nos padrões identificados por Ainsworth para a infância. No entanto, como ambas as linhas de investigação cresceram em torno das Teorias da Vinculação de Bowlby e Ainsworth, ambas centradas na avaliação das diferenças individuais, muitos assumiram que as duas classificações seriam equivalentes. Trata-se, na verdade, de um equívoco, pelos motivos de natureza conceptual abordados anteriormente.

De forma geral, conclui-se que as duas medidas não são equivalentes, concluindo Bartholomew e Shaver (1998), que embora possam existir algumas tendências para a convergência dos diversos tipos de medida, quando comparados diversos domínios específicos dos padrões de vinculação, os padrões serão necessariamente diferentes. Esta interpretação sobre a comparação de metodologias parece então ser consistente com a ideia central de Bowlby (1988) de que, embora a vinculação do adulto tenha as suas raízes nas interações com as figuras de vinculação, é influenciada também, ao longo da vida, por experiências como a morte de uma figura de vinculação, a qualidade de uma relação amorosa ou ainda por uma intervenção psicoterapêutica. Ao longo das trajetórias desenvolvimentais, é possível assistir a uma divergência dos modelos internos dinâmicos das relações com os pais, relativamente às relações com parceiros românticos ou amigos significativos. E também ao subsequente processo de integração destes modelos, modificando os modelos internos dinâmicos mais genéricos (Bartholomew & Shaver, 1998; Collins & Read, 1990).

Crowell *et al.* (1999), ao comparar a utilização de entrevistas e questionários na avaliação da vinculação do adulto, referem três argumentos a favor da utilização de instrumentos de auto-relato para avaliar diferenças individuais na vinculação na idade adulta: o facto de a vinculação ter um papel muito importante na vida emocional dos indivíduos (Bowlby, 1973) e os adultos poderem fornecer informação sobre as suas experiências emocionais; um segundo diz respeito ao facto de os adultos terem suficiente experiência relacional para saberem descrever como se sentem e comportam nessas relações (Gjerde, Onishi & Carlson, 2001), bem como conhecer o tipo de afirmações que os parceiros fazem sobre o seu comportamento; por último, o facto de os processos conscientes e inconscientes ocorrerem para o mesmo objectivo.

2. MODELO DE HAZAN E SHAVER: O SISTEMA DE VINCULAÇÃO DO ADULTO

Cindy Hazan e Philipp Shaver (1987) foram pioneiros na exploração dos estilos de vinculação no adulto, com base nos pressupostos da Teoria de Vinculação de Bowlby (1969, 1979) e de Ainsworth *et al.* (1979). Esta teoria de base, funciona, para os autores como estrutura para a compreensão de como as relações amorosas na idade adulta estão relacionadas com as interações pais-criança, mas também como

estas relações precoces da infância têm um impacto nos relacionamentos amorosos adultos, sendo o amor romântico por si só um processo de vinculação que partilha semelhanças importantes com a vinculação na infância (Collins & Read, 1990; Bartholomew e Horowitzs, 1991).

Neste estudo das relações íntimas enquanto processo de vinculação, os autores identificaram a versão adulta dos três estilos de vinculação (seguro, inseguro-evitante e inseguro/ansioso-ambivalente), traduzindo as descrições de Ainsworth *et al.* (1978) das crianças na *Situação Estranha*, em termos desenvolvimentais adaptados para as relações entre adultos (ver Quadro I) (Fonseca, Soares & Martins, 2006). Assim foi possível organizar as diferenças individuais na forma como os adultos pensam, sentem e se comportam nas relações românticas. Deste modo, a mais provocadora e polémica implicação da Teoria da Vinculação adulta de Hazan e Shaver (1987), é a de que o padrão de relacionamento de um sujeito com o seu parceiro romântico se forma na história das suas interações com as figuras parentais de vinculação (Fraley & Shaver, 2000)

De acordo com as investigações dos autores referidos, os indivíduos classificados com um estilo de vinculação segura são caracterizados por estabelecerem facilmente relações de proximidade com outras pessoas e por se sentirem confortáveis com a intimidade que lhes é inerente. As suas relações, em termos de sistema de prestações de cuidados, são de reciprocidade, respondendo à adversidade sentida (por si ou pelo outro), cuidando ou permitindo ser cuidados numa alternância de papéis que se adequa ao contexto relacional. Por se considerarem pessoas passivas de serem amadas, não se mostram preocupados com a possibilidade de serem abandonados pelas suas figuras de vinculação. As figuras de vinculação constituem para eles uma base segura nas situações de adversidade, sendo percebidas como sensíveis e responsivas face às necessidades experienciadas.

Os indivíduos com um estilo de vinculação inseguro-ansioso/ambivalente manifestam dificuldade na gestão da proximidade com as figuras de vinculação. Estão conscientes da sua própria necessidade de uma maior proximidade e por isso receiam que este aspecto leve ao afastamento e perda da amizade/amor das figuras significativas. Frequentemente estabelecem relações assimétricas em termos de cuidados, cuidando ou sendo cuidados de forma quase compulsiva, com uma reduzida flexibilidade cognitiva/emotiva para a alternância de papéis.

O estilo de vinculação evitante é caracterizado pelo desconforto que os indivíduos percebem em relação à proximidade e à intimidade que as relações com as figuras significativas podem implicar. Estes indivíduos tendem a evidenciar dificuldade em confiar no outro, uma vez que percebem as figuras de vinculação como não responsivas em situações de adversidade; cuidar e ser cuidado é algo que tendem a evitar, uma vez que percebem este factor como ligado a uma dependência desagradável (Fonseca *et al.*, 2006).

Desta forma, e de acordo com os estudos de Ainsworth e colaboradores, no que concerne aos três estilos mencionados, criaram um instrumento com três parágrafos que descreve de forma breve os comportamentos e sentimentos relativos à forma de como os sujeitos se percebem nas suas relações amorosas e interpessoais, sendo que cada parágrafo corresponde a uma das três categorias da Situação Estranha de M. Ainsworth. O sujeito tem de escolher entre estas três opções aquela que melhor lhe corresponde. A maior vantagem deste instrumento é a sua extrema brevidade e a sua fácil administração (Perdereau & Atger, 2004; Feeney 1999).

Quadro I: Estilos de vinculação segundo o modelo de Hazan e Shaver (1987)

Seguro	<i>Considero ser relativamente fácil ficar próximo(a) de outras pessoas e sinto-me confortável quando dependo delas. Habitualmente não me preocupo com a possibilidade de ser abandonado(a) ou de alguém se aproximar demasiado de mim.</i>
Inseguro/ansioso-ambivalente	<i>Acho que as outras pessoas estão relutantes em ficar tão próximas de mim como eu gostaria. Preocupo-me muitas vezes, que o meu companheiro (minha companheira) não me ame realmente, que não me queira, ou que não queira ficar comigo. Quero ficar muito próximo(a) do meu companheiro (minha companheira) e este desejo, às vezes afasta-o(a).</i>
Inseguro-evitante	<i>Sinto-me demasiado desconfortável ao ser próximo(a) de outras pessoas. Sinto dificuldade em confiar nelas completamente e a permitir a mim próprio depender delas. Fico nervoso(a) quando alguém fica demasiado próximo de mim, e, muitas vezes, os meus companheiros amorosos querem que seja mais íntimo(a) do que me sinto confortável a ser.</i>

Nos seus estudos, os autores têm vindo a identificar paralelismos entre dinâmicas, sentimentos e comportamentos associados à vinculação entre a criança e o cuidador, e outros, associados a experiências de amor romântico na idade adulta. Estes paralelismos são, em muitos aspectos similares aos ingredientes existentes nas experiências românticas, como o laço amoroso na idade adulta. As semelhanças incluem assim a procura e a manutenção da proximidade física para com o parceiro, confiando assim na disponibilidade contínua do mesmo; dirigindo-se para ele quando se sente ameaçado física ou emocionalmente e também quando se sente angustiado pelas ameaças, separações e perdas no relacionamento (Rothbard & Shaver, 1994; Klein, 2007)

Hazan e Shaver interessaram-se por estas questões, uma vez que não havia, até ao momento, nenhum estudo centrado nos relacionamentos românticos, tendo como base a ideia de Bowlby, acerca da continuidade nos estilos de relacionamento ser uma questão de modelos mentais do *self* e da vida social. Por outro lado, ninguém havia explorado a possibilidade das características específicas dos relacionamentos pais-criança, identificados por Ainsworth e colegas (1979), estarem entre os determinantes no que concerne aos estilos de vinculação romântica nos adultos e serem uma possível causa nas diferenças individuais entre os estilos de vinculação.

Neste modelo, os modelos internos dinâmicos continuam a ter um papel, importante mesmo, ao guiar e moldar o comportamento nas relações íntimas ao longo da vida, uma vez que quando as pessoas constroem novas relações, elas dependem, em parte, das expectativas anteriores sobre a forma provável dos outros se comportarem e de como se sentem em relação a eles. Desta forma, usam esses modelos para interpretar os objectivos e intenções dos seus parceiros (Hazan & Shaver, 1987; Fraley & Shaver, 2000). Por isso, os estilos de vinculação dizem respeito à forma prevista pela teoria, através do caminho experienciado, às expectativas (ou modelos internos dinâmicos), no que concerne às relações de amor, bem como às memórias dos relacionamentos na infância com os pais (Hazan & Shaver, 1990)

A Teoria da Vinculação, que deu origem ao trabalho destes autores, tem várias vantagens em relação a outras abordagens temporárias, uma vez que a teoria da vinculação não se limita a explicar as relações amorosas, mas explica onde e como o amor se encaixa no contexto mais amplo do funcionamento humano (Hazan & Shaver, 1990). Ao mesmo tempo explica como algumas destas formas se desenvolvem e como as mesmas dinâmicas subjacentes, comuns a todos as pessoas, podem ser

modeladas por experiências sociais produzindo diferentes estilos de relacionamento (Hazan & Shaver, 1987).

3. MODELO DE BARTHOLOMEW: RELAÇÕES ACTUAIS, MODELO DE SI E DOS OUTROS

À semelhança de Hazan e Shaver (1987), também Bartholomew (1990), se debruçou sobre a vinculação adulta. A principal razão que levou o autor a conceptualizar este modelo, foi o facto de ter comprovado que o perfil de vinculação evitante definido por Hazan e Shaver (1987) era diferente daquele que Main havia encontrado após os estudos com a AAI, uma vez que os primeiros descreviam este tipo de vinculação como uma combinação de insatisfação e vulnerabilidade e a segunda, caracterizava-o como sendo constituído por níveis elevados de repressão, negação e invulnerabilidade.

Por esta razão, a autora considerou que uma única categoria de vinculação evitante poderia mascarar diferentes tipos de vinculação. Referiu também que estes dados corroboravam a tese de que as primeiras relações de vinculação ao longo do desenvolvimento são internalizadas sob a forma de working models (sobre si próprio e sobre os outros) de que existe um padrão de working model, correspondente a um tipo de vinculação insegura, designado por auto-confiança compulsiva, que levaria os indivíduos a percepcionarem-se como auto-suficientes e a desvalorizarem a importância das relações afectivas, ideias anteriormente sugeridas por Bowlby (1980) (Canavarro, 1999).

Para tal, baseou-se na concepção de Bowlby (1973) dos modelos internos dinâmicos (internal working models), que, como sabemos, são formados pela imagem interiorizada de si e a imagem interiorizada dos outros e são construídos, ao longo das experiências relacionais (Perdereau & Atger, 2004); esta imagem é dicotomizada como sendo positiva ou negativa (Diehl, Bourbeau & Labouvie-Vief, 1998): A positividade no modelo de si mesmo indica o grau em que uma pessoa internalizou um sentido de auto-estima (versus sensação de ansiedade e incerteza de poder ser amado). Esta está assim, portanto, associada ao grau de ansiedade ou dependência em relação à aprovação dos outros nas relações íntimas (Bartholomew & Shaver,

1998). A positividade do modelo do outro indica o grau em que os outros são geralmente esperados como sendo disponíveis, acessíveis e confiáveis, ao mesmo tempo que são vistos como fonte de apoio; O modelo dos outros é portanto associado à tendência para procurar ou evitar a proximidade nos relacionamentos (Bartholomew & Horowitz, 1991).

Deste modo, quando os working models de si próprio se cruzam com os working models dos outros, ou seja, quando cada working model é dicotomizado em positivo ou negativo (Bartholomew & Horowitz, 1991), emergem quatro padrões de vinculação: *Seguro* (modelos de si e dos outros positivos), *Preocupado* (modelo de si negativo e modelo dos outros positivo), *Evitante-Desligado* (modelo de si positivo e modelo dos outros negativo) e *Evitante com Medo* (modelo de si e dos outros negativo) (Canavarro, 1999; Perdereau & Atger, 2004).

O Padrão de vinculação *seguro* é caracterizado pela combinação de um modelo positivo de si mesmo e um modelo positivo dos outros. Assim, indivíduos com este estilo de vinculação internalizaram um sentido de auto-estima, estando confortáveis com a intimidade nas relações íntimas, bem como com a autonomia (Bartholomew & Shaver, 1998; Bartholomew & Horowitz, 1991). O indivíduo percebe-se a si mesmo como merecedor e digno de cuidados por parte dos outros, combinado com expectativas de que habitualmente os outros estão acessíveis, disponíveis e respondem de forma adequada às suas necessidades. Este padrão corresponde ao designado por Ainsworth et al. (1978) e por Hazan e Shaver (1987) de *seguro*.

Adultos com um estilo *preocupado* são caracterizados por um modelo negativo de si mesmo e positivo dos outros. São geralmente indivíduos preocupados que procuram ansiosamente ganhar a aceitação e a validação dos outros (Bartholomew & Shaver, 1998). São quase sempre preocupados com as relações, onde o sentido de não merecimento dos cuidados dos outros prevalece, combinado com uma avaliação positiva que fazem dos outros (Bartholomew & Horowitz, 1991). Este estilo corresponde ao ambivalente, referido por Ainsworth e colegas (1978) (Canavarro, 1999).

Os indivíduos cujo padrão é o *evitante com medo*, são caracterizados por terem um modelo de si mesmo e dos outros negativos. Caracterizam-se também pela percepção do próprio como não merecedor dos cuidados dos outros, combinado com uma avaliação destes como sendo pessoas em quem não se pode confiar (Canavarro, 1999). São socialmente evitantes e receosos da intimidade, acabando por a evitar, como forma de se protegerem antecipadamente, evitando a dor da perda ou a rejeição

(Bartholomew & Horowitz, 1991; Bartholomew & Shaver, 1998). Este padrão pode ser relativamente aproximado ao padrão *evitante*, referido por Hazan e Shaver (1987) (Canavarro, 1999). Por último, o padrão *evitante-desligado*, é caracterizado por um modelo positivo de si mesmo e um modelo negativo dos outros. Ele combina a percepção do próprio como merecedor de cuidados, mas com a representação dos outros como não respondendo às suas necessidades. Assim, estas pessoas protegem-se a si mesmas contra a desilusão, evitando as relações íntimas e mantendo um sentido de independência e invulnerabilidade. Este padrão corresponde ao identificado por Ainsworth et al. (1978), como *evitante*, bem como ao estilo de vinculação, designado por Bowlby (1980) como “auto-suficiência compulsiva” (Bartholomew & Horowitz, 1991; Canavarro, 1999).

Uma intrigante consequência desta proposta será a de que a preocupação, estando relacionada com a representação de si próprio, deveria ser mais consistente para a mesma pessoa em diferentes relações, enquanto a evitação, estando ligada à representação dos parceiros, deveria variar de acordo com as características percebidas nas relações (Moreira, 2006).

Os quatro padrões referidos por Bartholomew (1990) podem ser avaliados através do instrumento desenvolvido por Bartholomew e Horowitz (1991). Este modelo é operacionalizado num questionário com quatro breves parágrafos. Cada parágrafo descreve em poucas frases modalidades relacionais prototípicas que correspondem a cada categoria de vinculação (Perdereau & Atger, 2004). Os inquiridos devem escolher, numa escala de 7 pontos, de tipo Likert, o grau em que se sentem que cada uma das descrições feitas corresponde à maneira própria de ser. Os resultados fornecem um perfil de vinculação para cada indivíduo (Canavarro, 1999).

4. MODELO DE WEST, SHELDON E REIFFER

Para West, Sheldon e Reiffer (1987), as relações de vinculação adulta podem ser distinguidas das relações sociais partindo de cinco critérios: procura de proximidade da figura de vinculação (face a uma situação de stress, os sujeitos procuram a proximidade com a figura de vinculação); efeito de *base segura* (a proximidade com a figura de vinculação leva a um aumento do bem-estar e a diminuição da ansiedade); protesto de separação (a separação ou ameaça de

separação da figura de vinculação leva a sentimentos de mal-estar e ansiedade); permanência antecipada da relação (a segurança só pode ser alcançada numa relação que garanta a segurança, quer no presente, quer no futuro) e reciprocidade (para os adultos a expectativa radica na percepção de que um indivíduo necessita de uma figura de vinculação e é capaz de funcionar como uma figura de vinculação – a vinculação é tendencialmente recíproca). A vinculação proporciona uma relação especial com outro sujeito que é percebido como disponível e com capacidade de resposta e a quem se recorre para apoio emocional e instrumental, onde as características individuais podem dificultar a utilização que o sujeito faz das relações de vinculação disponíveis ou conduzem a uma utilização ineficaz destas relações em períodos de stress (Fonseca, Martins, Soares, Carvalho, Tereno e Carvalho, 2006).

Bowlby (1980) fala acerca das variações de insegurança da vinculação do adulto com origens na infância, nomeadamente ao nível da vinculação ansiosa, definindo, para além do padrão de vinculação segura, três componentes de vinculação ansiosa: a) *Auto-Suficiência Compulsiva* refere-se aos sujeitos que concedem à auto-suficiência um papel central na orientação das suas vidas longe de procurar o amor e cuidado dos outros, evita aproximar-se dos demais com medo que as suas necessidades de vinculação subjacentes o coloquem numa posição de vulnerabilidade; b) *Afastamento com Raiva* onde a percepção da inacessibilidade da figura de vinculação pode dar lugar não só à ansiedade, mas também à raiva, mesmo quando o indivíduo tenta isolar-se em vez de manifestar a raiva directamente, há habitualmente uma retirada furiosa ou rancorosa c) *Prestação Compulsiva de Cuidados* são estabelecidas relações íntimas, mas o indivíduo assume sempre o papel de cuidador (alvo precoce de eliciação de cuidados); d) *Procura Compulsiva de Cuidado* deriva das experiências que conduzem o sujeito a duvidar da disponibilidade da figura de vinculação e da sua capacidade de resposta, e a viver numa ansiedade constante por medo de perder a sua figura de vinculação, como resultado têm um baixo limiar para a manifestação de comportamentos de vinculação. Os dois primeiros caracterizam a vinculação evitante e os dois últimos a vinculação ansiosa/ambivalente (Fonseca *et al.*, 2006)

Baseando-se nestes pressupostos, os autores evidenciaram interesse em desenvolver um instrumento firmemente enraizado na teoria da vinculação, que permitisse captar a expressão da vinculação. Desta forma, pretendendo uma valoração dimensional das características que definem as relações de vinculação e uma avaliação dos diversos componentes da vinculação ansiosa do adulto desenvolveram o *Reciprocal Attachment Questionnaire* (RAQ).

O objectivo do instrumento é avaliar as dimensões da vinculação adulta (critérios que permitem diferenciar as relações de vinculação de outras relações da rede social do indivíduo), bem como os diferentes, componentes dos padrões de vinculação ansiosa, um instrumento multidimensional de avaliação por auto-relato (Fonseca *et al.*, 2006).

5. ESTUDOS REALIZADOS

A Teoria da Vinculação, estruturou-se, como vimos até aqui, no pressuposto que a relação entre a criança e a mãe influencia o funcionamento posterior intra e interpessoal. Muitos foram os estudos, que abordaram esta ideia e que de alguma a tentaram comprovar

Main et al. (1985) demonstraram a existência de uma ligação entre o comportamento de vinculação nas crianças e processos simbólicos de vinculação em adultos, verificando-se assim uma continuidade ao longo ciclo vital dos padrões de vinculação das crianças desenvolvidos na infância. Também Franze e Sarah (2005), num estudo acerca da relação entre interacções criança-pais e o estilo de vinculação nas relações românticas adultas, demonstraram que uma vinculação segura na relação pais-filhos, conduzia a um perfeccionismo adaptativo e conseqüentemente a estilos de vinculação seguras na idade adulta. Contrariamente, àqueles que demonstravam vinculações inseguras na infância, com conseqüentes vinculações inseguras na idade adulta e nas relações estabelecidas com o par amoroso.

Canavarro (1999) faz alguns resumos das diferenças entre os antecedentes relacionais dos adultos que apresentam diferentes padrões de vinculação na idade adulta onde são apresentados adultos classificados com vinculação segura, descrevem as suas figuras de vinculação na infância como tendo sido carinhosas, disponíveis, atentas e capazes de responder às suas necessidades; adultos classificados com vinculação insegura /ambivalente referem-nas como carinhosas e protectoras, a maior parte do tempo, mas também como inacessíveis, intrusivas e inconscientes; adultos classificados com vinculação insegura /evitante, relembram as figuras paternas como menos protectoras e carinhosas, menos envolvidas e mais rejeitantes; por último, adultos classificados com vinculação insegura /desligada,

recordam os pais como bons, mas não conseguiram dar exemplos específicos que apoiem a generalização.

Hazan & Shaver, 1987, apresentam resultados que apontam para a existência na idade adulta de padrões de vinculação semelhantes nos conteúdos e na distribuição aos encontrados na criança, sugerindo assim, dinâmicas semelhantes à da vinculação na infância e na idade adulta. Os mesmos autores verificaram que a percepção da qualidade da relação estabelecida com os pais na infância se associa ao estilo de vinculação romântica na idade adulta; sujeitos que referem relações mais carinhosas com ambos os pais percebendo-os como mais respeitadores e aceitantes, estabelecem relações adultas seguras; sujeitos que tendem a descrever a sua mãe como rejeitante e fria, apresentam estilos evitantes de vinculação, enquanto sujeitos que identificam experiências de injustiça nas práticas de cuidados dos seus pais, desenvolvem estilos ansiosos/ambivalentes de vinculação nas suas relações românticas na idade adulta.

Os autores encontraram também, nos seus estudos que muitos dos adultos solitários no que concerne às relações amorosas reportavam problemas nas suas relações de infância com os pais, sugerindo que a história de vinculação influencia a frequência e a forma de vinculação amorosa no adulto. Assim, indivíduos adultos, fruto de experiências relacionais na infância, irão estabelecer, determinados estilos de vinculação, nomeadamente com o par romântico, sendo estilos adquiridos precocemente, fundamentais para perceber que estilo está presente na idade adulta e de que forma isso vai influenciar a forma de se relacionar com o parceiro (Fraley & Shaver, 2000); ou seja, para compreender diferentes dimensões relacionais com o par amoroso.

Num estudo realizado por Rothbard e Shaver (1994) com sujeitos adultos (1994) verificou-se que a recordação da mãe durante a infância como não ansiosa, com sentido de humor e não egoísta, se associa à sua percepção na idade adulta como disponível, proporcionando suporte emocional e carinho, enquanto a percepção da mãe durante a infância como nervosa, confusa, preocupada e depressiva conduz, na idade adulta, ao desconforto e alienação na sua presença. Esta investigação, à semelhança de outras, e de acordo com previsões teóricas, encontra ainda evidências empíricas de que, comparativamente com os sujeitos inseguros, os seguros têm recordações mais positivas das figuras parentais na infância (em particular da mãe), bem como descrevem de forma mais favorável as suas relações actuais com os pais.

Feeney e Noller (1990) obtêm dados consistentes com as investigações anteriores, pois no seu estudo os sujeitos seguros, relatam relativamente apresentam representações mais positivas na infância com ambos os pais. Também Collins e Read (1990) verificaram que comparativamente aos sujeitos inseguros, os seguros tendem a recordar os seus pais como tendo sido carinhosos e não rejeitantes na infância. Estes autores, ao testarem as associações entre o estilo de prestação de cuidados dos pais e o estilo de vinculação amorosa do companheiro, observam que, para as mulheres, as descrições dos pais tendem a predizer a medida de conforto com a proximidade emocional e a confiança nos outros por parte do companheiro.

Num outro registo, embora de acordo com a ideia de que as relações precoces com as figuras significativas são importantes e definem, em parte, estilos e padrões de vinculação na idade adulta com o par amoroso, está o estudo de Levy *et al.*, (1998). Este tenta articular a Teoria das Relações de Objecto com a Teoria de Vinculação, como teorias complementares na análise dos dados. Este estudo tinha como principal objectivo examinar a relação entre o conteúdo da temática e a estrutura das representações parentais com os estilos de vinculação avaliados através das medidas de auto-relato de Hazan e Shaver (1987) e de Bartholomew e Horowitz (1991). Os resultados apresentados demonstraram que indivíduos seguros tinham representações mais distintas de ambos os pais, descrevendo-os como mais benevolentes que os indivíduos inseguros. Além disso, ambos os grupos inseguros tinham representações dos pais mais ambivalentes comparados com o grupo seguro e, os ansiosos-ambivalentes fornecem menos atributos significativos nas descrições dos pais que os indivíduos seguros, comparativamente aos indivíduos evitantes que ficam colocados restantes estilos.

Em síntese podemos afirmar que os resultados dos estudos apresentados são, na sua generalidade, consistentes, apontando para o facto de diferenças na vinculação adulta estarem associadas a diferenças nas representações da história de relacionamento com os pais na infância e de que os sujeitos seguros tenderem a recordar as figuras parentais de forma mais favorável, comparativamente com os inseguros. Embora persistam dúvidas quanto ao papel representado por cada uma das figuras parentais, existe um considerável número de evidências empíricas de que os sujeitos classificados como seguros na idade adulta recordam uma melhor relação com os pais durante a infância, particularmente com a mãe (Canavarro, 1999; Collins & Read, 1990); Hazan & Shaver, 1987; Feeney & Noller, 1990; Rothbard & Shaver, 1994).

PARTE II

ESTUDO EMPÍRICO

CAPÍTULO III

OBJECTIVOS

O objectivo do presente trabalho, é estudar empiricamente a relação entre a forma como os seres humanos se relacionam na infância com as figuras significativas, e a forma como nos relacionam e vinculam ao par amoroso na idade adulta, de acordo com um determinado estilo/modelo interno adquirido na infância. Mais especificamente pretendemos dar um contributo para o entendimento de como determinadas experiências relacionais precoces disfuncionais, com as figuras significativas podem ter impacto posteriormente no desenvolvimento ao nível das dimensões e estilos de vinculação com o par amoroso.

A Teoria da Vinculação e a perspectiva das Relações de Objecto, nomeadamente o entendimento proposto por Blatt, apresentado no capítulo I, servem de referencial teórico do nosso estudo.

Desde a infância que podem ser encontrados alguns dos elementos necessários para o estabelecimento de relações íntimas na idade adulta. Este processo deve-se ao facto de na infância se construírem representações mentais, ou Modelos Internos Dinâmicos (*Internal Working Models*, originalmente), concebidos, como sendo construídos no contexto da relação criança com as figuras de vinculação e que permitem organizar a experiência sob a forma de representações generalizadas sob o *self*, as figuras de vinculação e as relações. Os modelos internos dinâmicos, são entendidos como relativamente estáveis ao longo do tempo, mas com possibilidade de reelaboração e de desenvolvimento em direcção a formas mais complexas e sofisticadas de organização da experiência e de orientação da acção, contribuindo para tal, as experiências relacionais do indivíduo (Soares, 2000).

Assim, se as relações precocemente estabelecidas entre a criança e a(s) suas figuras de vinculação podem ser entendidas como prototípicas das relações íntimas na idade adulta, espera-se que a forma como cada um de nós se relaciona na idade adulta, nomeadamente com o par amoroso, seja formada, ou seja em parte, uma réplica daquilo que foi sentido no contacto com as figuras de vinculação precoces na infância.

Os aspectos das relações precoces sobre os quais nos debruçaremos neste estudo serão principalmente a sobreprotecção, o cuidado e a rejeição, a hiperpreocupação com a família, a autonomia/fusionalidade da relação e a dependência. Ao

nível das dimensões relacionais da vinculação amorosa, avaliaremos temas como a separação, a procura de proximidade com figuras de vinculação, medo da perda, auto-suficiência, afastamento, procura e prestação de cuidados e os estilos de vinculação amorosa: *seguro*, *inseguro/ansioso-ambivalente* e *inseguro-evitante*.

A representação das relações precoces será assim avaliada por dois instrumentos: *Parental Bonding Instrument* [(PBI, Parker & Tupling & Brown, 1979) (ver anexo A)], que avalia as experiências de infância no âmbito das relações com a mãe e o pai, em termos de afecto e superprotecção e, o *Protocolo de Avaliação de Marcadores do Desenvolvimento na Psicopatologia* [(PAMaDeP, Soares, Rangel-Henriques, Neves e Pinho, 1999) (ver anexo B)], usado com adolescentes e adultos, que avalia constructos como o abandono, a hiper-preocupação com a família, a dependência, a rejeição, sobreprotecção e fusão/inversão de papel com ambas as figuras parentais. Por outro lado, as dimensões da vinculação amorosa e os estilos de vinculação adulta serão avaliados através do *Reciprocal Attachment Questionnaire* [(RAQ, West, Sheldon & Reiffer, 1987) (ver anexo C)] relativo às componentes da vinculação (protesto de separação e procura de proximidade, recurso à figura de vinculação, medo de perda e disponibilidade), bem como às dimensões dos padrões de vinculação ansiosa (auto-suficiência compulsiva, prestação e procura compulsiva de cuidados e afastamento com raiva) e do *Loving/Working* [(L&W, Hazan & Shaver, 1990) (ver anexo D)], que será utilizado para avaliar os estilos de vinculação amorosa.

Deste modo, na presente investigação, será estudada a relação entre as variáveis que avaliam os aspectos da relação precoce e as dimensões e estilos de vinculação. Genericamente pretendemos verificar que tipo de relação existe entre **experiências disfuncionais na infância com as figuras significativas e os processos e estilos de vinculação amorosa no adulto**.

Neste seguimento, formulamos cinco grandes hipóteses que esperamos serem passíveis de resposta de acordo com os resultados obtidos nesta investigação.

Como **primeira hipótese**, espera-se que encontrar diferenças significativas entre os indivíduos com estilos de vinculação seguro e inseguros, relativamente às **experiências de autonomia e cuidado contingente**, com as figuras parentais, ou seja, que estas predominassem nos indivíduos com estilos inseguros de vinculação.

Como **segunda hipótese**, espera-se que existam diferenças entre o estilo seguro e os inseguros, relativamente às experiências de **abandono, rejeição, dependência e hiper-protecção** na infância, por parte das figuras significativas, predominando nos indivíduos com estilos inseguros de vinculação amorosa.

Na **terceira hipótese**, espera-se que exista uma relação entre os sujeitos que caracterizam a sua figura de vinculação como **disponível** e uma representação das relações na infância com as figuras significativas marcadas por **cuidados parentais positivos** onde predomina o incentivo para a **autonomia** e sentimentos de **não rejeição**.

Na **quarta hipótese**, espera-se que os indivíduos que concedam à **auto-suficiência** um papel central nas suas vidas amorosas e que caracterizam as relações actuais com o companheiro como sendo marcadas pelo **medo da perda** e pela **indisponibilidade** e **inacessibilidade** do mesmo, tenham, no passado, vivenciado relações precoces de **abandono** e **rejeição** por parte das figuras significativas.

Finalmente, na **quinta hipótese**, espera-se que os indivíduos que tenham vivenciado relações **fusionais**, de **negação da autonomia** e de **hiper-protecção** com os pais, nomeadamente com a mãe, **protestem** na idade adulta, **contra a separação**, tenham **medo da perda** e tentem ter um **papel principal na prestação de cuidados** ao companheiro.

O presente estudo poderá assim revestir-se de alguma **pertinência**, no sentido do contribuir para o conhecimento de como as experiências relacionais na infância, disfuncionais, com as figuras significativas, influenciam a dinâmica e o estilo de funcionamento do sujeito nas suas relações amorosas adultas, permitindo-nos compreender se resultam, também, em dificuldades nestes relacionamentos. Por outro lado, as dimensões avaliadas pelos instrumentos que seleccionámos, parecem bastante abrangentes e que tenhamos conhecimento, nenhum estudo anterior se propôs relacionar especificamente as dimensões avaliadas pelo PBI e PAMaDeP com os constructos avaliados pelo RAQ e L&W.

CAPÍTULO IV

METODOLOGIA

1. AMOSTRA

Participaram nesta investigação 187 estudantes da Universidade de Évora, pertencentes a diversos cursos de Licenciatura e mestrado (Psicologia, Engenharia Informática, Arquitectura, Artes Visuais, Gestão, Enfermagem, Educação Física e Desporto e História). A escolha da instituição foi realizada apenas por conveniência, tal como os cursos de cada sujeito. Tendo em conta a disponibilidade dos docentes, foram escolhidas turmas de vários anos². A participação dos sujeitos foi voluntária.

Cento e nove dos participantes são do sexo feminino e 78 são do sexo masculino. Relativamente ao curso, 123 frequentavam o curso de Psicologia; 55 de Engenharia Informática; 2 de Arquitectura; 1 de Artes Visuais; 2 de Gestão; 1 de Enfermagem; 1 de Educação Física e Desporto e 1 de História.

As idades variaram entre os 18 e os 43 anos ($M= 22,82$; $DP= 4,20$), sendo que 87,2% tinham entre 18 e 25 anos e 12,8% mais de 25 anos.

Quatro sujeitos (2,1%) frequentavam o primeiro ano, 53 (28,3%) frequentavam o segundo ano, 63 (33,7%) frequentavam o terceiro ano, 47 (25,1%) o quarto ano, 11 (5,9%) frequentavam o quinto ano. Do total da amostra, apenas 21 (11,7%) dos sujeitos eram trabalhadores-estudantes. Na tabela I apresentam-se as características demográficas (idade, sexo, escolaridade, estado civil, nacionalidade, local de habitação prévio à frequência da universidade, ser ou não trabalhador-estudante), da amostra em estudo, ainda não apresentadas anteriormente.

² Agradecemos desde já a disponibilidade, dos Professores Rui Campos, Fátima Bernardo, Catarina Vaz Velho, José Saias, Teresa Gonçalves e Luís Miguel Rato ao permitirem que utilizássemos tempo das suas aulas para a aplicação das provas.

Tabela I: Características demográficas da amostra: número e percentagem de sujeitos em cada nível das variáveis demográficas.

		n	%
Idade	18 aos 25 anos	163	87,2%
	Mais de 25 anos	24	12,8%
Sexo	Masculino	78	41,3%
	Feminino	109	58,3%
Escolaridade	1º ano	4	2,1%
	2º ano	53	28,3%
	3º ano	63	33,7%
	4º ano	47	25,1%
	5º ano	11	5,9%
	Outro	1	0,5%
Estado Civil	Solteiro	181	96,8%
	Casado	2	1,1%
	Divorciado	2	1,1%
	Viúvo	2	1,1%
Nacionalidade	Portuguesa	179	95,7%
	Outra	8	4%
Local de Habitação (Antes de Frequentar a Universidade)	Évora	75	40%
	Outros	142	60%
Trabalhador- Estudante	Sim	21	11,7%
	Não	79	88,3%

2. INSTRUMENTOS

Na presente investigação utilizaram-se quatro instrumentos de forma a avaliarem os constructos em estudo: Parental Bonding Instrument (PBI); Protocolo de Avaliação de Marcadores do Desenvolvimento na Psicopatologia (PAMaDeP); Reciprocal Attachment Questionnaire (RAQ) e Loving and Working (L&W).

PARENTAL BONDING INSTRUMENT (PBI)

O Parental Bonding Instrument (PBI) é um questionário desenvolvido inicialmente por Parker, Tupling e Brown (1979) (ver anexo A) e adaptado para a população portuguesa por Ramos, Leal e Maroco (2006), sendo constituído por duas partes, uma para avaliar a mãe e outra para avaliar o pai, de modo a, separadamente, se avaliar as experiências com cada um dos pais durante os primeiros dezasseis anos de vida. Cada uma das versões, é constituída por 25 itens a serem respondidos numa escala de Likert de 4 pontos, correspondendo o 0 a *discordo totalmente* e o 3 a *concordo totalmente*.

O PBI está organizado segundo duas grandes dimensões da interacção pais-criança: o *Cuidar (care)* e a *Hiper-protecção (overprotection)*. Os itens da escala de cuidado avaliam a expressão de “afecto, calor emocional e proximidade” (*Cuidar Contingente*) contrastando com temas de rejeição como “frieza emocional, indiferença e negligência” (*Cuidar Negligente*). A dimensão da *protecção* tem a ver com temas como “controlo, hiper-protecção, intrusão, proximidade excessiva e reforço dos comportamentos de dependência” (*Negação da Autonomia Psicológica*) ou em contrapartida de atitudes e comportamentos que incentivam a “independência e autonomia” (*Autonomia Instrumental*).

São identificados 5 tipos possíveis de relação pais-criança: 1) Constrangimento Afectivo (elevado cuidar e elevada protecção); 2) Controlo Afectivo (elevada protecção e baixo cuidar); 3) Parentalidade Óptima (elevado cuidar e baixa protecção); 4) Parentalidade Negligente (baixo cuidar e baixa protecção) (Ramos, Leal & Maroco, 2009).

Ramos *et al.* (2009), realizaram um estudo de adaptação e de validade para a população portuguesa com este instrumento, com uma amostra de 149 adultos de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 18 e os 67 anos (M= 39,1).

Relativamente à sensibilidade do instrumento, segundo Ramos *et al.* (2009) “observou-se valores de assimetria e curtose que revelam itens aproximadamente simétricos, à excepção do item 16 (Fazia-me sentir que não era desejado) para ambas as versões paterna e materna”.

Foi efectuada também, uma análise factorial confirmatória, com o objectivo de confirmar a adequação da estrutura factorial obtida pelo autor da escala à amostra em estudo. Foi testado o modelo estrutural, considerando duas variáveis latentes (cuidar e hiper-protecção) e a relação entre as mesmas. No entanto, o modelo de dois factores proposto por Parker *et al.* (1979) não obteve índices que indiquem um bom ajustamento da estrutura original à presente amostra quer na versão materna, quer na versão paterna.

Face à não confirmação da estrutura factorial proposta pelo autor da escala original, Ramos *et al.* (2009), procederam à análise da estrutura do Parental Bonding Instrument através da análise factorial exploratória pelo método da Análise em Componentes Principais seguida de uma rotação *Varimax* realizada separadamente para a versão materna e paterna do instrumento. Foram retidos os factores que apresentavam valores próprios (*eigenvalue*) superiores a 1 e que de acordo com o *Scree-plot* explicavam uma percentagem considerável da variância total.

Os quatro factores encontrados para a versão relativa à percepção da ligação estabelecida com a figura materna permitiram a formulação de quatro dimensões que explicam 59% da variância total, ao invés das duas dimensões definidas na escala original, as quais se passaram a designar: *Cuidar Contingente*; *Negação da Autonomia Psicológica*; *Autonomia Instrumental* e *Cuidar Negligente*. Os itens do PBI com um valor de saturação igual ou superior 0,45 no primeiro (*Cuidar Contingente*) e quarto (*Cuidar Negligente*) factores são aqueles que originalmente pertenciam ao factor *Cuidar* (Care) tal como definido por Parker *et al.* (1979). Os itens do PBI originalmente integrados no factor *Hiper-protecção* (Overprotection) foram divididos pelo segundo e terceiro factor segundo o modelo factorial de Ramos *et. al* (2009). Os itens 7, 13, 18 e 23 foram excluídos por apresentarem um baixo valor de saturação nos quatro factores.

No mesmo sentido, para a versão paterna, encontraram-se três factores na Análise em Componentes Principais, permitindo a criação de os três sub-escalas que

explicam 55% da variância original, ao invés das duas dimensões definidas na escala original, as quais se passaram a designar: *Cuidar*, *Autonomia Instrumental*; *Negação da Autonomia Psicológica*. Na sub-escala paterna, os itens com um valor de saturação acima de 0,45 no primeiro factor são os mesmos que originalmente pertenciam ao factor *Cuidar* (Care) tal como foi proposto por Parker *et al.* (1979). À semelhança do sucedido para a sub-escala materna, os itens que compunham a dimensão *Hiperprotecção* (Overprotection) no modelo factorial proposto por Parker *et al.* (1979) foram na presente estrutura factorial divididos pelo segundo e terceiro factores. O item 25 foi excluído por apresentar um baixo peso factorial nos três factores.

A consistência interna da versão portuguesa é elevada, para cada um dos factores das duas versões, sendo que o Alfa de Cronbach mais baixo na versão materna é de 0,74 (*cuidar negligente*) e na paterna de 0,72 (*negação da autonomia psicológica*).

Após a adaptação para a população portuguesa, a versão materna passou a ser constituída por 21 itens, e a versão paterna por 24.

PROTOCOLO DE AVALIAÇÃO DE MARCADORES DO DESENVOLVIMENTO NA PSICOPATOLOGIA (PAMADEP)

O PAMaDeP (ver anexo B) é um instrumento de auto-relato para adolescentes e adultos, desenvolvido por Soares, Rangel-Henriques, Neves e Pinho (1999), baseado na conceptualização de Guidano e Liotti (Guidano, 1987; Guidano & Liotti, 1983), acerca do papel da organização da vinculação na psicopatologia e em estudos empíricos associando perturbações psicológicas na idade adulta com perturbações ou duração dos sintomas na infância e adolescência.

Para abarcar este domínio, os autores desenvolveram quatro questionários com objectos de estudo específicos, sendo que dois se centram na percepção da qualidade da relação de vinculação com as figuras de vinculação primárias (“Forma Mãe” e “Forma Pai”), um terceiro centra-se na percepção do funcionamento do próprio durante a infância e adolescência (“Quando era pequeno”) e um quarto, que não foi utilizado no presente estudo, que se foca na percepção de características do sujeito antes de surgir uma eventual perturbação actual (“Antes de ter este problema”). Todos os

questionários são constituídos por questões fechadas a responder numa escala de Likert de quatro pontos, em que 1 corresponde a “discordo totalmente” e 4 a “concordo totalmente”.

O questionário *Quando eu era pequeno(a)* é constituído por 3 escalas: *Abandono*, composta por itens relativos à percepção de experiências de abandono e rejeição na infância; *Dependência*, com itens relacionados com a percepção de dependência em relação aos adultos, durante a infância e *Hiper-preocupação com a família*, integrando itens que se reportam à experiência de uma preocupação excessiva com a família.

A *Forma Mãe* e *Forma Pai*, são igualmente constituídos por 3 escalas: *Rejeição*, que integra itens relativos à percepção de rejeição na infância, por parte da mãe e do pai; *Sobreprotecção*, composta por itens que apelam à percepção de ter sido protegido em excesso na infância pela mãe ou pelo pai, limitando a autonomia e ainda as escalas de *Fusão/inversão do papel*, constituída por itens relativos à percepção de uma relação fusional, com inversão da prestação de cuidados com a mãe e com o pai (Martins & Soares, 2007).

Três dos questionários deste Protocolo (“Forma Mãe”, “Forma Pai” e “Quando era Pequeno”) foram alvo de um estudo psicométrico, tendo sido aplicados junto a uma amostra não-clínica (Soares, 2007).

Cada um dos questionários foi sujeito a uma análise factorial, que apontou para uma estrutura factorial de três factores. No caso do questionário “Quando era Pequeno (a)”, os três factores encontrados foram: F1 – Abandono/rejeição (α Cronbach= 0,05); F2 - Dependência (α Cronbach= 0,71); F3 - Hiperpreocupação com a família (α Cronbach= 0,81). O Alfa de Cronbach total para o total dos itens desta escala é de 0,81, indicando uma elevada consistência interna.

Na “Forma Mãe”, a análise factorial mostram a existência de três factotes igualmente: F1 – Afecto (α Cronbach= 0,92); F2 – Superprotecção (α Cronbach= 0,86); F3 – Inversão de Papel/Fusão (α Cronbach= 0,74). Neste questionário, o Alfa é de 0,89.

Para a “Forma pai”, os factores são os mesmos que na “Forma Mãe”, com valores de consistência interna das escalas de: 0,96; 0,83; 0,78, respectivamente. Dos três questionários, este último é aquele que apresenta uma consistência interna mais elevada de 0,92.

Os resultados relativos à validade e fidelidade que demonstraram ser satisfatórios em todas as dimensões avaliadas (Dias, 2007).

RECIPROCAL ATTACHMENT QUESTIONNAIRE (RAQ)

O RAQ (ver anexo C) foi desenvolvido originalmente por West, Sheldon e Reiffer (1987), com adaptação para a população portuguesa de Fonseca, Martins, Soares, Carvalho, Tereno e Carvalho (2005).

Este questionário, tem por objectivo avaliar (1) as dimensões da vinculação adulta (critérios que permitem diferenciar as relações de vinculação de outras relações de vinculação de outras relações de rede social do indivíduo) bem como os diferentes (2) componentes dos padrões de vinculação ansiosa).

A versão original do RAQ é constituída por 43 itens, sendo que 15 são referentes às escalas de avaliação das dimensões de vinculação, obtendo-se 5 escalas dimensionais: 1) *Medo da Perda*; 2) *Protesto de Separação*; 3) *Procura de Proximidade*; 4) *Recurso à Figura de Vinculação* e 5) *Disponibilidade da Figura de Vinculação* (com 3 itens cada). Os restantes 27 pertencem às escalas de avaliação dos componentes de vinculação ansiosa, obtendo-se 4 escalas para avaliar os componentes dos padrões: 1) *Auto-suficiência Compulsiva*; 2) *Afastamento com raiva*; 3) *Procura e Procura Compulsiva de Cuidados* e 5) *Prestação Compulsiva de Cuidados* (com 7 itens cada); construídas de acordo com as definições de Bowlby (1979/2005 cit por Fonseca et al., 2005) sobre o constructo.

Trata-se um questionário multidimensional, de resposta tipo Likert numa escala de 5 pontos (variando entre *completamente em desacordo - 1 - e totalmente de acordo - 5 -*), em termos do grau em que o indivíduo concorda ou não com a afirmação apresentada.

Na sua validação do instrumento para a população portuguesa, Fonseca, Martins, Soares, Carvalho, Tereno e Carvalho (2005), realizaram um tratamento independente para os que constituem as *Escalas de Avaliação das Dimensões da Vinculação* e os que constituem as *Escalas dos Componentes dos Padrões de Vinculação Ansiosa*.

Os 15 itens das Escalas das Dimensões de Vinculação foram alvo de uma *Análise em Componentes Principais* com rotação *Varimax*, sem estabelecimento prévio do número de componentes, tendo sido extraídos 3 componentes com valores próprios (*Kaiser's Criterion*) superiores a 1. Contudo, as autoras consideraram relevante a tentativa de uma extracção forçada de 4 componentes, aproximando os valores próprios às décimas verificando-se que o quarto componente tinha um valor de

1.00. Verificaram então que o quarto componente incluía apenas dois itens cuja anexação não permitia a criação de uma escala teoricamente coerente.

Os 3 componentes que foram extraídos, com valores próprios superiores a 1, permitem explicar 51,55% da variância total, tendo os itens valores superiores a 0,40.

O Componente 1, *Procura de Proximidade e Protesto de Separação*, contribuiu em 23,51% para a variância total e integra todos os itens das duas escalas da versão original, sendo que na amostra portuguesa ficam agrupadas em apenas um componente.

O Componente 2, *Disponibilidade e Recurso à Figura de Vinculação*, contribuiu para a variância total em 19,19%, reproduzindo quase na íntegra o primeiro factor da versão original. De referir que o item 13 (Receio que a minha FV me desaponte) pertencente à escala original *Disponibilidade da Figura de Vinculação* satura com um valor mais elevado no Componente 3, optando-se por o retirar do Componente 2. A acrescer a este componente o item 31 (Estou confiante de que a minha figura de vinculação me amará sempre) pertencente à escala original de *Medo da Perda* de forma invertida, na análise factorial com a amostra portuguesa satura com um valor mais elevado no componente 2, na forma directa, pelo que se optou no estudo português pela sua integração na escala *Disponibilidade e Recurso à Figura de Vinculação*. O Componente 3, *Medo da Perda*, reproduz quase na íntegra o da versão original.

Relativamente aos Padrões de Vinculação Ansiosa antes de se proceder à Análise Factorial foi estudada a amplitude das respostas dos itens, tendo-se verificado que todos os itens variavam na amplitude correspondente às cinco opções de resposta que se apresentavam no questionário.

Os 27 itens das Escalas dos Padrões de Vinculação Ansiosa, através de uma Análise em Componentes Principais com rotação *Varimax* sem definição prévia do número de componentes, organizaram-se em 8 componentes com valores próprios superiores a 1. Na análise da saturação de itens as autoras verificaram que nos componentes 5, 6, 7 e 8 apenas um ou dois tinham a saturação mais elevada, não apresentando por isso consistência para a formação autónoma de escalas.

De seguida optaram por forçar a extracção de 4 Componentes (número apresentado pelos autores) através do mesmo procedimento estatístico. Os valores de *Kaiser-Meyer-Olkin* ($KMO=.80$) e de *Esfericidade de Bartlett* indicam estarem reunidas as condições para a realização da Análise de Componentes Principais. Os quatro componentes extraídos explicavam 40,53% da variância total, não apresentando, no

entanto, uma total correspondência de itens com as 4 escalas da versão original. As autoras procederam à eliminação dos itens 3 (Coloco as necessidades da minha FV à frente das minhas necessidades), 8 (Não consigo trabalhar se a minha FV tem um problema) e 43 (Fazer coisas pela minha FV faz-me sentir importante) uma vez que não se integravam teoricamente nos componentes.

Na versão definitiva, o Componente 1 (*Afastamento com Raiva*), explica 15,93% da variância total. Este passou então a ser constituído por 10 itens, cuja maioria pertencia também à escala original. O item 7 (Frequentemente sinto-me demasiado dependente da minha FV) apesar de apresentar neste componente a sua saturação mais elevada (0,43), foi integrado no componente 2 uma vez que neste a sua saturação é aceitável (0,33) e em termos conceptuais esta opção é mais coerente. Relativamente ao Componente 2 (*Procura Compulsiva de Cuidados*), constituído por cinco itens na versão portuguesa (todos pertencentes à escala original), explica 13,61% da variância total. Por sua vez, o Componente 3 (*Auto-Suficiência Compulsiva*) explica 6,12% da variância global e integra 6 itens (sendo a maioria pertencente à escala original). Por último, o Componente 4 (*Procura e Prestação Compulsiva de Cuidados*), composto por 3 itens, explicando 4,87% da variância global. Os 3 itens na versão original pertenciam à mesma escala.

A consistência interna foi avaliada recorrendo ao procedimento estatístico de *Alpha de Cronbach*. Verificou-se que o Componente 1 (*Afastamento com Raiva*) apresenta um valor 0,79, o Componente 2 (*Procura Compulsiva de Cuidados*) um valor de 0,62, o Componente 3 (*Auto-Suficiência Compulsiva*) de 0,69 e o Componente 4 (*Procura e Prestação Compulsiva de Cuidados*) de 0,43.

Tendo em conta os resultados desta análise da consistência interna das 4 escalas mencionadas, as autoras não consideraram recomendável mantê-las, uma vez que os resultados não permitiam garantir homogeneidade e estabilidade dos itens adequados.

Optaram assim pela extracção forçada de dois factores na Análise em Componentes Principais com rotação *Varimax*. Os dois factores extraídos explicam 29,54% da variância total. Na sequência disto, o item 39 foi eliminado por apresentar uma saturação inferior a 0,30 em ambos os factores.

No Componente 1, emergem os padrões que os autores identificam como característicos da Vinculação Evitante - *Auto-Suficiência Compulsiva* e *Afastamento com Raiva*. Integra 10 itens, todos eles provenientes das escalas da versão original (*Alpha de Cronbach* 0,79).

Do Componente 2, segundo os autores constam os padrões teoricamente associados com a vinculação ansiosa: *Procura e Prestação Compulsiva de Cuidados*. Este componente é constituído por 17 itens, na sua maioria pertencentes às mesmas escalas na versão original *Alpha de Cronbach 0,79*).

Após todos estes procedimentos, a versão portuguesa do *Reciprocal Attachment Questionnaire* passa a ser constituída por 42 itens, sendo 15 referentes às escalas de avaliação das dimensões de vinculação e 27 pertencentes às escalas de avaliação dos componentes dos padrões de vinculação ansiosa.

As Escalas de Avaliação das Dimensões da Vinculação são três: a) *Procura de Proximidade e Protesto de Separação* (6 itens); b) *Disponibilidade e Recurso à FV* (6 itens) e c) *Medo da Perda* (3 itens).

As Escalas de Avaliação dos Componentes dos Padrões de Vinculação Ansiosa são duas: a) *Auto-Suficiência Compulsiva e Afastamento com Raiva*, característica da Vinculação Evitante, integrando 10 itens e, b) *Procura e Procura e Prestação Compulsiva de Cuidados*, constituída por 17 itens e característica da Vinculação Ambivalente (Fonseca, Martins, Soares, Carvalho, Tereno & Carvalho, 2006).

LOVING AND WORKING (L&W)

O Loving and Working (ver anexo D), desenvolvido originalmente por Hazan e Shaver (1990), foi adaptado a população portuguesa por Fonseca, Soares e Martins (2006).

É um instrumento de auto-relato que pretende avaliar o estilo de vinculação e as temáticas relacionadas com as relações amorosas e o amor, bem como as relações profissionais, o trabalho e o lazer (neste trabalho estes três últimos constructos não foram avaliados).

No que se refere às temáticas do amor, é constituído por diferentes medidas: *Medida Categorical de avaliação do estilo de vinculação adulta*, na qual é solicitado ao indivíduo uma escolha forçada entre três parágrafos de cada um dos diferentes estilos de vinculação adulta, o que permite a sua classificação como seguro, inseguro/ansioso-ambivalente ou inseguro/evitante; *Medida Categorical de avaliação do sistema sexual*, que solicita uma escolha forçada entre quatro parágrafos descritivos

relativos ao tipo de sentimentos experienciados no contexto das relações sexuais; *Medida categorial de avaliação do sistema de cuidados* requerendo uma escolha forçada entre quatro parágrafos descritivos do tipo sentimentos relativos ao “cuidar” e o “ser cuidado”, possibilitando situar aos indivíduos quanto ao sistema de cuidados: percepção de inexistência, relações assimétricas (gosta de cuidar ou de ser cuidados) e relações simétricas ou de complementaridade (gosta de cuidar e de ser cuidado) (Martins & Soares, 2007).

Será apresentada, neste estudo, apenas a *Medida Categorial de Avaliação do estudo da Vinculação adulto*, de modo a inserir as respostas dos participantes nas três categorias referidas.

3. PROCEDIMENTO

Os quatro instrumentos necessários à realização de presente estudo foram organizados em pacotes de provas conjuntamente com duas colegas, num total de 11 instrumentos (ORI, PBI, PAMaDeP, RAQ, L&W, CES-D, BDI-II, PANAS I, PANAS II, e MCMI-II).

Alguns princípios foram tidos em conta na constituição do pacote: optou-se por colocar em primeiro lugar todos os instrumentos que faziam referência às experiências relacionais [na infância] e posteriormente aos referentes à idade adulta e que não faziam alusão a representações de memórias passadas, mas sim ao presente. Quase todos estes dizem respeito a características de personalidade. O MCMI-II, devido à sua extensão, foi colocado em último lugar de modo a não saturar os sujeitos, num único instrumento as respostas a todos os outros instrumentos. O ORI, devido ao carácter projectivo e à obrigatoriedade das respostas com tempo limite de 5 minutos, foi colocado em primeiro lugar, seguido logo depois de uma Ficha de Dados Demográficos.

Esta opção deve-se ao facto de se à facilidade em obter uma amostra suficientemente ampla, minimizando assim sujeitos e não saturando a população universitária com a aplicação de provas.

Foram contactados directamente docentes de vários departamentos que facultaram algumas das suas turmas, de modo a garantir uma amostra suficientemente heterogénea e significativa.

As provas foram aplicadas em grupo, em regime de sala de aula, no início, ou na maioria dos casos no final das aulas.

Para além das aplicações em grupo na Universidade de Évora recorreremos também a alguns alunos da Universidade de Évora, mas residentes da Residência Manuel Álvares, que responderam igualmente em grupo, mas numa das salas da própria residência.

A aplicação das provas decorreu entre Fevereiro de 2009 e Abril de 2009.

A aplicação dos questionários não teve tempo limite, tendo demorado em média 50 minutos para o preenchimento dos mesmos.

A análise dos resultados foi realizada através do programa SPSS (versão 17.0.1 para Windows).

CAPÍTULO V

RESULTADOS

1. ANÁLISE DESCRITIVA DAS ESCALAS PARENTAL BONDING INSTRUMENT (PBI) E PROTOCOLO DE AVALIAÇÃO DE MARCADORES DO DESENVOLVIMENTO NA PSICOPATOLOGIA (PAMaDeP)

A Tabela II apresenta os resultados das médias, desvio-padrão e número de sujeitos referentes ao PBI e PAMaDeP, que avaliam as experiências relacionais na infância.

Tabela II: Análise descritiva das escalas do PBI e do PAMaDeP (média, desvio-padrão e número de sujeitos que respondeu a cada um das escalas).

Instrumentos	Escalas	Média	Desvio- Padrão	n
PBI-Versão Materna	PBI M-CUIDCONT	14,641	3,624	185
	PBI M-NEGAUT	4,834	3,489	185
	PBI M-AUTINST	7,190	2,838	185
	PBIM-CUIDNEG	12,369	3,405	180
	PBIP-CUID	16,671	2,681	178
PBI-Versão Paterna	PBIP-AUTINST	5,798	3,433	178
	PBIP-NEGAUT	4,983	3,952	183
PAMaDeP-Quando Era Pequeno	PAMaDeP-QUANHIP	14,641	3,624	177
	PAMaDeP-QUABAN	7,190	2,838	177
	PAMaDeP-QUADEP	4,834	3,489	177
PAMaDeP-Forma Mãe	PAMaDeP- MFUS	4,834	3,489	185
	PAMaDeP-MSOB	7,190	2,838	185
	PAMaDeP-MREJ	14,641	3,624	185
PAMaDeP-Forma Pai	PAMaDeP-PFUS	4,834	3,489	179
	PAMaDeP-PSOB	7,190	2,838	179
	PAMaDeP- PREJ	14,641	3,624	179

2. ANÁLISE DAS CORRELAÇÕES

De modo a se estudarem as dimensões do *Parental Bonding Instrument* (PBI) e do Protocolo de *Avaliação de Marcadores do Desenvolvimento na Psicopatologia* (PAMaDeP), referentes às representações da infância com as figuras significativas e as dimensões do *Reciprocal Attachment Questionnaire* (RAQ), referentes à vinculação (amorosa) no adulto, calculámos os valores das correlações entre as referidas dimensões que são apresentadas nas Tabela III e IV.

Encontram-se correlações significativas entre diversas dimensões da infância e as diversas dimensões da vinculação adulta. Relativamente ao “Medo da Perda” (Dimensão da Vinculação), verificam-se correlações significativas com a “Negação da Autonomia Psicológica” da versão materna do PBI, e com a “Negação da Autonomia Psicológica” da versão paterna do mesmo instrumento. Quanto às escalas do PAMaDeP, a correlação da escala “Medo da Perda” é significativa com a escala “Hiperpreocupação com a Família” e “Abandono” (Forma “Quando era Pequeno”), de bem como com “Superprotecção” da “Forma Mãe” e “Forma Pai.

Quanto à escala “Disponibilidade e Recurso à Figura de Vinculação” (Dimensão da Vinculação), apenas se encontra uma correlação cujo resultado é significativo, com “Fusão /Inversão do Papel” da “Forma Mãe” do PAMaDeP.

A escala “Procura de Proximidade e Protesto de Separação” (Padrões de Vinculação Ansiosa) é a que apresenta correlações mais significativas com as dimensões referentes às variáveis da infância, sobretudo as escalas do PAMaDeP, embora também existe uma correlação significativa com a “Negação da Autonomia Psicológica” da versão paterna do PBI e com a versão materna. Assim, obtêm-se correlações significativas da escala “Procura de Proximidade e Protesto de Separação (Padrões de Vinculação Ansiosa), com as escalas de “Dependência” (Escala “Quando era Pequeno”), “Fusão/Inversão do Papel” (“Forma Mãe”) “Superprotecção” (“Forma Mãe” e “Forma Pai”).

Para “Procura e Prestação Compulsiva de Cuidados” (Padrões de Vinculação Ansiosa), as correlações são significativas com as seguintes dimensões do PBI: “Negação da Autonomia Psicológica”, da versão materna, e “Cuidar” da versão paterna. Relativamente às correlações entre as dimensões do PAMaDeP e a “Procura e Prestação Compulsiva de Cuidados” do RAQ, existem correlações significativas com pelo menos uma subescala de cada uma das escalas do instrumento. Assim, “Procura

e “Prestação Compulsiva de Cuidados” correlaciona-se significativamente com “Abandono” e “Dependência”, “Fusão/Inversão do Papel” e “Superprotecção”, da “Forma Mãe” e ainda com “Superprotecção da “Forma Pai”.

Por último, debruçamo-nos sobre as correlações entre “Auto-suficiência Compulsiva e Afastamento com Raiva” (Padrões de Vinculação Ansiosa) e as dimensões da infância e facilmente apreendemos que existe um número substancialmente maior de correlações significativas com as subescalas do PAMaDeP do que com as escalas do PBI, e que estas prevalecem principalmente na “Forma Mãe” e na “Forma Pai”. Assim, a única correlação significativa para a referida escala do RAQ diz respeito à “Negação da Autonomia Psicológica”, da versão paterna do PBI. Relativamente ao PAMaDeP, as referidas correlações significativas ocorrem face a “Abandono”, “Superprotecção” e “Rejeição” da “Forma Mãe”, e ainda com as três subescalas da “Forma Pai”: Fusão/Inversão do Papel”, “Superprotecção” e “Rejeição”, com valores significativos.

Tabela III: Valores de correlações (Pearson) escalas do *Parental Bonding Instrument* (PBI) referentes às dimensões da infância, e escalas do Reciprocal Attachment Questionnaire (RAQ), referentes à vinculação no adulto.

Escalas PBI	Escalas do RAQ				
	DV-MPERD n=167	DV-DISPRECFV n=166	DV-PROXSEP n=164	PVA- PRESTCUID n=163	PVA- ASUFRAIV n=162
PBI M-CUIDCONT	0,047	0,191*	0,055	0,025	-0,125
PBI M-NEGAUT	0,232**	0,027	0,227**	0,267**	0,182*
PBI M-AUTINST	-0,025	0,037	-0,009	-0,009	-0,193*
PBIM-CUIDNEG	0,005	0,180*	0,038	-0,015	-0,177*
PBIP-CUID	0,113	0,166*	0,151	0,282**	0,174*
PBIP-AUTINST	0,009	-0,044	0,035	-0,079	0,134
PBIP-NEGAUT	0,216**	0,143	0,318**	0,156*	0,213**

Nota: * $\rho < 0,05$ - A correlação é significativa ao nível de 0,05 ** $\rho < 0,01$ - A correlação é significativa ao nível de 0,01; PBIM – Versão Materna: CUID CONT – Cuidar Contingente; NEGAUT – Negação da Autonomia Psicológica; AUTINST – Autonomia Instrumental; CUIDNEG – Cuidar Negligente; PBIP – Versão Paterna: CUID – Cuidar; AUTINST - Autonomia Instrumental; NEGAUT – Negação da Autonomia Psicológica; DV- Dimensão da Vinculação: MPERD – Medo da Perda; DISPRECFV – Disponibilidade e Recurso à Figura de Vinculação; PROXSEP – Procura e Protesto de Separação; PVA – Padrões de Vinculação Ansiosa: PRESTCUID – Procura e Prestação Compulsiva de Cuidados; ASUFRAIV – Auto-suficiência Compulsiva e Afastamento com Raiva.

Tabela IV: Valores de correlações (Pearson) escalas do *Protocolo de Avaliação de Marcadores do Desenvolvimento na Psicopatologia* (PAMaDeP) referentes às dimensões da infância, e escalas do Reciprocal Attachment Questionnaire (RAQ), referentes à vinculação no adulto.

Escalas PAMaDeP	Escalas do RAQ				
	DV-MPERD	DV-DISPRECFV	DV-PROXSEP	PVA- PRESTCUID	PVA- ASUFRAIV
PAMaDeP-QUABAN	0,219**	-0,296**	0,108	0,239**	0,417**
PAMaDeP-QUADEP	0,059	0,155	0,313**	0,214**	0,087
PAMaDeP-QUANHIP	0,230**	0,057	0,223	0,169*	0,169*
PAMaDeP- MFUS	0,154*	0,365**	0,291**	0,318**	0,105
PAMaDeP-MSOB	0,236**	0,014	0,312**	0,372**	0,257**
PAMaDeP-MREJ	0,054	-0,339**	-0,026	0,043	0,225**
PAMaDeP-PFUS	0,014	-0,017	0,139	0,139	0,441**
PAMaDeP-PSOB	0,242**	0,138	0,384**	0,329**	0,327**
PAMaDeP- PREJ	0,202*	-0,116	0,122	0,069	0,222**

Nota: * $p < 0,05$ - A correlação é significativa ao nível de 0,05 ** $p < 0,01$ - A correlação é significativa ao nível de 0,01; PAMaDeP QUA: "Quando era Pequeno": ABAN – Abandono; DEP – Dependência; HIP – Hiperpreocupação com a Família; PAMaDeP M e PAMaDeP P: "Forma Mãe" e "Forma Pai": SOB – Superprotecção; FUS – Fusão/Inversão do Papel; REJ – Afecto/Rejeição; DV- Dimensão da Vinculação: MPERD – Medo da Perda; DISPRECFV – Disponibilidade e Recurso à Figura de Vinculação; PROXSEP – Procura e Protesto de Separação; PVA – Padrões de Vinculação Ansiosa: PRESTCUID – Procura e Prestação Compulsiva de Cuidados; ASUFRAIV – Auto-suficiência Compulsiva e Afastamento com Raiva.

3. ANÁLISE DA VARIÂNCIA

De forma a se perceber quais se existem diferenças significativas entre estilos de vinculação adulta avaliados pelo Loving and Working, no que diz respeito às diferentes dimensões da relação na infância, realizou-se uma ANOVA, a um factor (estilo de vinculação) tendo cada uma das variáveis da infância, como variáveis dependentes. Estes resultados são apresentados na Tabela V e VI.

A Tabela I, mostra que existem diferenças estatisticamente significativas entre estilos, nas variáveis “Abandono” – PAMaDeP “Quando era Pequeno” ($F=8,350$; $p=0,000$), “Fusão/Inversão do Papel” ($F= 3,649$; $p=0,028$), “Superprotecção” ($F=3,004$; $p=0,052$) e “Rejeição” – PAMaDeP “Forma Mãe” ($F=3,045$; $p= 0,050$).

Tabela V: Médias e Desvios-Padrão nas variáveis do Parental *Bonding Instrument* (PBI), relativas à infância obtidas pelos sujeitos, com os três estilos de vinculação adulta, medida pelo *Loving and Working* (L&W) e resultantes da Análise da Variância.

Escalas	Inseguro/Ansioso-			F	p
	Seguro n=92	Ambivalente n=56	Evitante n=39		
PBI	M DP	M DP	M DP		
PBI M-CUIDCONT	15,033 3,749	14,708 3,073	13,641 3,959	2,045	0,132
PBI M-NEGAUT	4,441 3,493	5,298 3,116	5,077 3,942	1,163	0,315
PBI M-AUTINST	7,544 2,753	7,289 2,688	6,231 3,090	3,028	0,051
PBIM-CUIDNEG	12,591 3,577	12,340 2,887	11,895 3,704	0,555	0,575
PBIP-CUID	16,992 2,205	16,599 2,549	16,018 3,668	1,757	1,76
PBIP-AUTINST	5,529 3,288	5,837 3,422	6,373 3,789	0,7888	0,456
PBIP-NEGAUT	4,662 3,696	5,481 3,838	4,999 4,673	0,736	0,480

Nota: * $p < 0,05$ - A correlação é significativa ao nível de 0,05 ** $p < 0,01$ - A correlação é significativa ao nível de 0,01; PBIM – Versão Materna: CUID CONT – Cuidar Contingente; NEGAUT – Negação da Autonomia Psicológica; AUTINST – Autonomia Instrumental; CUIDNEG – Cuidar Negligente; PBIP – Versão Paterna: CUID – Cuidar; AUTINST - Autonomia Instrumental; NEGAUT – Negação da Autonomia Psicológica.

Tabela VI: Médias e Desvios-Padrão nas variáveis do Protocolo de Marcadores do Desenvolvimento em Psicopatologia (PAMaDeP) relativas à infância obtidas pelos sujeitos, com os três estilos de vinculação adulta, medida pelo *Loving and Working* (L&W) e resultantes da Análise da Variância.

Escalas PAMaDeP	Inseguro/Ansioso- Inseguro/Ansioso-			F	p
	Seguro n=92	Ambivalente n=56	Evitante n=39		
	M DP	M DP	M DP		
PAMaDeP- QUABAN	13,346 4,149	15,290 4,914	16,846 5,096	8,350	0,000**
PAMaDeP- QUADEP	15,202 6,231	15,974 3,565	14,103 2,703	1,630	0,199
PAMaDeP- QUANHIP	11,976 5,045	12,055 5,318	11,615 2,691	0,109	0,897
PAMaDeP- MFUS	20,978 4,042	20,564 4,236	18,841 4,322	3,649	0,028*
PAMaDeP-MSOB	31,889 7,53	34,896 8,416	34,558 8,354	3,004*	0,052
PAMaDeP-MREJ	44,174 14,574	47,174 12,945	50,872 16,131	3,045	0,050*
PAMaDeP-PFUS	11,932 3,307	11,442 3,286	12,326 6,681	0,512	0,600
PAMaDeP-PSOB	27,614 6,521	28,829 5,547	29,139 9,018	0,881	0,416
PAMaDeP- PREJ	57,1484 17,609	61,204 16,871	64,465 16,871	2,639	0,745

Nota: *p <,05 - A correlação é significativa ao nível de 0,05 ; **p < .01 - A correlação é significativa ao nível de 0,01; ; PAMaDeP QUA: "Quando era Pequeno": ABAN – Abandono; DEP – Dependência; HIP – Hiper-preocupação com a Família; PAMaDeP M e PAMaDeP P: "Forma Mãe" e "Forma Pai"; SOB – Superproteção; FUS – Fusão/Inversão do Papel; REJ – Rejeição.

De modo a verificar qual o resultado das diferenças entre os três estilos de vinculação no que respeita às variáveis “Abandono”, “Fusão/Inversão do Papel”, e “Rejeição”, Forma Mãe, relativas ao PAMaDeP, realizaram-se comparações *a posteriori* (testes *post-hoc*) utilizando o método H.S.D. de Tukey, uma vez que este é geralmente recomendado, quando as amostras são grandes, como é o caso ($n=187$) e a dimensão dos grupos é semelhante, tendo uma potência mais elevada.

Assim, uma análise dos resultados do teste H.S.D. de Tukey permitiu comparar as diferenças de médias dos estilos de vinculação adulta, que são estatisticamente significativas. Assim, na dimensão “Abandono” – PAMaDeP “Quando era Pequeno”, verifica-se uma diferença significativa entre o estilo *seguro* e o estilo *inseguro/ansioso-ambivalente* ($p<0,05$) e o *inseguro/evitante* ($p<0,0001$), mas não entre o estilo *inseguro/ansioso-ambivalente* e o estilo *inseguro-evitante*.

No que respeita à “Fusão/Inversão do Papel”, verificam-se diferenças significativas entre o estilo *seguro* e o estilo *inseguro-evitante* ($p<0,05$), mas não entre o estilo *inseguro/ansioso-ambivalente* e o *inseguro-evitante*, bem como também não são encontradas diferenças significativas entre o estilo *seguro* e o estilo *inseguro/ansioso-ambivalente*.

Finalmente, para a dimensão “rejeição” verificam-se diferenças significativas entre o estilo *seguro* e o estilo *inseguro-evitante* ($p<0,05$), mas não entre o estilo *inseguro/ansioso-ambivalente* e o *inseguro-evitante*, bem como para o estilo *seguro* e o estilo *inseguro/ansioso-ambivalente*.

CAPÍTULO VI

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Procurámos estudar, neste trabalho, a forma como as relações precoces se relacionam com a vinculação amorosa, bem como determinados aspectos do relacionamento com as figuras significativas na infância se relacionam com algumas dimensões de vinculação adulta e com os estilos de vinculação amorosa.

Os resultados obtidos e apresentados no capítulo anterior merecem agora um olhar atento, bem como uma atitude reflexiva.

Tínhamos como principal objectivo, perceber quais as diferenças entre o estilo de vinculação amorosa seguro e inseguro, nomeadamente em relação às experiências de autonomia e cuidado contingente na infância (onde estão presentes sentimentos como o calor emocional, a proximidade e o afecto). A maior parte das escalas dos instrumentos utilizados, abrangem um grande número de comportamentos parentais, que visam, segundo a Teoria da Vinculação, proporcionar possíveis estilos de vinculação segura nas relações na idade adulta. Como referimos segundo esta teoria, quando a figura de vinculação é percebida como uma “base” segura, o indivíduo está em posição de explorar o meio, de uma forma segura, tornando-se nesse sentido mais autónomo. No entanto, verificámos que não existe qualquer tipo de associação entre o estilo seguro, e as experiências relacionais que mencionámos, ou seja, não encontramos diferenças significativas entre as médias obtidas pelos sujeitos classificados como tendo um estilo de vinculação seguro, relativamente às médias dos sujeitos classificados como tendo um dos estilos de vinculação insegura nas escalas de autonomia instrumental e cuidado contingente da infância. Tal resultado poderá ter a ver de, e como foi apresentado em estudos como os de Canavarro (1999) e de Hazan e Shaver (1987), por exemplo, descreverem as mães como sendo também carinhosas e protectoras, o que poderá ser justificação para a inexistência de diferenças significativas entre os diversos estilos de vinculação amorosa.

Todavia, parece existir, uma menor tendência nos indivíduos com estilo seguro, relativamente aos sujeitos com um dos dois estilos inseguros, para perceberem as relações precoces com as figuras de vinculação como abandonada e rejeitante, o que vai de encontro aos resultados de alguns estudos já realizados como os de Collins e Read (1990), onde os indivíduos com estilo seguro descrevem os pais como

carinhosos e não rejeitantes, contrariamente aos indivíduos com estilo inseguro-ambivalente e inseguro-evitante.

Esperava-se também que existissem diferenças entre o estilo seguro e inseguro, relativamente às experiências de abandono, rejeição, dependência e hiper-protecção, mas prevalecendo estas nos estilos inseguros. Verificámos que memórias de experiências de cuidados parentais inadequados durante a infância, nomeadamente em termos de rejeição, se relacionavam com a insegurança na vinculação na idade adulta (e.g. Hazan & Shaver, 1987; Canavarro, 1999; Rothbard & Shaver, 1994, Collins & Read, 1990). Os resultados obtidos vão de encontro aos estudos empíricos acima referidos, dado que a rejeição materna, e o abandono são a dimensão dos cuidados parentais que mais parece contribuir para a insegurança da vinculação.

Ainda relativamente à experiência de abandono, o estilo seguro difere dos dois estilos inseguros, sendo os indivíduos com estilo inseguro-evitante aqueles que apresentam uma maior tendência para a representação das experiências precoces de abandono e rejeição relativamente à mãe mais marcada. Os estilos inseguro-ambivalente e inseguro-evitante diferam entre si, apresentando os indivíduos com estilo inseguro-evitante um resultado mais alto. Por sua vez, a fusão/inversão do papel com a mãe, é mais marcada em indivíduos com um estilo seguro do que com um estilo inseguro-evitante, não existindo diferenciação entre o estilo seguro e o estilo inseguro-ambivalente, logo, há uma maior tendência dos indivíduos com estilo seguro para percepcionarem a relação com a sua mãe como esta tendo sido de fusão e de inversão na prestação de cuidados. Este resultado, não era por nós esperado. No entanto, podemos tentar interpretá-lo à luz da Teoria da Vinculação, nomeadamente segundo os estudos de Hazan e Shaver (1987), onde estes descrevem os indivíduos com estilo seguro, como alguém que se sente confortável quando depende das pessoas, bem como com o conforto em estar próximo delas. Nenhum estudo anterior associou esta dimensão ao estilo seguro, ou seja, que a fusionalidade e a inversão do papel na prestação de cuidados na infância, é na idade adulta, se transformará na idade adulta num gosto em estar com o outro, dependendo dele, sentindo-se por isso mais seguro. Por outro lado, o facto de não existir qualquer tipo de diferenciação entre o estilo inseguro-ambivalente e os restantes dois estilos, diz-nos que este estará como que num ponto intermédio, não se diferenciando de nenhum dos restantes dois estilos, principalmente do estilo seguro, uma vez que indivíduos que apresentam um estilo inseguro-ambivalente, descrevem as mães como carinhosas e disponíveis, embora por vezes intrusas e inconscientes (e.g. Canavarro, 1999). No entanto, isto

faz-nos pensar que existem algumas semelhanças entre estas mães e as mães de sujeitos seguros, disponíveis e atentas, que proporcionam às crianças um sentido de segurança, adquirindo estas, posteriormente, um estilo seguro de vinculação, causará estas semelhanças nas respostas entre ambos os estilos de vinculação amorosa, no que respeita à fusão/inversão do papel. Podemos também citar o estudo de Canavarro (1999) e Hazan e Shaver (1987), onde os indivíduos com estilo inseguro-evitante descrevem a mãe como protectora, carinhosa, mas ao mesmo tempo, rejeitante e fria, o que, quanto a nós, poderá indicar a menor pré-disposição dos indivíduos com experiências de fusão e inversão do papel de prestador de cuidados, para desenvolverem um estilo inseguro-evitante de vinculação.

Verificámos, por último, que ao nível das experiências de rejeição na relação com a mãe, os resultados foram ao encontro do que esperávamos, comprovando a pertinência desta dimensão para a insegurança da vinculação amorosa. Esperávamos, que o estilo de vinculação amorosa onde fosse predominantes as experiências relacionais na infância de rejeição fosse o estilo inseguro-evitante. Estes indivíduos têm uma grande dificuldade em confiar no outro, uma vez que percepcionaram as suas figuras de vinculação como não responsivas e presentes em situações de adversidade, sendo por isso, o cuidar e ser cuidado algo que tendem a evitar, uma vez que percepcionam tal como um factor de dependência desagradável. Afastam-se antes de serem rejeitados, por outras palavras. Verificámos que existem diferenças entre o estilo de vinculação seguro e o estilo de vinculação inseguro-evitante, mas que não existem diferenças entre o seguro e o inseguro-ambivalente e entre os estilos inseguros entre si, no que concerne à variável da rejeição do PAMaDeP materno. Parece então isto querer dizer, que o estilo inseguro-evitante, é aquele que representa de uma forma mais marcada e evidente abrangente e concisa a tendência do indivíduos com estilo inseguro-evitante a percepcionarem experiências de rejeição na infância, por parte da figura materna.

Os resultados apresentados vão de encontro aos estudos empíricos de Canavarro (1999), Feeney e Noller (1990), Hazan e Shaver (1987) e ainda Rothbard e Shaver (1994), dado que no nosso estudo a rejeição materna, e as experiências de abandono, simultaneamente são a dimensão dos cuidados parentais precoces que mais parecem contribuir para a insegurança da vinculação romântica adulta, especialmente para uma componente de evitação desta relação. Parece existir um padrão de distância afectiva, onde o desenvolvimento da proximidade teve grandes lacunas, tendo se apresentando a figura materna, muito provavelmente, como

indisponível, ou no caso, das experiências de fusão/inversão do papel, demasiado disponível.

No que concerne às nossas expectativas acerca da predominância de experiências relacionais na infância de super-protecção, em adultos com estilos de vinculação inseguros (ou seja, a nossa segunda hipótese) verificámos que no nosso estudo, elas não se confirmaram. Esperávamos encontrar esta associação, uma vez que, de acordo com estudos anteriores, nomeadamente o de Canavarro (1999), os cuidadores de indivíduos que na idade adulta apresentam estilos de vinculação inseguro-ambivalente e inseguro-evitante, características como o serem figuras protectoras, mas que, no entanto, seriam ao mesmo tempo menos envolvidas na relação, inacessíveis e rejeitantes. Fazia-nos, no entanto, mais sentido associar esta dimensão de hiper-protecção, ao estilo inseguro-ambivalente. Olhando para a Teoria das Relações de Objecto, especificamente para a perspectiva de Blatt, podemos fazer um paralelismo entre o estilo de vinculação inseguro/ansioso-ambivalente e a personalidade anaclítica de Blatt. De acordo com Blatt, a configuração anaclítica de personalidade, verifica-se que a dependência e a insegurança do comportamento materno, tornam difícil à criança estabelecer uma representação interna da mãe como esta sendo um objecto cuidador, sendo este padrão repetido na relações futuras, neste caso nas relações amorosas. Sem esta representação, torna-se difícil para a criança acreditar que é amada e sentir prazer por isso, de forma contínua, na ausência do objecto. Os indivíduos dependentes, necessitam constantemente de se certificar acerca da disponibilidade dos outros para cuidarem de si. Estas pessoas, procuram desesperadamente a atenção e afecto, deprimindo em reacção às separações ou abandonos, ainda que apenas fantasiados. Sentiram, na relação precoce, o amor da mãe como sendo contingente, e sentem-se por isso desamparados e nunca seguros nas relações afectivas actuais, devido à necessidade de serem cuidados (Blatt & Homann, 1992, citado por Campos, 2000).

A nossa terceira hipótese pressupõe uma relação entre o facto de os sujeitos caracterizarem a sua figura de vinculação amorosa como alguém que é disponível, a quem podem recorrer, estando pronta para actuar e com capacidade de resposta; e uma representação das relações na infância com as figuras significativas como não rejeitantes, mas contrário descreverem-nas como tendo sido contentoras e propulsoras de autonomia. Aqui, os resultados foram congruentes com as nossas expectativas, baseadas na literatura. Relações precoces onde a figura materna é sentida como disponível atenta, e capaz de responder às necessidades da criança, no

fundo, segundo a teoria de Bowlby, acessível e responsiva, proporciona ao indivíduo uma sensação de segurança, de presença, que lhe permite explorar e ser autónomo (Soares, 2007). Verificámos que indivíduos que não percebem as mães como tendo sido abandonadas e rejeitantes, consideram o parceiro como este sendo disponível, gerando-se também na idade adulta a segurança necessária para o *self* explorar outros territórios e ser autónomo. Este resultado tem relação com o que foi apresentado anteriormente. Parece ser por isso, que a justificação para que a fusão e inversão do papel seja uma característica presente nos indivíduos que identificam a figura de vinculação actual como disponível, seja, a questão do contacto, da presença, tornando-a uma relação segura, como que se esta fosse vista num espelho que mostra a relação precoce e pela qual o indivíduo se guia. Os modelos internos dinâmicos, os guias relacionais de que falámos no capítulo I, tomam assim toda a importância que lhe é atribuída, funcionando como a ligação de uma etapa do desenvolvimento para a outra, como a memória presente que relembra o passado.

Por isto, a percepção da disponibilidade e da capacidade de resposta às necessidades relacionam-se com uma classificação dos cuidados parentais como positivos, tal como aconteceu nos estudos de autores como Canavarro (1999) e Rothbard e Shaver (1994) mostram nos seus estudos.

Por outro lado, esperávamos de acordo com estudos já mencionados, que os indivíduos que caracterizam as suas relações actuais com o parceiro como sendo marcadas pelo medo da perda e pela indisponibilidade do companheiro, e que tentam ser auto-suficientes, tenham, no passado, vivenciado relações precoces de rejeição e abandono por parte das figuras significativas, sendo esta a nossa quarta hipótese de investigação.

De acordo com os resultados obtidos, verificou-se a que indivíduos que mantêm na actualidade relações onde existe um medo de perder a figura de vinculação está bastante associado à percepção de abandono na infância por parte dos pais, bem como também está muito associada a comportamentos actuais de vinculação ansiosa, por percepção da indisponibilidade da figura de vinculação actual, existindo necessidade de o indivíduo se afastar, manter-se isolado devido à raiva sentida. Parece então existir uma ligação entre experiências de abandono e rejeição na infância e comportamentos na idade adulta de emancipação e de revolta, olhando os sujeitos para o companheiro como alguém que não está disponível e afastando-se por isso.

Por outro lado, corroborando a nossa última hipótese, verificámos que existe uma relação significativa entre experiências actuais de medo da perda, procura de proximidade e protesto de separação e procura e prestação compulsiva de cuidados, por um lado, e representações das relações na infância com as figuras significativas que remetem na maior parte dos casos para experiências de fusionalidade, de hiper-protecção e de negação da autonomia, por outro. No fundo, para experiências de *dependência* com as figuras significativas. Podemos pensar então, que estes sujeitos absorveram as suas relações precoces como geradoras de segurança, como parte integrante do *self*. Falamos aqui da dimensão do contacto afectivo no extremo oposto do abandono e da rejeição. Aqui não é a indisponibilidade e não responsividade da figura de vinculação que leva a relações pouco confiantes, é o seu extremo oposto; são relações de excessivo contacto que tornam os indivíduos dependentes nas suas relações precoces, estando como que incapacitados de funcionarem, sem sentirem a presença dos outros, o que mais uma vez está também associado à perspectiva de Blatt acerca da configuração anaclítica de personalidade, onde mães hiper-protectoras poderão criar questões de vulnerabilidade interpessoal de dependência e labilidade afectiva no indivíduo.

Por outro lado, verificámos também que experiências de hiper-protecção na infância e de fusionalidade levam a que o indivíduo mantenha na idade adulta a necessidade, que descrevíamos anteriormente, de se afastar com um sentido de raiva, como que se os indivíduos não tolerassem mais o controlo sentido na infância, o contrariar o padrão, relacionando-se de uma forma evitante, com medo da dependência numa relação não agradável para eles, como demonstrado nos estudos de Hazan e Shaver (1987).

Conclui-se de um modo geral, que ao nível das experiências relacionais na infância, os resultados obtidos através do *Parental Bonding Instrument* (PBI), não mostraram uma relação na maior parte dos casos significativos com as escalas dos instrumentos que avaliam a vinculação adulta. Já os resultados referentes ao Protocolo de Avaliação de Marcadores do Desenvolvimento na Psicopatologia (PAMaDeP), foram mais informativos no que diz respeito às ditas escalas. Apenas uma variável do PBI (“Negação da Autonomia Psicológica”, Forma Mãe e Forma Pai) resultou em valores explicativos e correlacionáveis com as escalas do Reciprocal Attachment Questionnaire (RAQ).

LIMITAÇÕES DO ESTUDO

O nosso estudo apresenta um conjunto de limitações que devem ser consideradas neste, e principalmente em estudos posteriores.

Em primeiro lugar, por apenas terem participado no nosso estudo estudantes universitários, tornando a amostra demasiado homogénea, não sendo os resultados do estudo, passíveis de serem generalizáveis às relações na idade adulta.

Uma outra limitação deste estudo prende-se com o facto de terem sido utilizados instrumentos de auto-relato, que, como é conhecido na literatura obriga a uma relativização dos resultados, uma vez que é frequente o efeito da desejabilidade social na resposta a este tipo de instrumentos. Por outro lado, o facto de serem medidas de acesso directo à consciência, não há espaço para a evocação de conteúdos inconscientes, complementando assim a informação recolhida.

Para além disto, pensámos que seria importante ter usado uma medida de intimidade relacional, que medisse a qualidade da relação de intimidade, como complementaridade aos meios de avaliação das dimensões e estilos de vinculação amorosa, condicionando a sua não utilização, possivelmente, as análises efectuadas nas variáveis em estudo.

CONCLUSÕES

Pretendeu-se neste trabalho, estudar a relação entre experiências relacionais estabelecidas na infância com as figuras significativas e os processos e estilos de vinculação amorosa no adulto; tentou compreender-se, à semelhança de alguns estudos já realizados, se existe, ou não, um padrão, uma *continuidade* que é mantida ao longo do desenvolvimento humano e que tem como origem as relações precoces na infância com as figuras significativas.

De uma forma geral, esperamos que o presente estudo tenha contribuído de alguma forma para o aprofundamento do tema numa perspectiva de complementaridade com os estudos já realizados sobre a temática referida. Genericamente os nossos resultados apontam para a existência, de relações entre os cuidados prestados na infância pelos pais, enquanto figuras significativas e para a forma como os indivíduos se relacionam posteriormente na relação amorosa e respectivos estilos de vinculação amorosa que evidenciam na idade adulta, [estando de acordo com as teorias da vinculação e das relações de objecto]. Para além disso, o facto de se terem utilizado instrumentos diferentes aos até agora utilizados para compreender a existência ou não desta relação, poderá de alguma forma ter contribuído para o alargamento do conhecimento nesta área específica.

Como conclusão geral deste trabalho de investigação, consideramos que são as experiências relacionais precoces de Abandono, Rejeição, Fusão/Inversão do Papel, Hiper-protecção e Autonomia Psicológica, aquelas que têm maior impacto na forma como os indivíduos se relacionam na idade adulta com o par amoroso.

Deste modo, podem criar-se dois grandes tipos de experiências, situados num *contínuo* que varia entre o pólo do *distanciamento afectivo* e do *contacto afectivo*: Experiências de Abandono e Rejeição por um lado, e experiências de Hiper-protecção, Fusionalidade e Negação da Autonomia Psicológica, por outro.

Relativamente às experiências de Abandono e Rejeição (pólo do *distanciamento afectivo*) na infância, verificámos que estas têm maior impacto quando ocorrem na relação com a figura materna e estão associadas a um estilo inseguro-evitante de vinculação e a padrões de vinculação ansiosa (auto-suficiência compulsiva e afastamento com raiva), caracterizados pelo desconforto que os indivíduos sentem em relação à proximidade e à intimidade que as relações com as figuras significativas podem implicar. Uma vez que perceberam as figuras de vinculação como não

responsivas em situações de adversidade, estes indivíduos tendem a evidenciar dificuldade em confiar no outro, sendo o cuidar o e o ser cuidado algo que tendem a evitar, uma vez que percebem este factor como ligado a uma dependência desagradável (Fonseca, Martins, Soares, Carvalho, Tereno & Carvalho, 2006). Verificámos também, que estas experiências precoces estão associadas à percepção de indisponibilidade e impossibilidade de recurso à Figura de Vinculação na idade adulta.

Estas associações permitem-nos estabelecer um padrão de *evitamento nas relações* estabelecidas na idade adulta, em indivíduos que caracterizam as relações na infância com as figuras significativas (mais expressivo quando ocorre na relação com a mãe), marcadas pelo abandono e rejeição.

No que concerne às experiências de Fusão/Inversão do papel (no pólo do *contacto afectivo*) na infância, verificámos que, semelhantemente às experiências referidas anteriormente, também estas têm maior impacto quando ocorrem na relação com a figura materna; contribuem na idade adulta para uma vinculação segura, onde o parceiro é visto como disponível e acessível, constituindo-se numa necessidade de proximidade, de procura e prestação compulsiva de cuidados e na ansiedade com a separação da figura de vinculação.

Embora estas experiências tenham um maior impacto quando ocorrem na relação com a figura materna, relações fusionais com a figura paterna, resultam, na idade adulta, na necessidade de ser auto-suficiente, evitando aproximar-se dos demais com medo que as suas necessidades de vinculação subjacentes o coloquem numa posição de vulnerabilidade, afastando-se com raiva, devido à ansiedade sentida pela inacessibilidade da figura de vinculação (Fonseca *et al.*, 2006).

Neste sentido, experiências de fusão/inversão do papel, conduzem a um padrão de *segurança/ambivalência* nas relações vivenciadas na idade adulta. O contacto afectivo na infância, ainda que excessivo, bem como a inversão de papéis, conduz a que, na idade adulta, estes indivíduos continuem a estabelecer, no seu sistema de prestação de cuidados, relações recíprocas, cuidando ou permitindo ser cuidado numa alternância de papéis, considerando-se, ao mesmo tempo, pessoas passíveis de serem amadas. Por outro lado, a questão da fusionalidade na infância, leva os indivíduos na idade adulta, para um sentido de ambivalência, devido à necessidade de proximidade e ao receio dessa mesma necessidade os colocar numa posição de fragilidade, estabelecendo por isso relações assimétricas em termos de cuidados,

cuidando ou ser cuidados de uma forma quase compulsiva, com uma reduzida flexibilidade cognitivo/emotiva para a alternância de papéis.

Em último lugar, relativamente às experiências de Hiper-protecção e Negação da Autonomia Psicológica, ainda no pólo do *contacto afectivo*, podemos dizer que estas são predominantes na relação com ambas as figuras parentais e contribuem na idade adulta para relações marcadas pelo medo da perda, pela necessidade de proximidade e de protesto de separação, pela necessidade de cuidar e ser cuidado e ainda, na necessidade de ser auto-suficiente e afastar-se.

Estas experiências precoces podem por isso, na idade adulta, ser traduzidas num padrão de *insegurança* nas relações estabelecidas, bem como no *balanço entre o seguir*, mantendo relações marcadas pela ansiedade, ou *contrariar o padrão* estabelecido na infância, tentando desligar-se de relações que lhe poderão causar uma dependência desagradável e com a qual não conseguem lidar.

Partindo para uma apreciação mais geral, este trabalho apresentou-se como um desafio que comporta duas faces: por um lado, a compreensão de quais os padrões que sobressaiam e que podiam ser expressivos do funcionamento da vinculação amorosa, relativamente às experiências relacionais na infância; e, por outro lado, o perceber se existia, mediante as condições que reunimos para este trabalho, a existência ou não da relação a que nos propusemos estudar, obtendo uma resposta positiva quanto a isto, mas que necessita, quanto a nós, de outras abordagens mais específicas de compreensão.

Assim, enquanto implicações deste estudo, para estudo posteriores, sugerimos que seria importante percebermos, para além de quais os estilos, ou dimensões da vinculação amorosa que prevalecem face aos acontecimentos e experiências relacionais na infância com as figuras significativas, qual a qualidade da representação da(s) relação(ões) íntima(s) e o comportamento nesse contexto relacional. Pensamos que poderiam ser contributos importantes, na medida em que se compreenderiam melhor os aspectos qualitativos das relações íntimas, comparando-as, de alguma forma, às relações precoces na infância.

Como conclusão global deste trabalho podemos dizer que este evidencia uma relação entre experiências relacionais na infância, com as figuras significativas e processos e estilos de vinculação amorosa no adulto, e que esta relação é mediada pela questão do *contacto afectivo aceitação/protecção* pelos progenitores, ou seja, que numa relação precoce há uma distância “suficientemente boa” e de protecção da

criança que são centrais para a possibilidade de vir a estabelecer, no futuro, relações amorosas satisfatórias com o companheiro.

Podemos então dizer, para finalizar, que a teoria e a investigação da vinculação e das relações de objecto constituem-se como importantes grelhas de leitura para a compreensão destes processos relacionais, potenciando-se mutuamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bartholomew, K., & Shaver, P. R. (1998). Methods of Assessing Adult Attachment: Do They Converge?. In J.A. Simpson & W.S. Rholes (Eds.), *Attachment Theory and Close Relationships*. New York: The Guilford Press.
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: an attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7, 147-178.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment Styles Among Young Adults: A Test of a Four-Category Model, *Journal of Personality and Social Psychology*, 61 (2), 225-244.
- Berman, W.H., & Sperling, M.B. (1994). The Structure and Function of Adult Attachment. In M. B. Sperling & W.H. Berman, *Attachment in Adults: Clinical and Developmental Perspectives*. New York: Guilfor Press.
- Blatt, S.J. (1995). Representational Structures in Psuchopathology. In D. Cicchetti & S.L. Toth. *Emotion, Cognition and Representation*. New York: Guilfor Press.
- Blatt, S.J. (2004a). Assessment of Object Representation. In S.J. Blatt, *Experiences of Depression: Theoretical, Clinical, and Research perspectives*. Washington: American Psychological Association.
- Blatt, S.J. (2004b). Expressions of Anaclitic and Introjective Depression and Their Distal and Proximal Antecedents. In S.J. Blatt, *Experiences of Depression: Theoretical, Clinical, and Research perspectives*. Washington: American Psychological Association.
- Blatt, S.J., & Blass, R.B. (1990). Attachment and separateness: A dialectic model of the products and processes of psychological development. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 45, 107-127.
- Blatt, S.J., & Blass, R.B. (1996). Relatedness and Self-Definition: A Dialectic Model of Personality Development. In G.G. Noam & K.W. Fischer (Eds.), *Development and Vulnerability in Close Relationships*. Hillslade, NJ: Erlbaum.

- Blatt, S.J., & Diamond, D. (1994). Internal Working Models and the Representational World in Attachment and Psychoanalytic Theories. In M. B. Sperling & W.H. Berman, *Attachment in Adults: Clinical and Developmental Perspectives*. New York: Guilford Press.
- Blatt, S.J., Auerbach, J.S. & Levy, K. N. (1997). Mental Representations in Personality Development, Psychopathology, and the therapeutic process. *Review of General Psychology*, 1, 351-374.
- Blatt, S.J., & Lerner, H.D. (1983). The psychological assessment of object representation. *Journal of Personality Assessment*, 47, 7-28.
- Blatt, S. J. & Levy, K. N. (1998). A Psychodynamic Approach to the Diagnosis of Psychopathology.
- Blatt, S. J. & Shichman, S. (1983). Two Primary Configurations of Psychopathology. In *Psychoanalysis and Contemporary Thought*, 6, pp. 187-254.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Attachment*. London: Basic Books (edição revista, 1982)
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Separation*. London: Basic Books.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss: Loss, sadness and depression* London: Basic Books
- Campos, R. C. (2000). *Análise exploratória das manifestações da dependência e do auto-criticismo enquanto estilos de personalidade no método do Rorschach*. Dissertação de Mestrado em Psicologia (Clínica), Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Canavarro, M. (1999). *Relações Afectivas e Saúde Mental*. Coimbra: Quarteto Editora.

- Canavarro, M.C., Dias, P., Lima, V.S. (2006). A Avaliação da Vinculação do Adulto: Uma Revisão Crítica a Propósito da Aplicação da Adult Attachment Scale-R (AAS-R) na População Portuguesa, *Psicologia*, 20 (1), 155-186.
- Cassidy, J. (1999). The nature of child's tie. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, research, and clinical applications*. New York: Guilford Press.
- Coimbra de Matos, A. (2007a). O Objecto na Relação Objectal. In A Coimbra de Matos (Ed.), *O Desespero*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Coimbra de Matos, A. (2007a). A Relação Precoce Mãe-Filho. In A Coimbra de Matos (Ed.), *O Desespero*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Collins, N., & Read, S. (1990) Adult Attachment Style, working models and quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 644-663.
- Collins, N.L, Ford, M.B., Guichard, A. C., Allard, L. M. (2006). Working models of attachment and social construal processes in intimate relationships. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 32, 201-219.
- Costa, R., Pacheco, A., Figueiredo, B. (2002). Memórias de cuidados parentais na infância, estilo de vinculação, qualidade da relação com pessoas significativas, perturbação psicopatológica e aliança terapêutica (estudo exploratório). *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 7 (1), 87-108.
- Cramer, P., Blatt, S.J., Ford, R.Q. (1998). Defense Mechanisms in the Anaclitic and Introjective Personality Configuration. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 56 (4), 610-616.
- Crowell, J., Fraley, R.C., & Shaver, P. R. (1999). Measurement of individual differences in adolescent and adult attachment. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, research, and clinical applications*. New York: Guilford Press.
- Dias, P. (2007). *Vinculação e Regulação Anatômica nas Perturbações Alimentares* (Tese de Doutoramento). Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

- Diehl, M., Elnick, A., Bourbeau, L.S. & Labouvie-Vief, G. (1998), Adult Attachment Styles: Their relations to family context and personality. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74 (6), 1656-1669.
- Faria, C., Fonseca, M., Lima, V., Soares, I. & Klein, J. (2007). Vinculação na Idade Adulta. In I. Soares (Cord.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Fraley, R.C., & Waller, N. G. (1998). Adult Attachment Patterns: A Test of the typological Model. In J.A. Simpson & W.S. Rholes (Eds.), *Attachment Theory and Close Relationships*. New York: The Guilford Press.
- Fraley, R.C., Shaver, P (2000). Adult Romantic Attachment: Theoretical Developments, Emerging Controversies, and Unanswered Questions. *Review of General Psychology*, 4 (2), 132-154.
- Franze, A., Sarah, E. (2005). Perfectionism as a mediator between parent-child interactions and attachment style in adult romantic relationships. *Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering*, 66 (4-B).
- Feeney, J., & Noller, P. (1990). Attachment style as a predictor of adult romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58 (2), 281-291.
- Feeney, J. (1999). Adult romantic attachment and couple relationships. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, research, and clinical applications*. New York: Guilford Press.
- Fonseca, M., Martins, C., Soares, I., Tereno, S. & Carvalho, A. (2006). Reciprocal Attachment Questionnaire (West, Sheldon & Reiffer, 1987): Resultados de um estudo de adaptação para Portugal. In Actas XI Conferencia Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos. Braga.
- Fonseca, M., Soares, I. & Martins, C. (2006). Estilos de vinculação, Orientação para o Trabalho e Relações Profissionais, *Psicologia*, 20 (1), 187-208.

- Fritsch, R. C. & Holmstrom, R. W. (1990). Assessing object representations as a continuous variable: A modification of the concept of the object on the Rorschach scale. *Journal of Personality Assessment*, 55, 1-2, 319-334.
- George, C., & Solomon, J. (1999). Attachment and Caregiving: The Caregiving Behavioral System. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, research, and clinical applications*. New York: Guilford Press.
- Gjerde, P.F., Onishi, M., & Carlson, K.S. (2001). Personality Characteristics Associated With Romantic Attachment: A Comparison of Interview and Self-Report Methodologies. *Personality and Social Psychology bulletin*, 27 (9), 1402-1415.
- Guedeney, N. (2004). Conceitos-chave da teoria da vinculação. In N. Guedeney & A. Guedeney (Coord.), *Vinculação: Conceitos e aplicações*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52 (3), 511-524.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Love and Work: An attachment-theoretical perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 270-280.
- Hinde, R.A. (1997). *Relationships: a dialectical perspective*. London: Lawrence Earlbaum Associates.
- Klein, J.M. (2007). *Psychophysiological Correlates of Attachment Organization: Linear and non-linear analysis of autonomic regulation during the Adult Attachment Interview*. Dissertação de Tese de Doutoramento. Universidade do Minho.
- Kobak, R. (1999). The emotional Dynamics of Disruptions in Attachment Relationships: Implications for Theory, Research and Clinical Intervention. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, research, and clinical applications*. New York: Guilford Press.
- Levy, K.N., Blatt, S.J. & Shaver, P. (1998). Attachment Styles and Parental Representations. *Journal of Personality & Social Psychology*, 74, 407-419.

- Lima, V., Vieira, F., & Soares, I. (2006). Vinculação em casais: avaliação da representação da intimidade e da interacção conjugal. *Psicologia*, 20 (1), 51-63.
- Lyons-Ruth, K., & Jacobvitz, D. (1999). Attachment disorganizations: unresolved loss, relational violence, and lapses in behavioral and attentional strategies. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, research, and clinical applications*. New York: Guilford Press.
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: a move to the level of representation. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points of attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in child Development*, 50, 66-104.
- Martins, C. & Soares, I. (2007). Contributos metodológicos para a investigação em vinculação. In I. Soares (Coord.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Miljkovitch, R. (2004). A vinculação ao nível das representações. In N. Guedeney & A. Guedeney (Coord.), *Vinculação: Conceitos e aplicações*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Moreira, J.M. (2006). Será o estilo de vinculação específico para cada relação? Um estudo utilizando a teoria da generalizabilidade. *Psicologia*, 20 (1), 127-154.
- Perdereau, F. & Atger, F. (2004). Avaliação da Vinculação no Adolescente e Adulto. In N. Guedeney & A. Guedeney (Coords.), *Vinculação: Conceitos e Aplicações*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Rabouam, C., & Moralès-Huet (2004). Cuidados Parentais e Vinculação. In N. Guedeney & A. Guedeney (Coords.), *Vinculação: Conceitos e Aplicações*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Ramos, V., Leal, I. & Maroco, J. (2009). Escala de Bonding Parental. In I. Leal & J. Maroco (Orgs.) *Avaliação em Sexualidade e Parentalidade*. Coimbra: Quarteto Editora.

- Rodrigues, A., Figueiredo, B., Pacheco, A. Costa, R., Cabeleira, C. & Magarinho, R. (2004). Memórias de cuidados na infância e qualidade da relação com as figuras significativas: Estudo com grávidas adolescentes. *Análise Psicológica*, 4, 643-665.
- Rothbard, J. C., & Shaver, P. R. (1994). Continuity of attachment across the life span. In M. B. Sperling, & W. H. Berman (Eds.), *Attachment in adults – Clinical and developmental perspectives* (pp. 31-71). New York: Guilford Press.
- Simpson, J.A., & Rholes, W. S. (1998). Attachment in Adulthood. In J.A. Simpson & W.S. Rholes (Eds.), *Attachment Theory and Close Relationships*. New York: The Guilford Press.
- Soares, I. (1996). *Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência*. Braga: Serviço de Publicações do Instituto de Educação e Psicologia.
- Soares, I. (2000). Psicopatologia do desenvolvimento e contexto familiar: Teoria e investigação das relações de vinculação. In I. Soares (Coord). *Psicopatologia do desenvolvimento: Trajectórias (in)adaptativas ao longo da vida*. Coimbra: Quarteto Editores.
- Soares, I. (2007). Desenvolvimento da Teoria e da Investigação da Vinculação. In I. Soares (Cord.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Soares, I., Martins, E.C., & Tereno, S. (2007). Vinculação na Infância. In I. Soares (Cord.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Soares, I. (2007). Contributos Metodológicos para a Investigação em Vinculação. In I. Soares (Cord.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Soares, I., & Dias, P. (2007). Apego y Psicopatologia en jóvenes y adultos: Contribuciones recientes de la investigación. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 7,177-195.

Simpson, J. (1990). Influence of attachment styles on romantic. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 971-980.

Stern, D.N. (1985). *The interpersonal World of the Infant: A View from Psychoanalysis and Developmental Psychology*. New York: Basic Books.

Thompson, R. A. (1999). Early Attachment and Later Development. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, research, and clinical applications*. New York: Guilford Press.

Weiss, R.S. (1982). Attachment in adult life. In. C.M. Parkes & J.Stevenson-Hinde & C. Parkes. (Eds.9 *Attachment in human behavior*. New York: Basic Books.

ANEXOS

ANEXO A

PBI

(Adaptado por V. Ramos, I. Leal & J. Maroco, 2006)

Este questionário enumera as várias atitudes e comportamentos dos pais. Deverá colocar uma cruz no quadrado mais apropriado a seguir a cada resposta relativamente ao modo como recorda o seu PAI nos primeiros 16 anos de vida.

Modelo para o Pai

	Concordo Totalmente	Concordo Moderadamente	Discordo Moderadamente	Discordo Totalmente
1. Falava comigo num tom de voz caloroso e simpático.				
2. Não me ajudava tanto como eu necessitava.				
3. Deixava-me fazer aquelas coisas que eu gostava de fazer.				
4. Parecia emocionalmente frio comigo.				
5. Mostrava compreender os meus problemas e preocupações.				
6. Era afectuoso comigo.				
7. Gostava que eu tomasse as minhas próprias decisões.				
8. Não queria que eu crescesse.				
9. Tentava controlar tudo aquilo que eu fazia.				

10. Invadia a minha privacidade.				
11. Gostava de falar sobre as coisas comigo.				
12. Frequentemente sorria para mim.				
13. Costumava tratar-me como um bebé.				
14. Parecia não compreender o que eu precisava ou queria.				
15. Deixava-me decidir as coisas por mim próprio.				
16. Fazia-me sentir que eu não era desejado.				
17. Conseguia fazer-me sentir melhor quando eu estava preocupado.				
18. Não costumava falar muito comigo.				
19. Tentava fazer com que me sentisse dependente dele.				
20. Fazia-me sentir que não conseguia tomar conta de mim sem que ele estivesse presente.				
21. Deu-me tanta liberdade quanto aquela que eu queria.				
22. Deixava-me sair tantas vezes quanto eu queria.				
23. Era hiper-protector comigo.				
24. Não me elogiava.				

Este questionário enumera as várias atitudes e comportamentos dos pais. Deverá colocar uma cruz no quadrado mais apropriado a seguir a cada resposta relativamente ao modo como recorda a sua MÃE nos primeiros 16 anos de vida.

Modelo para a Mãe

	Concordo Totalmente	Concordo Moderadamente	Discordo Moderadamente	Discordo Totalmente
1. Falava comigo num tom de voz caloroso e simpático.				
2. Não me ajudava tanto como eu necessitava.				
3. Deixava-me fazer aquelas coisas que eu gostava de fazer.				
4. Parecia emocionalmente fria comigo.				
5. Mostrava compreender os meus problemas e preocupações.				
6. Era afectuosa comigo.				
7. Não queria que eu crescesse.				
8. Tentava controlar tudo aquilo que eu fazia.				
9. Invadia a minha privacidade.				
10. Gostava de falar sobre as coisas comigo.				
11. Frequentemente sorria para mim.				
12. Parecia não compreender o que eu precisava ou queria.				
13. Deixava-me decidir as coisas por mim próprio.				
14. Fazia-me sentir que eu não era				

desejado.				
15. Conseguia fazer-me sentir melhor quando eu estava preocupado.				
16. Tentava fazer com que me sentisse dependente dela.				
17. Fazia-me sentir que não conseguia tomar conta de mim sem que ela estivesse presente.				
18. Deu-me tanta liberdade quanto aquela que eu queria.				
19. Deixava-me sair tantas vezes quanto eu queria.				
20. Não me elogiava.				
21. Deixava-me vestir do modo que eu queria.				

ANEXO B

"Quando era pequena" (F)

As questões que seguem referem-se à sua vida passada e são iniciadas pela expressão "Quando era pequena", reportando-se a um período que se pode estender até aos 15/16 anos. Algumas afirmações que se seguem referem-se à relação com os seus pais. No entanto, se tiver sido criada por outros adultos que os substituíram, ou apenas com um dos seus pais, deverá responder em relação a essa pessoa que cuidou de si.

	1 Discordo Totalmente	2 Discordo	3 Concordo	4 Concordo Totalmente
	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
1. Quando era pequena, sofria muito quando tinha que me separar dos meus pais.	1	2	3	4
2. Quando era pequena, sentia-me rejeitada pelos outros.	1	2	3	4
3. Quando era pequena, os meus pais não me davam o apoio emocional que eu precisava, apesar de se preocuparem muito comigo.	1	2	3	4
4. Quando era pequena, sentia-me responsável por manter a união e harmonia familiar.	1	2	3	4
5. Quando era pequena, tinha medo que os meus pais me abandonassem.	1	2	3	4
6. Quando era pequena, era pouco autónoma no arranjo pessoal (vestir, lavar-me etc.) tendo tido, até tarde, ajuda dos meus pais ou de outros.	1	2	3	4
7. Quando era pequena, tinha medo que a minha família se separasse.	1	2	3	4
8. Quando era pequena, era afectivamente muito independente dos meus pais.	1	2	3	4
9. Quando era pequena, sofri muito com a doença de um dos meus pais.	1	2	3	4
10. Quando era pequena, sentia-me pouco amada pelos meus pais.	1	2	3	4
11. Quando era pequena, para adormecer precisava de ter um dos meus pais ao meu lado.	1	2	3	4
12. Quando era pequena, sentia-me excessivamente frágil perante obstáculos e dificuldades.	1	2	3	4
13. Quando era pequena, estava sempre preocupada com o que pudesse acontecer de mal aos meus pais.	1	2	3	4
14. Quando era pequena, tinha tendência para não revelar aos outros as minhas mágoas, por achar que não valia a pena contar.	1	2	3	4
15. Quando era pequena, fui ameaçada de abandono pelos meus pais.	1	2	3	4
16. Quando era pequena, tive que assumir a responsabilidade de cuidar de mim ou de outros, quando ainda era demasiado jovem para isso.	1	2	3	4
17. Quando era pequena, pressentia rejeição na atitude dos meus pais para comigo.	1	2	3	4

1 Discordo Totalmente	2 Discordo	3 Concordo	4 Concordo Totalmente
-----------------------------	---------------	---------------	-----------------------------

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
18. Quando era pequena, nunca queria separar-me dos meus pais.	1	2	3	4
19. Quando era pequena, sofri a ausência de um dos meus pais ou dos dois, durante um período de tempo prolongado.	1	2	3	4
20. Quando era pequena, fui pouco independente até tarde, precisando da ajuda dos pais ou de outros para resolver as minhas dificuldades.	1	2	3	4
21. Quando era pequena, sentia-me muitas vezes incompreendida e só.	1	2	3	4
22. Quando era pequena, preocupava-me muito em mostrar aos outros que tudo corria bem dentro da minha família.	1	2	3	4
23. Quando era pequena, senti-me abandonada pelos meus pais.	1	2	3	4
24. Quando era pequena, tinha tendência para sentir mal-estar físico (dores, vômitos, etc.) em situações problemáticas para mim, sem estar doente.	1	2	3	4
25. Quando era pequena, perdi (por morte) um dos meus pais ou os dois.	1	2	3	4
26. Quando era pequena, não tinha oportunidade de dizer, verdadeiramente, o que sentia ou pensava.	1	2	3	4
27. Quando era pequena, nunca me custou nada separar-me dos meus pais.	1	2	3	4
28. Quando era pequena, acusavam-me de "ser pouco dada".	1	2	3	4
29. Quando era pequena, as pessoas consideravam-me muito madura e responsável.	1	2	3	4
30. Quando era pequena, a minha vida sofreu alterações muito negativas após a morte de um dos meus pais.	1	2	3	4
31. Quando era pequena, o que mais me preocupava era a minha família e a união familiar.	1	2	3	4

FORMA PAI

Este questionário procura conhecer o modo como o seu pai (ou pessoa que o substituiu) se relacionou consigo quando era pequeno(a), período que se pode estender até aos 15 / 16 anos. Em seguida, é apresentado um conjunto de afirmações e gostaríamos que para cada uma indicasse em que grau ela caracteriza a relação do seu pai consigo. Assim, se considerar que a afirmação caracteriza muito mal, que era exactamente o contrário, deverá assinalar que *discorda totalmente*, colocando uma cruz no número 1 da escala de resposta; se considerar que a afirmação caracteriza muito bem o que foi a relação do seu pai consigo, deverá assinalar que *concorda totalmente*, colocando uma cruz no número 4 da escala de resposta e, assim sucessivamente, expressando o seu grau de acordo com a afirmação correspondente.

1 Discordo Totalmente	2 Discordo	3 Concordo	4 Concordo Totalmente
-----------------------------	---------------	---------------	-----------------------------

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
1. O meu pai achava que era ele quem devia resolver os meus problemas.	1	2	3	4
2. O meu pai, geralmente, perdoava-me os erros ou limitações.	1	2	3	4
3. O meu pai intrometia-se na minha vida.	1	2	3	4
4. O meu pai fazia-me sentir culpado(a) por não estar perto dele.	1	2	3	4
5. O meu pai tinha prazer em estar comigo.	1	2	3	4
6. O meu pai fazia-me sentir que eu era um fardo para ele.	1	2	3	4
7. O meu pai pressionava-me para estudar e para o sucesso, em vez de me dar apoio e compreensão.	1	2	3	4
8. O meu pai e eu pensávamos da mesma maneira.	1	2	3	4
9. O meu pai pensava que eu não era capaz de tomar conta de mim, se ele não estivesse ao meu lado.	1	2	3	4
10. O meu pai e eu éramos extremamente unidos.	1	2	3	4
11. O meu pai tratou-me, até demasiado tarde, como um bebé.	1	2	3	4
12. O meu pai tinha que dar a sua opinião para que eu pudesse tomar decisões.	1	2	3	4
13. O meu pai era infeliz na sua relação conjugal, amorosa.	1	2	3	4
14. O meu pai mostrava que gostava de ser pai.	1	2	3	4
15. O meu pai confidenciava-me os seus problemas e preocupações.	1	2	3	4

1 Discordo Totalmente	2 Discordo	3 Concordo	4 Concordo Totalmente
-----------------------------	---------------	---------------	-----------------------------

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
16. O meu pai tentava controlar tudo o que eu fazia.	1	2	3	4
17. O meu pai era paciente e tolerante.	1	2	3	4
18. O meu pai, frequentemente, fazia na minha vez coisas que eu era capaz de fazer.	1	2	3	4
19. O meu pai precisava de todo o meu apoio e atenção.	1	2	3	4
20. O meu pai fazia-me sentir que gostava de mim tal como eu era, sem exigir que eu fosse uma pessoa diferente.	1	2	3	4
21. O meu pai era alguém a quem eu tinha dificuldade em agradar.	1	2	3	4
22. O meu pai era uma pessoa a quem podia fazer as minhas confidências.	1	2	3	4
23. O meu pai não me deixava fazer as coisas que eram normalmente permitidas a crianças da minha idade.	1	2	3	4
24. O meu pai manifestava um bem-estar e uma capacidade de agir que me dava confiança.	1	2	3	4
25. O meu pai não tinha sido capaz de se aguentar nos meus momentos, se não fosse a minha ajuda.	1	2	3	4
26. O meu pai não tinha tempo para mim.	1	2	3	4
27. O meu pai desiludiu-me muito.	1	2	3	4
28. O meu pai, muitas vezes, era áspero e duro comigo.	1	2	3	4
29. O meu pai estava sempre disponível quando eu precisava da sua confiança e apoio.	1	2	3	4
30. O meu pai tentava fazer com que eu precisasse dele para tudo.	1	2	3	4
31. O meu pai era rigoroso e rígido, amedrontando-me.	1	2	3	4
32. O meu pai pressionou-me para que fosse independente, desde demasiado cedo.	1	2	3	4
33. O meu pai era muito crítico em relação a tudo o que eu fazia.	1	2	3	4
34. O meu pai esperava de mim que eu lhe desse mimos e apoio.	1	2	3	4
35. O meu pai tinha manifestações físicas de afecto comigo (abraços, carícias, etc.).	1	2	3	4
36. O meu pai fazia-me sentir especial por fazer-me confidências da sua vida.	1	2	3	4
37. O meu pai, raramente, estava comigo a fazer as minhas coisas.	1	2	3	4
38. O meu pai desapontou-se muito comigo.	1	2	3	4
39. O meu pai preocupava-se demasiado com a possibilidade de eu me magoar ou de ficar doente.	1	2	3	4

1 Discordo Totalmente	2 Discordo	3 Concordo	4 Concordo Totalmente
-----------------------------	---------------	---------------	-----------------------------

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
40. O meu pai não queria que eu me tornasse adulto(a).	1	2	3	4
41. O meu pai esforçava-se por me compreender e ajudar quando eu me sentia mais triste.	1	2	3	4
42. O meu pai fazia-me sentir culpado(a) e diminuído(a) quando não aprovava o que eu fazia	1	2	3	4
43. O meu pai chamava-me a atenção para as suas preocupações e necessidades.	1	2	3	4
44. O meu pai era quem me dizia o que eu devia fazer ou sentir em relação às pessoas e ao mundo.	1	2	3	4
45. O meu pai só podia contar comigo.	1	2	3	4
46. O meu pai estava demasiado ocupado ou preocupado com os seus assuntos para me dar atenção.	1	2	3	4
47. A relação com o meu pai era aberta e à vontade.	1	2	3	4
48. O meu pai não me dava coragem para eu desenvolver as minhas capacidades.	1	2	3	4
49. O meu pai era incompetente ou incapaz de lidar com situações problemáticas.	1	2	3	4
50. O meu pai não gostava da minha companhia em casa.	1	2	3	4
51. O meu pai e eu éramos amigos inseparáveis.	1	2	3	4
52. O meu pai esperava que eu fosse um(a) "menino(a) exemplar".	1	2	3	4
53. O meu pai protegia-me excessivamente.	1	2	3	4
54. O meu pai tinha expectativas muito elevadas em relação a mim e ao meu futuro.	1	2	3	4

FORMA MÃE

Este questionário procura conhecer o modo como a sua mãe (ou pessoa que a substituiu) se relacionou consigo quando era pequeno(a), período que se pode estender até aos 15 / 16 anos. Em seguida, é apresentado um conjunto de afirmações e gostaríamos que para cada uma indicasse em que grau ela caracteriza a relação da sua mãe consigo. Assim, se considerar que a afirmação caracteriza muito mal, que era exactamente o contrário, deverá assinalar que *discorda totalmente*, colocando uma cruz no número 1 da escala de resposta; se considerar que a afirmação caracteriza muito bem o que foi a relação da sua mãe consigo, deverá assinalar que *concorda totalmente*, colocando uma cruz no número 4 da escala de resposta e, assim sucessivamente, expressando o seu grau de acordo com a afirmação correspondente.

1 Discorda Totalmente	2 Discordo	3 Concordo	4 Concordo Totalmente
-----------------------------	---------------	---------------	-----------------------------

	Discorda totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
1. A minha mãe achava que era ela quem devia resolver os meus problemas.	1	2	3	4
2. A minha mãe, geralmente, perdoava-me os erros ou limitações.	1	2	3	4
3. A minha mãe intrometia-se na minha vida.	1	2	3	4
4. A minha mãe fazia-me sentir culpado(a) por não estar perto dela.	1	2	3	4
5. A minha mãe tinha prazer em estar comigo.	1	2	3	4
6. A minha mãe fazia-me sentir que eu era um fardo para ela.	1	2	3	4
7. A minha mãe pressionava-me para estudar e para o sucesso, em vez de me dar apoio e compreensão.	1	2	3	4
8. A minha mãe e eu pensávamos da mesma maneira.	1	2	3	4
9. A minha mãe pensava que eu não era capaz de tomar conta de mim, se ela não estivesse ao meu lado.	1	2	3	4
10. A minha mãe e eu éramos extremamente unidos(as).	1	2	3	4
11. A minha mãe tratou-me, até demasiado tarde, como um bebé.	1	2	3	4
12. A minha mãe tinha que dar a sua opinião para que eu pudesse tomar decisões.	1	2	3	4
13. A minha mãe era infeliz na sua relação conjugal, amorosa.	1	2	3	4
14. A minha mãe mostrava que gostava de ser mãe.	1	2	3	4
15. A minha mãe confidenciava-me os seus problemas e preocupações.	1	2	3	4

1 Discordo Totalmente	2 Discordo	3 Concordo	4 Concordo Totalmente
-----------------------------	---------------	---------------	-----------------------------

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
16. A minha mãe tentava controlar tudo o que eu fazia.	1	2	3	4
17. A minha mãe era paciente e tolerante.	1	2	3	4
18. A minha mãe, frequentemente, fazia na minha vez coisas que eu era capaz de fazer.	1	2	3	4
19. A minha mãe precisava de todo o meu apoio e atenção.	1	2	3	4
20. A minha mãe fazia-me sentir que gostava de mim tal como eu era, sem exigir que eu fosse uma pessoa diferente.	1	2	3	4
21. A minha mãe era alguém a quem eu tinha dificuldade em agradar.	1	2	3	4
22. A minha mãe era uma pessoa a quem podia fazer as minhas confidências.	1	2	3	4
23. A minha mãe não me deixava fazer as coisas que eram normalmente permitidas a crianças da minha idade.	1	2	3	4
24. A minha mãe manifestava um bem-estar e uma capacidade de agir que me dava confiança.	1	2	3	4
25. A minha mãe não tinha sido capaz de se aguentar nos maus momentos, se não fosse a minha ajuda.	1	2	3	4
26. A minha mãe não tinha tempo para mim.	1	2	3	4
27. A minha mãe desiludiu-me muito.	1	2	3	4
28. A minha mãe, muitas vezes, era áspera e dura comigo.	1	2	3	4
29. A minha mãe estava sempre disponível quando eu precisava da sua confiança e apoio.	1	2	3	4
30. A minha mãe tentava fazer com que eu precisasse dela para tudo.	1	2	3	4
31. A minha mãe era rigorosa e rígida, amedrontando-me.	1	2	3	4
32. A minha mãe pressionou-me para que fosse independente, desde demasiado cedo.	1	2	3	4
33. A minha mãe era muito crítica em relação a tudo o que eu fazia.	1	2	3	4
34. A minha mãe esperava de mim que eu lhe desse mimos e apoio.	1	2	3	4
35. A minha mãe tinha manifestações físicas de afecto comigo (abraços, carícias, etc.).	1	2	3	4
36. A minha mãe fazia-me sentir especial por fazer-me confidências da sua vida.	1	2	3	4
37. A minha mãe, raramente, estava comigo a fazer as minhas coisas.	1	2	3	4
38. A minha mãe desapontou-se muito comigo.	1	2	3	4
39. A minha mãe preocupava-se demasiado com a possibilidade de eu me magoar ou de ficar doente.	1	2	3	4

1 Discordo Totalmente	2 Discordo	3 Concordo	4 Concordo Totalmente
-----------------------------	---------------	---------------	-----------------------------

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
40. A minha mãe não queria que eu me tornasse adulto(a).	1	2	3	4
41. A minha mãe esforçava-se por me compreender e ajudar quando eu me sentia mais triste.	1	2	3	4
42. A minha mãe fazia-me sentir culpado(a) e diminuído(a) quando não aprovava o que eu fazia	1	2	3	4
43. A minha mãe chamava-me a atenção para as suas preocupações e necessidades.	1	2	3	4
44. A minha mãe era quem me dizia o que eu devia fazer ou sentir em relação às pessoas e ao mundo.	1	2	3	4
45. A minha mãe só podia contar comigo.	1	2	3	4
46. A minha mãe estava demasiado ocupada ou preocupada com os seus assuntos para me dar atenção.	1	2	3	4
47. A relação com a minha mãe era aberta e à vontade.	1	2	3	4
48. A minha mãe não me dava coragem para eu desenvolver as minhas capacidades.	1	2	3	4
49. A minha mãe era incompetente ou incapaz de lidar com situações problemáticas.	1	2	3	4
50. A minha mãe não gostava da minha companhia em casa.	1	2	3	4
51. A minha mãe e eu éramos amigos(as) inseparáveis.	1	2	3	4
52. A minha mãe esperava que eu fosse um(a) "menino(a) exemplar".	1	2	3	4
53. A minha mãe protegia-me excessivamente.	1	2	3	4
54. A minha mãe tinha expectativas muito elevadas em relação a mim e ao meu futuro.	1	2	3	4

ANEXO C

RAQ

(West, Sheldon, & Reiffer, 1987)

Adaptação Portuguesa (Versão Experimental 1.0; 2005)

Marisa Fonseca, Susana Tereno, & Isabel Soares

Neste questionário, colocar-lhe-emos algumas perguntas sobre a sua relação com uma pessoa especial. Designamos esta pessoa de “**Figura de Vinculação**” (FV). A sua Figura de Vinculação (FV) será:

- A pessoa com quem está a viver ou com quem está romanticamente envolvido(a).
- A pessoa a quem espera recorrer para conforto, ajuda, conselho, amor ou compreensão.
- A pessoa de quem poderá depender e que poderá depender de si em determinadas situações.

A sua Figura de Vinculação poderá ser:

- O marido / A esposa
- O namorado / A namorada
- Um amigo especial / Uma amiga especial

Poderá ter várias pessoas na sua vida de quem é próximo(a) de diferentes maneiras, ou poderá ser difícil pensar numa pessoa que signifique tanto para si. Para responder às questões pense numa pessoa de quem se sinta próximo(a) neste momento. Esta pessoa é a sua Figura de Vinculação, mesmo que as descrições não lhe pareçam corresponder na totalidade.

	Discordo Completamente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Completamente
1.Recorro à minha Figura de Vinculação para muitas coisas, incluindo conforto e apoio.	1	2	3	4	5
2.Desejava que houvesse menos raiva na minha relação com a minha figura de vinculação.	1	2	3	4	5
3.Coloco as necessidades da minha figura de vinculação à frente das minhas.	1	2	3	4	5
4.Fico frustrado(a) quando a minha figura de vinculação não está comigo tanto tempo como eu queria.	1	2	3	4	5
5.Sinto que é melhor não depender da minha figura de vinculação.	1	2	3	4	5
6.Quero ficar mais próximo da minha figura de vinculação mas recuo sempre.	1	2	3	4	5
7.Frequentemente sinto-me demasiado dependente da minha figura de vinculação.	1	2	3	4	5
8.Não consigo trabalhar se a minha figura de vinculação tem um problema.	1	2	3	4	5
9.Gosto de cuidar da minha figura de vinculação.	1	2	3	4	5
10.Não me oponho quando a					

minha figura de vinculação se ausenta por alguns dias.	1	2	3	4	5
11.Estou confiante que a minha figura de vinculação irá tentar compreender os meus sentimentos.	1	2	3	4	5
12.Desejava ser criança outra vez e ser cuidado pela minha figura de vinculação.	1	2	3	4	5
13.Receio que a minha figura de vinculação me desaponte.	1	2	3	4	5
14.Não quereria que a minha figura de vinculação dependesse de mim.	1	2	3	4	5
15.Ressinto-me quando a minha figura de vinculação passa tempo longe de mim.	1	2	3	4	5
16.Tenho de ter a minha figura de vinculação comigo quando estou perturbado.	1	2	3	4	5
17.Confio em mim para resolver os meus problemas e não na minha figura de vinculação.	1	2	3	4	5
18.Quando estou preocupado tenho a certeza que a minha figura de vinculação estará a meu lado para ouvir.	1	2	3	4	5
19.Discuto frequentemente os meus problemas e preocupações com a minha figura de vinculação.	1	2	3	4	5
20.Sinto-me abandonado quando a minha figura de vinculação se ausenta por uns dias.	1	2	3	4	5

21.Tenho um medo terrível de que a minha relação com a minha figura de vinculação termine.	1	2	3	4	5
22.Não preciso que a minha figura de vinculação cuide de mim.	1	2	3	4	5
23.A minha figura de vinculação parece que só repara em mim quando estou zangado.	1	2	3	4	5
24.Falo sobre diversos assuntos com a minha figura de vinculação.	1	2	3	4	5
25.É fácil para mim ser afectivo com a minha figura de vinculação.	1	2	3	4	5
26.Espero que a minha figura de vinculação resolva os seus próprios problemas.	1	2	3	4	5
27.Receio perder o amor da minha figura de vinculação.	1	2	3	4	5
28.Sinto-me perdido se estou preocupado e a minha figura de vinculação não está por perto.	1	2	3	4	5
29.Estou furioso por não receber nenhum consolo da minha figura de vinculação.	1	2	3	4	5
30.Estou tão habituado a fazer coisas por mim próprio que não peço ajuda à minha figura de vinculação.	1	2	3	4	5
31.Estou confiante de que a minha figura de vinculação me amará sempre.	1	2	3	4	5
32.Nunca tenho a certeza sobre o que					

devo fazer até falar com a minha figura de vinculação.	1	2	3	4	5
33.Ficaria desamparado sem a minha figura de vinculação.	1	2	3	4	5
34.A situação tem de ser realmente má para eu pedir ajuda à minha figura de vinculação.	1	2	3	4	5
35.Fico muito aborrecido com a minha figura de vinculação pois penso que poderia passar mais tempo comigo.	1	2	3	4	5
36.Frequentemente sinto-me zangado com a minha figura de vinculação sem saber porquê.	1	2	3	4	5
37.Sinto que a coisa mais difícil é aguentar-me sozinho.	1	2	3	4	5
38.Sinto que há algo de errado comigo porque estou distante da minha figura de vinculação.	1	2	3	4	5
39.Não me inquieto com a minha figura de vinculação.	1	2	3	4	5
40.Não abduco das minhas necessidades para benefício da minha figura de vinculação.	1	2	3	4	5
41.A minha figura de vinculação está sempre a desapontar-me	1	2	3	4	5
42.Quando estou ansioso(a) necessito desesperadamente de estar perto da minha figura de vinculação.	1	2	3	4	5
43.Fazer coisas pela minha figura de vinculação faz-me sentir importante.	1	2	3	4	5

ANEXO D

LOVING AND WORKING

(Hazan & Shaver, 1990) Adaptação Portuguesa Marisa Fonseca & Isabel Soares (2005)

As afirmações abaixo apresentadas são descrições simples de sentimentos, sabendo que pode ser difícil identificar uma descrição que se encaixe perfeitamente, vamos pedir-lhe que escolha aquela que melhor o(a) descreve.

1. Por favor assinale com uma cruz (X) a afirmação que melhor descreva os seus <u>sentimentos nas relações amorosas</u> . Assinale apenas uma.	
<input type="checkbox"/>	Considero ser relativamente fácil ficar próximo(a) de outras pessoas e sinto-me confortável quando dependo delas. Habitualmente não me preocupo com a possibilidade de ser abandonado(a) ou de alguém se aproximar demasiado de mim.
<input type="checkbox"/>	Acho que as outras pessoas estão relutantes em ficar tão próximas de mim como eu gostaria. Preocupo-me, muitas vezes, que o meu companheiro (minha companheira) não me ame realmente, que não me queira, ou que não queira ficar comigo. Quero ficar muito próximo(a) do meu companheiro(minha companheira) e este desejo, às vezes, afasta-o(a).
<input type="checkbox"/>	Sinto-me algo desconfortável ao ser próximo(a) de outras pessoas. Sinto dificuldade em confiar nelas completamente e a permitir a mim próprio depender delas. Fico nervoso(a) quando alguém fica demasiado próximo de mim e, muitas vezes, os meus companheiros amorosos querem que eu seja mais íntimo(a) do que me sinto confortável a ser.

2. Por favor assinale com uma cruz (X) a afirmação que melhor descreva os seus <u>sentimentos acerca das relações sexuais</u> . Assinale apenas uma.	
<input type="checkbox"/>	A relação sexual é para ter prazer. Não tenho de estar “perdido(a) de amor” por alguém para apreciar as relações sexuais. Na verdade, por vezes, o romance apenas complica as coisas. Orgulho-me da minha competência como amante e considero-me, razoavelmente, experiente.

<input type="checkbox"/>	A minha principal atenção durante as relações sexuais é o prazer do meu companheiro (minha companheira). Orgulho-me da minha competência como amante e na minha capacidade de excitar o meu companheiro(minha companheira). Por vezes, aprecio mais o prazer dele(a) do que o meu.
<input type="checkbox"/>	Para mim a relação sexual é uma forma de me aproximar mais do meu companheiro (minha companheira). Aprecio o sentimento de perder os limites pessoais e as preocupações e de estar momentaneamente fundido(a) com alguém que amo. Durante a relação sexual, especialmente se o objectivo do meu companheiro (minha companheira) é fazer-me sentir bem, eu sinto-me contente, relaxado(a) e cuidado(a).
<input type="checkbox"/>	Vejo a relação sexual como uma oportunidade para intimidade e prazer mútuos. Gosto do sentimento de estar próximo(a) do meu companheiro (minha companheira) e de lhe dar prazer. Também gosto do sentimento de estar sexualmente excitado(a) e de me sentir desinibido(a). Para mim a relação sexual é uma questão de afecto mútuo.

3. Por favor assinale com uma cruz (X) a afirmação que melhor descreva os seus <u>sentimentos acerca de cuidar e ser cuidado</u>. Assinale apenas uma.	
<input type="checkbox"/>	Não gosto de pedir ajuda às outras pessoas e não sou o tipo de pessoa que recorra prontamente aos outros quando necessito. Sou mais independente, mais auto-suficiente, do que a maioria das pessoas. Desejo, muitas vezes, que os outros tomem conta de si próprios da mesma forma que eu tomo conta de mim.
<input type="checkbox"/>	Tendo a colocar as necessidades das pessoas que amo acima das minhas. Penso que, provavelmente, sou mais responsável e menos egoísta do que a maioria das pessoas. Os outros parecem precisar de mais ajuda e atenção do que eu. Sou competente a dar ajuda aos outros e sinto-me bem quando as suas necessidades estão satisfeitas.
<input type="checkbox"/>	Por vezes, é um incómodo quando os outros querem ajuda ou atenção, mas eu gosto do seu apreço quando sou capaz de ajudar e, normalmente, sinto culpa se não o faço. Gosto de receber a aprovação e o apoio das outras pessoas, desde que elas não tentem fazer-me sentir obrigado(a) ou culpado(a) por isso.

<input type="checkbox"/>	<p>Geralmente sinto prazer em ajudar e cuidar dos outros quando necessitam. Aceito de bom grado que os outros cuidem de mim quando estou doente, aflito ou a necessitar de ajuda. Habitualmente não me sinto desconfortável ao cuidar dos outros ou que estes cuidem de mim.</p>
--------------------------	--